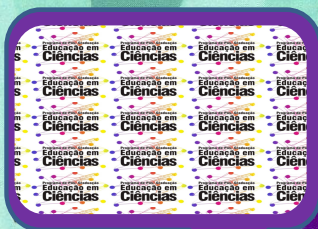




Universidade Federal do Rio Grande - FURG
PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde
Instituto de Educação

Aviso: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.



Adolescências
'caprichadas':
produção da
sexualidade
feminina
adolescente na
seção Sexo

Benícia Oliveira
da Silva

Prof^a. Dr^a.
Paula Regina
Costa Ribeiro
Orientadora

Rio Grande
2011

BENÍCIA OLIVEIRA DA SILVA

ADOLESCÊNCIAS “CAPRICHADAS”:
MODOS DE PRODUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro

RIO GRANDE
2011

S586a	Silva, Benícia Oliveira da Adolescências “caprichadas”: modos da produção da sexualidade feminina. / Benícia Oliveira da Silva. Orientação da Prof^a. Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro - Rio Grande: FURG/PPGQVS, 2011. 133 f.: il. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. 1. Educação 2. Sexualidade feminina 3. Adolescência 4. Artefatos culturais 5. Sexo 6. Revista Capricho I. Título. II. Ribeiro, Paula Regina Costa (Orientadora) CDU 37:316.7
-------	--

Catlogação na Fonte: Bibliotecária Simone Godinho Maisonave CRB-10/1733

Dedico este trabalho às estrelas que iluminam e guiam minha vida: pai, mãe, Lê e Arthur. Aos meus avós, Ema, Lourdes, Áureo e Sidney, pelo amor incondicional. E a mim mesma, por ter aceitado este desafio.

AGRADECIMENTOS

Sem diminuir o compromisso e a seriedade que assumi, ao me propor a escrever esta dissertação, atrevo-me a dizer que este momento foi num dos quais tive maior cuidado ao escrever. Digo isto porque seria injusto esquecer de alguém que, de alguma forma, fez parte da produção deste trabalho, seja com um olhar de confiança, com um abraço silencioso de acalanto, seja com palavras de incentivo, seja com momentos de risadas e de descontração para aliviar os momentos de angústia.

Inicio meus agradecimentos, dizendo um MUITO OBRIGADA gigante à minha orientadora, Prof^a. Paula Ribeiro, que me acolheu no grupo de pesquisa e que me fez acreditar que eu poderia, sim, ser uma pesquisadora. E agradeço à Paula professora, mãe, amiga e companheira, por todos os momentos que tive a honra e o prazer de estar ao teu lado, vivendo intensamente e aprendendo sempre. Obrigada pelo incentivo, pelas conversas, pelas orientações, pelas risadas, pelos puxões de orelhas e por ter me dado o presente de trabalhar no GESE.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola pela oportunidade de compartilhar conhecimentos e viver momentos inesquecíveis de trabalho e lazer. Agradeço à Raquel, pela mestra que sempre foi e será, mesmo que hoje não seja mais minha professora e, sim, colega e amiga, mas com quem aprendo todos os dias. Agradeço à Deise e à Suzana: é maravilhoso ter vocês ao meu lado, pois trilhamos um longo caminho juntas desde a graduação; espero que nossa caminhada, juntas, seja muito longa. Agradeço à Joaquina e à Jú, que foram as primeiras “hermanitas” que ganhei no GESE e que, até hoje, compartilham comigo momentos de amizade e aprendizagem. Obrigada à Renatinha, “mana” caçula, sempre tentando me animar. Obrigada à Dárcia, meu chaveirinho, que sem saber, em muitos momentos me alegrou com suas cantorias. Agradeço à Ana, por desde que entrou no grupo, exercer a função de “tia” com tanto carinho e pela ajuda e paciência com o referencial teórico e ajustes finais do meu trabalho. À Teresa, pelo exemplo de mulher e de competência, além de uma companhia maravilhosa desde meu ingresso no grupo. Agradeço à Lucilaine, Robertinha, Lavínia e Aline, pelos momentos de aprendizagem, de trabalho em equipe e de descontração. Agradeço ao André, bendito o fruto, à Fabi Teixeira, à Fabi Silva, à Joice, à Jéssica e à Guiomar, pessoas especiais, que fizeram parte desta minha trajetória. GESE, amo vocês!

Agradeço aos meus pais... Pai, muito obrigada por ser meu porto seguro e me fazer saber que estarás sempre ao meu lado. Mãe, obrigada pela amizade e pela presença constante em minha vida, por enxugar minhas lágrimas e me acompanhar na cervejinha, quando eu precisava relaxar. Amo vocês!

Agradeço a minha irmã Letícia, minha primeira musa inspiradora. Sempre quis ser igual a ti e, se hoje vejo nos teus olhos o orgulho que sentes por mim, sei que cheguei longe. Ao meu cunhado Bruno, irmão que a vida me deu, obrigada pelos abraços apertados nos momentos em que sempre precisei. E, juntamente aos dois, agradeço pelo meu afilhado Arthur, o maior presente que poderiam ter me dado, o meu talismã. Agradeço ao Arthur, pelas risadas gostosas, os abraços apaixonados e os beijos estalados e, claro, pelo “te amo, Didi”.

Agradeço aos meus avós, que me deram meus pais e minha família maravilhosa e por me encherem de amor desde que nasci. Vó Ema, obrigada pela incansável atenção e insaciável preocupação. Vó Lourdes, obrigada por, mesmo de longe, fazer eu sentir o teu amor. Vô Áureo, obrigado pelo carinho, exemplo de caráter e por eu ser “a neta linda que é a cara do vô”. Vô Sidney, obrigada pelo exemplo de perseverança, pelas histórias de vida, pela cumplicidade e confiança, mesmo quando nem eu acreditava em mim.

Muito obrigada aos meus padrinhos, meus segundos pais, Núbia e Miguel, por me mimarem e fazerem eu me sentir a afilhada mais amada do mundo. Agradeço às minhas tias lindas: Nádia, por ser loira igual a mim e por me inspirar aos caminhos da educação; e Rosane, pela ajuda nas revisões ortográficas desde o projeto para a seleção do mestrado até o resumo desta dissertação. Aos meus tios Paulo César e Gil, pelo carinho e por me fornecerem energia através de suas delícias culinárias.

Obrigada aos meus primos, meus amores, Felipe, Patrícia, Max, Luiza (afilhadinha) e Natalya, por serem além, de meus amigos, sempre torcerem por mim e fazerem parte da minha vida e das minhas conquistas.

Muito obrigada especial aos meus amigos Mariana e Jerônimo: não há palavras para agradecer o tanto que fizeram e fazem por mim, seja nos momentos tristes ou de alegria. Espero que eu saiba retribuir o tanto que vocês me dão. E que nossos encontros continuem sendo regados de cumplicidade, amor, vinhos, cervejinhas e Clericot.

Agradeço aos amigos Márcia, Ico, Duda e Rafael que, em momentos difíceis, me confortaram com suas amizades, dando força para que eu continuasse em busca dos meus objetivos.

Agradeço à Gilma, por ter me mostrado, ainda no Ensino Médio, o quanto a Biologia é linda – “Olha a coluna vertebral da cobra, que linda!” – e por isso hoje estou aqui. Obrigada a Bi, Paula, Rodrus e Sam, pelos “ajuntamentos” divertidos, fundamentais para aliviar o estresse.

Agradeço à Graciela, que me ajuda a descobrir o que me faz feliz e me ajuda a acreditar em mim mesma. Tinhas razão, eu posso sim!

Thanks to my teacher Eloá, for the abstract’s translate and for “therapy-classes”, because at the same time I learned English I was relieving the dissertation’s stress dreaming about London’s trip.

Agradeço à Prof^a. Paula Corrêa Henning, por aceitar compor a minha banca. A tua presença neste momento é muito especial e importante, posto que acompanhastes minha trajetória e contribuístes para minha pesquisa desde a seleção para o mestrado até as disciplinas em que tive a satisfação de ser tua aluna.

Agradeço à Prof^a. Márcia Luiza Machado Figueira, por compor a banca e pelas produções bibliográficas a respeito da revista CAPRICHÔ, que serviram como importante referencial teórico e inspiração para minha pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande – FURG, pela oportunidade de estudar numa instituição federal e ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, o qual oferece respaldo para que se efetive um ensino de qualidade e professores qualificados, os quais foram essenciais para a produção desta dissertação.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo financiamento de minha bolsa de estudos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar como os discursos presente na seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ interpelam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades. Este estudo está fundamentado no campo teórico dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas. Além de algumas proposições de Michel Foucault também compuseram o referencial teórico desta pesquisa os/as autores/as Rosa Maria Bueno Fischer, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Raquel Pereira Quadrado, Paula Regina Costa Ribeiro, Guacira Lopes Louro, Alfredo Veiga-Neto. Por esse viés, entendemos as sexualidades e as adolescências não somente constituídas por determinismos biológicas e cientificistas, mas também como construções sócio-históricas e culturais engendradas em relações de poder-saber e por tudo que se diz ou se representa a respeito destas características. Em nossa contemporaneidade, a expansão de múltiplas formas de produção e divulgação de discursos acerca das questões de sexualidade e adolescência ocorrem devido ao fato de que as instituições tidas como tradicionais – escola, família, igreja – estão dividindo ou disputando espaço com outras instâncias que vêm a contribuir nos processos de subjetivação dos sujeitos. Nesse sentido, dentre essas instâncias que vêm atuando nesses processos de constituição, esta dissertação tem como *corpus* de análise a mídia impressa, em especial, a seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ, analisada no período de agosto de 2008 a agosto de 2009. A análise da rede de discursos presentes nesta pedagogia cultural possibilitou perceber o quanto essa seção vem atuando como um espaço em que as meninas adolescentes confessam sobre as formas de viver suas sexualidades e o quanto os saberes e os conhecimentos acerca desta temática estão atribuídos às ciências e às vozes às quais foram conferidas a autoridade e a capacidade de falar a respeito de tal assunto. Os/as profissionais convocados/as a falar sobre sexualidade na seção **Sexo** ocupam as áreas da Psicologia, da Ginecologia, da Sexologia e da Terapia sexual. Suas contribuições nas seções **Sexo** são no sentido de “consultoria” e orientação, pois a partir dos posicionamentos, comportamentos, prazeres, medos e desejos das leitoras, os especialistas do sexo apontam, analisam, avaliam e normalizam a sexualidade das adolescentes. Dessa forma, em busca de “oficializar” seus discursos, a seção **Sexo** os produz e os divulga respaldados à ciência, promovendo veracidade e confiabilidade ao seu conteúdo. Assim, ao constituir-se como uma pedagogia cultural que produz e divulga significados acerca da sexualidade adolescente feminina a partir de discursos científicos, a revista CAPRICHÔ através da seção **Sexo** institui “verdades” sobre os modos que as adolescentes devem viver suas sexualidades.

Palavras-chave: Seção **Sexo**. Revista CAPRICHÔ. Adolescência. Sexualidade. Artefatos culturais.

ABSTRACT

This paper has the objective of investigating how the discourse presented at the section **Sexo** at CAPRICHÔ magazine examines the female adolescence, especially their sexuality. This study is theoretically grounded in the field of Cultural Studies and its post-structuralist derivation. Besides some Michel Foucault's proposals, the theoretical references that composed this research also included the authors Rosa Maria Bueno Fischer, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Raquel Pereira Quadrado, Paula Regina Costa Ribeiro, Guacira Lopes Louro, Alfredo Veiga-Neto. Following this line of thought, we understand the sexualities and adolescences not only constituted by biological or scientific determinism, but also as a sociohistorical and cultural construction produced in power-knowledge relations and for everything that is said and that is represented about these characteristics. In our contemporaneity, the expansion, production and spread of multiple discourses forms on sexuality and adolescence issues happen due to the fact that the institutions considered as the traditional ones - school, family, church - are sharing or disputing space with other instances that contribute with the processes of subjectification of the subjects. In this sense, among the instances that have been acting in these constitution processes, this paper has as its analysis *corpus* the printed media, especially the section **Sexo** from CAPRICHÔ magazine, analyzed from August 2008 to August 2009. The analysis on the discourse network presented at this cultural pedagogy made it possible to realize how much this section has been acting as a space where teenage girls confess their ways of living their sexualities and how much the knowledge on this theme is attributed to the sciences and to the voices to whom authority and capacity to talk about this issue were granted. The professionals summoned to talk about sexuality at the section **Sexo** belong to the areas of Psychology, Gynecology, Sexology and Sexual therapy. Their contributions to the section **Sexo** are a kind of “consulting” or guidance, once they are based on the readers' positions, behaviors, pleasures, fears and desires that the sex experts point out, analyze, evaluate and rule the adolescents' sexuality. This way, trying to have “official” discourses, the section **Sexo** produces and spreads them and it has the scientific support, promoting trustworthy and reliability to its content. Thus, CAPRICHÔ magazine constitutes itself in a cultural pedagogy that produces and spreads meanings on female adolescent sexuality based on scientific discourses, the magazine, through its section **Sexo** institutes “truths” on the ways that adolescents must live their sexualities.

Keywords: Section **Sexo**. CAPRICHÔ magazine. Adolescence. Sexuality. Cultural artifacts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 3.1	Gráfico ilustrando a porcentagem de leitores/as da revista CAPRICHÔ	30
Figura 3.2	Questionário para participar da seção Sexo	31
Figura 3.3	Dados da seção Sexo	32
Figura 4.1	Edições da seção Sexo	65
Figura 4.2	Possibilidades de abordagem a partir da seção Sexo	89

LISTA DE SIGLAS

Aids – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

GESE – Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

HIV – Vírus da Imunodeficiência Adquirida

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPG – Programa de Pós-Graduação

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	13
1.1	FORMATO DA DISSERTAÇÃO	14
2	INTRODUÇÃO.....	16
2.1	ENTENDIMENTOS A PARTIR DA PERSPECTIVA TEÓRICA DOS ESTUDOS CULTURAIS: ARTEFATOS CULTURAIS, ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE	19
3	CORPUS DE ANÁLISE	29
3.1	REVISTA CAPRICHIO	29
3.2	SEÇÃO SEXO	30
4	ARTIGOS	34
4.1	ARTIGO I – SEÇÃO SEXO, O CONFESSIONÁRIO: O QUE AS MENINAS DIZEM SOBRE OS MODOS DE VIVEREM SUAS SEXUALIDADES NA REVISTA CAPRICHIO	34
4.1.1	A produção da sexualidade	36
4.1.2	Apresentando a seção Sexo	41
4.1.3	Confissões em análise	42
4.1.3.1	Eu, leitora, confesso: sou hetero e meu “namo” é um menino	44
4.1.3.2	Eu, leitora, confesso: meu corpo	46
4.1.3.3	Eu, leitora, confesso: tabus e mitos acerca das sexualidades femininas e masculinas	48
4.1.4	Considerações em confissão	52
4.1.5	Referências	56
4.2	ARTIGO II – O ASSUNTO É SEXO, “E O QUE ISSO QUER DIZER?”: COLOCAÇÃO DO SEXO EM DISCURSO NUMA REVISTA ADOLESCENTE FEMININA	59
4.2.1	Pontos de partida: mídia, adolescência e sexualidade	59
4.2.2	Mapeando dados e ajustando o foco	60
4.2.3	A seção Sexo da revista CAPRICHIO: o <i>corpus</i> de análise	63
4.2.4	Dúvidas sobre sexo? Quem pode responder e o que “eles” têm a dizer? – Análises das dicas e comentários da seção Sexo	66
4.2.5	Para concluir	77
4.2.6	Referências	79
4.3	ARTIGO III – SEXUALIDADE NA SALA DE AULA: TECENDO APRENDIZAGENS A PARTIR DE UM ARTEFATO PEDAGÓGICO	82
4.3.1	Entrelaçamentos iniciais.....	82
4.3.2	Tecendo significados: a perspectiva teórica.....	83
4.3.2.1	Parâmetros Curriculares Nacionais enquanto artefato cultural: fios da sexualidade que engendram essa teia pedagógica	84
4.3.2.2	Entrelaçando fios: a utilização das revistas como artefatos culturais nas salas de aula constituindo a teia pedagógica	87
4.3.3	Tecendo algumas possibilidades de abordagem: a seção Sexo em destaque	89
4.3.4	Entre o entrelaçar e o tecer dos fios, algumas considerações produzidas ...	93
4.3.5	Referências	96

5	CONSIDERAÇÕES: O FIM DO CAPRICHOS?	98
6	REFERENCIAL TEÓRICO	103
7	ANEXOS	108
	ANEXO A – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1051, 2008, p. 82	108
	ANEXO B – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1052, 2008, p. 72	109
	ANEXO C – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1053, 2008, p. 98	110
	ANEXO D – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1054, 2008, p. 87	111
	ANEXO E – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1055, 2008, p. 92	112
	ANEXO F – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1056, 2008, p. 83	113
	ANEXO G – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1057, 2008, p. 90	114
	ANEXO H – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1058, 2008, p. 80	115
	ANEXO I – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1059, 2008, p. 74	116
	ANEXO J – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1060, 2008, p. 72	117
	ANEXO K – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1061, 2009, p. 66	118
	ANEXO L – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1062, 2009, p. 62	119
	ANEXO M – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1063, 2009, p. 63	120
	ANEXO N – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1064, 2009, p. 63	121
	ANEXO O – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1065, 2009, p. 69	122
	ANEXO P – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1066, 2009, p. 65	123
	ANEXO Q – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1067, 2009, p. 67	124
	ANEXO R – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1068, 2009, p. 71	125
	ANEXO S – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1069, 2009, p. 68	126
	ANEXO T – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1070, 2009, p. 70	127
	ANEXO U – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1071, 2009, p. 79	128
	ANEXO V – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1072, 2009, p. 87	128
	ANEXO W – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1073, 2009, p. 67	130
	ANEXO X – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1074, 2009, p. 64	131
	ANEXO Y – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1075, 2009, p. 75	132
	ANEXO Z – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1076, 2009, p. 60	133
	ANEXO AA – SEÇÃO SEXO , CAPRICHOS EDIÇÃO 1077, 2009, p. 73	134

1 APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo analisar a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, buscando investigar como os discursos desse artefato interpelam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades.

A seguir, no sentido de proporcionar um entendimento geral da forma como este trabalho foi estruturado, apresento, neste primeiro capítulo, como a dissertação foi organizada:

No segundo capítulo, conto os caminhos percorridos que me conduziram até o objeto de pesquisa. Também apresento algumas considerações acerca dos Estudos Culturais, campo teórico que configura a perspectiva teórica desta dissertação. Fundamentada neste campo teórico, em suas vertentes pós-estruturalistas, sustento as discussões realizadas neste trabalho, bem como os entendimentos de cultura, sexualidade, adolescência, artefatos culturais, verdade, poder, entre outros.

O terceiro capítulo ocupa-se do *corpus* de análise desta dissertação. Neste sentido, antes de falar sobre a seção **Sexo**, a qual foi principal fonte de análises para o presente estudo, primeiramente, apresento um histórico da revista CAPRICHÔ, contextualizando-a como um artefato midiático de grande circulação entre o público adolescente feminino. Por conseguinte, apresento a seção **Sexo**, colocando a forma como está organizada e os dados produzidos.

O capítulo seguinte é composto pelos artigos que configuram esta dissertação. A escolha pelas temáticas dos artigos deu-se a partir da análise do conjunto de 27 (vinte e sete) seções **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, analisadas no período de agosto de 2008 a agosto de 2009, nas quais emergiram as seguintes temáticas: a seção **Sexo** enquanto um confessionário; a produção de discursos e saberes acerca da sexualidade feminina adolescente a partir de discursos cientificistas de profissionais instituídos como autorizados a falar sobre o tema e a revista CAPRICHÔ enquanto um artefato cultural no espaço da sala de aula.

O primeiro artigo, intitulado “**Seção Sexo, o confessionário: o que as meninas dizem sobre os modos de viverem suas sexualidades na revista CAPRICHÔ**”, tem como objetivo analisar como a seção **Sexo** vem atuando como um espaço no qual as meninas adolescentes confessam sobre as formas de viverem suas sexualidades. Neste artigo, reconhecemos a seção **Sexo** como um importante instrumento de confissão, no qual as meninas revelam sobre suas sexualidades a si próprias, as editoras e as demais leitoras. As análises deste artigo foram discutidas a partir de três eixos: *Eu, leitora, confesso: sou hetero e meu “namo” é um menino;*

Eu, leitora, confesso: meu corpo; e Eu, leitora, confesso: tabus e mitos acerca das sexualidades femininas e masculinas.

No segundo artigo, intitulado “**O assunto é sexo, ‘e o que isso quer dizer?’: colocação do sexo em discurso numa revista adolescente feminina**”, foram analisados os saberes produzidos acerca da sexualidade adolescente feminina a partir de um discurso cientificamente “oficial” assinado por psicólogos/as, ginecologistas, terapeutas sexuais e sexólogos/as, ou seja, sujeitos aos quais foi conferida a propriedade dos saberes sexuais, instituindo como “verdadeiros” os discursos divulgados na seção. Este artigo possibilita observar a incitação e a produção de saberes acerca da sexualidade a partir de práticas de confissão e autoexames atrelados a uma *scientia sexualis*.

O terceiro e último artigo, cujo título é “**Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico**”, tem como objetivo discutir a seção **Sexo** enquanto um artefato cultural, entendendo que o uso da revista como uma ferramenta na prática pedagógica de ensino e aprendizagem possibilita a abordagem de assuntos como cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, doenças sexualmente transmissíveis (DST), etc., articulados a um contexto sócio-cultural, oportunizando, assim, pensar numa educação para a sexualidade para além do currículo escolar.

No quinto capítulo, finalizo esta dissertação apresentando algumas considerações sobre a trajetória de produção desta pesquisa. Neste sentido, exponho o quanto este trabalho me provocou um olhar e um pensar desconfiado sobre questões tidas como “verdades”, causando provocações sobre o pensar sobre mim mesma enquanto adolescente, mulher, professora, estudante, pesquisadora, amiga, enfim, nas múltiplas identidades que me constituem. Além disto, teço algumas considerações acerca da pesquisa realizada.

1.1 FORMATO DA DISSERTAÇÃO

Conforme a apresentação acima, a produção desta dissertação resultou na escrita de três artigos, nos quais a seção **Sexo** é analisada em diferentes vieses. Sendo assim, justifico a escolha por este formato de dissertação e das possíveis sobreposições e repetições que possam ter ocorrido nas discussões, buscamos minimizá-las ao máximo, selecionando artigos cujas abordagens diferenciam-se entre si. Esta forma de organização favorece a divulgação e maior circulação das análises realizadas neste estudo, pois possibilita a divulgação da pesquisa em eventos e em outros meios de publicação, oportunizando que um maior número de

pesquisadores/as e leitores/as em geral tenha acesso a este material, possibilitando assim, outros olhares, entendimentos e significações sobre o modo como a sexualidade vem sendo produzida na seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ.

2 INTRODUÇÃO

*Caminante, son tus huellas el camino y nada más;
caminante, no hay camino, se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.
(MACHADO, 2011)*

Início a escrita da introdução desta dissertação com o poema de Antônio Machado, que me remete às inquietações iniciais de fazer pesquisa, transitando no campo dos Estudos Culturais. No princípio do mestrado, quando comecei a cursar as disciplinas, eu ansiava por respostas a muitas questões – Qual é realmente o objeto da minha pesquisa? Quais são as minhas questões de pesquisa? Que caminhos metodológicos e teóricos devo seguir? Se eu problematizo, devo encontrar soluções? Se eu desestabilizo e desconstruo certos entendimentos, o que colocar no lugar? – que somente com o tempo, ao trilhar o meu caminho pela pesquisa é que percebi que estas respostas não estão prontas, mas são produzidas, ou seja, “não há caminho, o caminho se faz ao andar”.

Para mim, fazer pesquisa já era por si só um grande desafio, porém o desafio de fazê-la sob a perspectiva dos Estudos Culturais incitou-me a pensar sobre as práticas e discursos que nos cercam, posto que o movimento de pensar **sobre** não requeira responder perguntas ou encontrar respostas, tampouco apontar acertos ou erros: pensar, (re)pensar e problematizar o que nos está posto como “verdadeiro”, “natural” e “normal” vai além de entender **porquês**. O que importa é perceber o **como**, isto é, de que formas essas práticas e discursos constituem nossas subjetividades, interpelando nossas relações consigo, com os outros e com o mundo.

Ao escolher meu *corpus* de pesquisa, as maneiras de analisá-lo, os conceitos e os entendimentos escolhidos, não quis instituir nenhuma “verdade” sobre minhas colocações e minha produção, apenas desejei mostrar o que a paixão e o vício que adquiri em problematizar e (re)pensar sobre questões convencionalmente pré-instituídas num contexto social, histórico e cultural, possibilitaram-me produzir a partir de entendimentos próprios, articulados ao referencial teórico que escolhi, ou seja, quis mostrar minhas *huellas*¹ marcadas ao traçar o caminho até então percorrido.

¹ *Huella(s)* – vestígios, pegadas.

A escolha do tema pesquisado – sexualidade e adolescência feminina – está atrelada à minha inserção, quando minha graduação ainda estava em andamento, no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em que são discutidas questões de corpos, gêneros e sexualidades.

No grupo de pesquisa investigamos discursos e práticas relacionadas às sexualidades em diversas instâncias e espaços, buscando compreender e problematizar como tais discursos e práticas atuam na constituição dos sujeitos. Como integrante do GESE, tive oportunidade de participar de eventos, discussões e oficinas desenvolvidas para crianças, adolescentes e professores/as, nos quais o interesse pela temática sexualidade emergiu.

Dentre as atividades de que participei, cito, como a de maior relevância subjetiva, por refletir em minha trajetória, as oficinas realizadas com os/as adolescentes. Nestes encontros buscava-se criar um espaço narrativo, em que os/as jovens pudessem participar ouvindo, contando e contrapondo histórias das suas vidas, proporcionando que as questões de corpos, gêneros e sexualidades emergissem em meio às discussões. Durante os encontros foi possível perceber, através das falas dos/das adolescentes, que grande parte de suas dúvidas estavam relacionadas às formas de viver a sexualidade e às determinações biológicas atreladas a essa temática.

Através do GESE tive a possibilidade de ter contato com algumas leituras e autores/as dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como com algumas leituras do filósofo Michel Foucault, as quais me provocaram a pensar no quanto a sexualidade foi historicamente produzida, fundamentada às explicações científicas e biológicas sobre o funcionamento do corpo e, provavelmente por isso, os discursos que circulam acerca das sexualidades sejam respaldados por discursos cientificistas.

Após concluir minha graduação em Ciências Biológicas – Licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, não tinha certeza de qual direção tomariam meus caminhos. A alguns meses de concluir minha graduação, ao folhear a revista CAPRICHÔ, de uma adolescente, deparei-me com a seção intitulada **Sexo**, na qual eram apresentados bate-papos entre as editoras da seção e as leitoras da revista, enquetes e dicas, e comentários assinados por profissionais, como psicólogos/as, sexólogos/as, ginecologistas, relacionados a momentos antes, durante e depois da relação sexual. O *corpus* de análise foi “descoberto”.

A partir da identificação da seção **Sexo**, ficamos instigadas a saber mais sobre a publicação da mesma, sobre os discursos que divulgava e as formas como a sexualidade

adolescente feminina vinha sendo produzida nesse artefato. Desta forma, elegemos os “objetos-chave” da pesquisa: seção **Sexo**, adolescência feminina e sexualidade.

Neste sentido, passei a ser assinante da revista CAPRICHÔ, no período de agosto de 2008 a agosto de 2009. Analisando as seções, percebemos que, nesse espaço, as meninas confessavam suas intimidades, seus prazeres, seus medos, suas dúvidas e que, através das dicas e comentários dos especialistas, recebiam aconselhamentos de como deveriam agir em determinadas situações. Assim, identificamos uma rede discursiva, na qual discursos acerca da sexualidade feminina adolescente eram produzidos e divulgados, ensinando às leitoras da revista uma forma de viverem suas sexualidades.

Neste contexto, participei do processo de seleção para o mestrado, no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da FURG, na linha de pesquisa “Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”, apresentando, em meu projeto, o objetivo de analisar a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, buscando investigar como os discursos desse artefato atravessam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades.

Este Programa de Pós-Graduação (PPG) e esta linha de pesquisa estão imbricados, tendo como proposta investigar as práticas sociais processadas em diferentes instâncias, buscando compreender como os discursos e as práticas atuam na construção de “verdades”, produzindo significados e representações que interpelam na constituição dos sujeitos. Assim, vão de encontro à minha pesquisa, posto que, dentre as diversas instâncias que criam e estabelecem significados, como a família, a igreja, a escola e outras, contemplo uma instância midiática como objeto de análise.

Segundo Rosa Fischer (2010, p. 588), “a mídia é um lugar privilegiado de criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais”. Nesta dissertação, identificamos a seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ, como um espaço que, ao produzir e divulgar significados acerca da sexualidade adolescente feminina, ensina às leitoras certos modos de viverem suas sexualidades, constituindo-se assim como uma pedagogia cultural.

A partir do conceito de pedagogia cultural, os Estudos Culturais têm ampliado o entendimento de educação para além da escola, abarcando outras aéreas, práticas, processos, instâncias e instituições sociais como pedagógicas – Biologia, Medicina, artes, televisão, música, cinema, esportes, brinquedos e, aqui, em especial, a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ.

A fim de tecer algumas considerações acerca do campo teórico dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, não no sentido de interpretá-los, mas na busca de apresentar ao leitor a perspectiva teórica, bem como os/as autores/as, que me aproximaram aos entendimentos que fundamentam a presente dissertação, a seguir, apresento o referencial teórico.

2.1 ENTENDIMENTOS A PARTIR DA PERSPECTIVA TEÓRICA DOS ESTUDOS CULTURAIS: ARTEFATOS CULTURAIS, ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

Os Estudos Culturais têm origem britânica, sendo inicialmente institucionalizados em 1964, no *Center for Contemporary Cultural Studies*², da Universidade de Birmingham (COSTA, 2004), caracterizando-se por ser um campo de estudos em que diversas disciplinas interagem para estudar os processos de produção cultural da sociedade contemporânea, trata-se de “uma alquimia para produzir conhecimento útil sobre o amplo domínio da cultura humana” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2008, p. 9). Stuart Hall, um dos fundadores do Centro, no que se trata em definir os Estudos Culturais, escreveu “*cultural studies is not one thing; it has never been one thing*”³ (HALL, 2011, p. 2).

Nesse sentido, os Estudos Culturais não se constituem como uma disciplina tradicional; ao contrário, não se limitam a tópicos, visando atravessar todas as disciplinas causando um afrouxamento entre elas. Dessa forma, esse campo de estudos não são apenas interdisciplinares, mas também transdisciplinares e frequentemente são apontados como antidisciplinares.

Assim como a condição de não se estabelecer enquanto uma disciplina, “a metodologia dos Estudos Culturais fornece uma marca igualmente desconfortável” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2008, p. 9); isso ocorre devido ao fato de que esse campo é teoricamente versátil, pois

[...] não tem qualquer garantia sobre quais são as questões importantes a serem feitas em dados contextos nem como respondê-las; portanto, nenhuma metodologia pode ser privilegiada ou mesmo temporariamente empregada com total segurança e confiança, embora nenhuma possa tampouco ser eliminada antecipadamente (Ibid., p. 10).

² Centro de Estudos Culturais Contemporâneos.

³ “Os Estudos Culturais não são uma única coisa; nunca foram uma única coisa”.

Desde a década de sessenta, quando o Centro de Estudos Culturais foi fundado por Richard Hoggart, inspirado em sua pesquisa intitulada “As utilizações da cultura” (1957), o eixo principal da pesquisa dos Estudos Culturais é “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como, suas relações com a sociedade e mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 2).

A partir de então, os Estudos Culturais têm suas análises centradas na cultura, entendendo-a “como um campo de luta em torno da significação social” (SILVA, 2009, p. 133), visando problematizar a distinção entre a “alta cultura” – tradicionalmente representada pelas artes clássicas, como literatura, pintura, música e pela filosofia – e a “cultura popular”, também chamada de “baixa cultura” ou “cultura de massa” – representada por práticas populares, vivenciadas pelas “pessoas comuns”.

Buscando desconstruir os binarismos e as diferenças entre os diferentes tipos de culturas, Raymond Williams desenvolveu uma concepção de cultura que “deveria ser entendida como o modo de vida global de uma sociedade, como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano” (SILVA, 2009, p. 131); Para Costa, Williams dá “uma definição social de cultura – a cultura como descrição de um modo de vida” (2004, p. 24).

Para Silva (2009), a cultura é

[...] um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder (p. 134).

Portanto, a cultura está vinculada a relações de poder, a partir das quais se estabelecem os significados que se tornam culturalmente relevantes a um determinado grupo social.

A partir disso, compreende-se que todo conhecimento, constituído por um processo de significação, é cultural e está imbricado a relações de poder. Partindo dessa perspectiva, os Estudos Culturais consideram seus objetos de análise como artefatos culturais, posto que esses resultem de processos culturais. Nesse sentido, esse campo ocupa-se da análise de múltiplas instâncias, instituições, práticas e processos culturais – cinema, livros, televisão, publicidade, música, revistas, ciências – os quais procedem de produções sociais.

Os artefatos culturais citados acima contêm pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e (re)produzindo significados. Daí, passamos a perceber que nós, enquanto sujeitos de uma cultura, somos constituídos nela e por ela. Dessa forma, os processos que constituem nossas identidades e subjetividades são tanto educacionais quanto

culturais e sobre essa perspectiva é possível compreender que “o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (SILVA, 2009, p. 139).

A denominação do termo “pedagogia cultural” é justificada por Steinberg, ao entender que a educação ocorre

[...] numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc. (STEINBERG; KINCHELOE, 2001, p. 14).

Dessa forma, identificamos a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, enquanto um artefato cultural no qual pedagogias culturais são instituídas, ou seja, a partir de práticas discursivas, saberes, conhecimentos, significados e representações acerca da sexualidade adolescente feminina são colocados em circulação, ensinando às leitoras a forma como devem viver suas sexualidades. Neste sentido, estou entendendo pedagogia

[...] como todas aquelas práticas e discursos implicados em relações de poder e de significação que, ao construírem conhecimentos, desejos, valores, encontram-se implicadas na constituição das identidades/subjetividades (RIBEIRO, 2002, p. 78).

Pesquisar a seção **Sexo** – e também a revista CAPRICHÔ – como artefatos culturais, parte do entendimento de que são produções culturais, “resultado de um processo de construção social” (SILVA, 2009, p. 134) – textos, peças publicitárias, imagens, músicas, conteúdos da *internet* (*sites* diversos como, por exemplo, os de relacionamento), videocliques, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos – que, inseridas a um determinado contexto cultural, produzem significados acerca de determinados conhecimentos, possibilitando múltiplas formas de pertencimento. Para Silva (2009, p. 139), “sob a ótica dos Estudos Culturais todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural. Além disso, como sistema de significação, todo o conhecimento está estreitamente vinculado com relações de poder”.

A partir desses entendimentos, a seção **Sexo** coloca em circulação algumas representações acerca das sexualidades adolescentes femininas. Esse processo de circulação dá-se a partir da cultura e na cultura, isto é, ao mesmo tempo em que a seção **Sexo** ensina às leitoras um modo de viverem suas sexualidades, esse modo culturalmente aprendido passa a ser reproduzido pelas meninas em suas falas durante os bate-papos na seção **Sexo**. Dessa

forma, nesse “circuito da cultura” ⁴, diversos significados sobre a sexualidade adolescente feminina vão sendo produzidos, fixando representações acerca das identidades adolescentes femininas.

Acerca dos entendimentos e relações estabelecidos entre os conceitos de cultura, significado e representação, Stuart Hall sustenta que “o conceito de representação veio a ocupar um lugar de destaque no estudo da cultura. A representação liga o significado e a linguagem à cultura” (1997, p. 11), tornando-se assim, “parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura” (Ibid., p. 11).

Nesse contexto, a linguagem tem importante papel, pois produz os significados, possibilitando a produção e o intercâmbio dos mesmos. A linguagem permite que os significados sejam compartilhados entre os sujeitos que estão inseridos em pequenos grupos ou na sociedade. Podemos dizer que a linguagem produz e divulga significados exatamente pelo fato de promover o entendimento entre os indivíduos de uma rede social, através de signos, sinais, símbolos, sons, imagens.

Na seção **Sexo**, é possível identificar nomenclaturas e expressões como “namo”, “rolar”, “mico”, “transa”, “pintar um clima” e até a escrita da língua portuguesa de uma forma diferente – “... isso não **eh** tão normal...”, “... o primeiro impacto **dah** um constrangimento...”, “... às vezes **tbm eh** pra ficar + à vontade...”, “... não vejo **mta** diferença...”, “... falar que **naum tah** gostando...”, que de alguma forma fazem com que as leitoras da revista, ao identificarem tais representações, compartilhem os mesmos significados, conectando-as a uma rede social.

A seção **Sexo** e a própria revista CAPRICHÔ, juntamente a outros artefatos midiáticos, são um dos principais meios de circulação e divulgação de significados em nossa sociedade. Para Daniela Ripoll, a mídia “cada vez mais, encurta velocidades, tempos e distâncias, favorecendo encontros, trocas e hibridismos de textos, sons e imagens” (2011, p. 54), a cultura da mídia fornece “o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’” (KELLNER, 2001, p. 9).

Segundo Rosa Fischer (1996, p. 123), em nossa atualidade, a mídia pode ser pensada “como uma espécie de lugar de superposição de ‘verdades’”; isso ocorre devido à ampla capacidade de circulação e alcance que os discursos produzidos e divulgados pelos meios

⁴ A expressão “circuito da cultura” é utilizada a partir de Hall (1997, p. 3-4). Segundo o autor “os significados são produzidos em diversos lugares” e circulam “através de diversos processos ou práticas”, caracterizando o circuito da cultura.

mediáticos têm, além de que, quando divulgados, esses discursos tendem a ter suas forças de efeitos multiplicadas. Nesse sentido, as meninas leitoras da revista CAPRICHÔ, ao reproduzirem os discursos presentes na seção **Sexo**, atribuem às falas presentes na revista o caráter de “verdade”. Assim, as sociedades vão estabelecendo os locais privilegiados a multiplicarem discursos de “verdade” aos quais é atribuída a eficácia do poder. Nessa pesquisa, podemos identificar a seção **Sexo** e também a revista CAPRICHÔ como um desses locais, inferindo que as práticas culturais configuram formas de poder, ou seja, “a cultura é um jogo de poder” (SILVA, 2009, p. 134).

É importante ressaltarmos que, na perspectiva a partir da qual produzimos esta pesquisa, falamos de “poder” a partir das proposições de Michel Foucault. Para o autor, o poder não tem um ponto central de origem e nem está relacionado à violência, posto que esta atue sobre um corpo submetendo-o à passividade, negando qualquer possibilidade de resistência. Ao contrário da violência, “lá onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2007, p. 105). O poder não está relacionado a uma ação direta sobre um corpo. O poder articula-se a partir de relações de poder, na ação sobre a ação do outro, sem que isso institua binarismos – opressor/oprimido, forte/fraco. Nas relações de poder deve-se, segundo Foucault,

[...] supor que as correlações de força múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social [...] É nesse campo das correlações de força que se deve tentar analisar as relações de poder (Ibid., p. 104-107).

Conforme Veiga-Neto (2004), esse entendimento de poder está distante do compreendido pelos primeiros autores do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, de Birmingham, porém, atualmente, para os Estudos Culturais

[...] o poder, mais do que ocupar uma posição de destaque nos processos culturais, é indissociável desses processos, de modo que para podermos compreendê-los, e podermos intervir em tais processos, é absolutamente fundamental colocar o poder em nossas equações e em nossas agendas (Ibid., p. 64).

Nesse sentido, a partir dos pressupostos aqui apresentados e “ao colocar o poder no centro das significações” (VEIGA-NETO, 2004, p. 40), dentre as múltiplas categorias que os Estudos Culturais elegem como questões de pesquisa – nacionalidade e identidade nacional, raça, etnia, pedagogia, gênero (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2008) – elegemos, neste trabalho, a questão da sexualidade como um dos principais tópicos de análise na

produção do mesmo. Portanto, nos encaminhamos a apresentar os entendimentos acerca desta temática.

A sexualidade é estabelecida por Foucault (2007) como um “dispositivo histórico”, isto é, ela é uma invenção socialmente, historicamente e culturalmente construída a partir de múltiplos discursos e práticas sociais que instauram saberes, regulam e normatizam os sujeitos através da produção de “verdades” acerca do sexo.

Ao falar em sexualidade a partir do “dispositivo de sexualidade”, Foucault quis demarcar

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (2008b, p. 244).

Segundo o autor, “o sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir da nossa espécie, nossa ‘verdade’ de sujeito humano” (Ibid., p. 229). Dessa forma, a partir de discursos de “verdade” sobre os sexos dos sujeitos, a sexualidade tem sido regulada e normalizada.

Os mecanismos de poder que atuam sobre a produção de nossas sexualidades, ligando o sexo à “verdade”, não são uma novidade contemporânea. Nesse sentido, Foucault discutiu que, a partir do fim do século XVII, o sexo foi colocado em discurso e, ao contrário de uma restrição, o que se viu foi um mecanismo crescente de incitação, a “hipótese repressiva” (2007, p. 21). Para o autor, houve uma explosão discursiva “em torno e a propósito do sexo” (Ibid., p. 23). Nessa explosão discursiva, houve um refinamento do vocabulário autorizado, um controle das enunciações, definiu-se onde e quando falar sobre sexo, em quais situações, quais os locutores e interlocutores. Essa foi a forma que a sociedade contemporânea encontrou de vigiar, normatizar e controlar a sexualidade – falando intensamente sobre ela.

Há três séculos, o sexo tem se constituído como um objeto de “verdade”. Para Foucault (2007), a *ars erotica* e a *scientia sexualis* caracterizam dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo.

A *ars erotica* foi desenvolvida nas civilizações orientais tais como China, Japão, Índia, Roma e as nações árabe-muçulmanas. Nela, a verdade sobre o sexo era “extraída do próprio prazer” (FOUCAULT, 2007, p. 65), não estando vinculada a qualquer utilidade nem a prescrições morais ou verdades científicas. Embora o discurso sobre o sexo fosse abundante nessas sociedades, não se tinha como propósito estabelecer uma ciência sobre o sexo; o que

importava era a intensidade do prazer, sua qualidade e duração. Assim, o oriente extraía do próprio prazer a verdade sobre o sexo e o prazer era extraído de um saber que deveria permanecer secreto, “não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado” (Ibid., p. 66).

A civilização ocidental desenvolveu outro meio de falar a verdade sobre o sexo. A partir do século XIX, desenvolveu a *scientia sexualis*, a partir da qual “temos ou tentamos ter uma ciência sexual” (FOUCAULT, 2010, p. 61), ou seja, um discurso científico sobre a sexualidade das pessoas. A partir da *scientia sexualis*, visava-se controlar o corpo e o sexo dos homens e mulheres, e para isso foram desenvolvidos procedimentos em forma de poder-saber para fazer-se falar a verdade sobre o sexo. A confissão é o principal procedimento que, ao longo dos séculos, tem sido central, nessa ciência do sexo, na produção de saberes sobre o sexo. Dessa forma, a confissão, nas sociedades ocidentais, é considerada uma das técnicas mais importantes de produção de verdades.

Foucault entende por confissão os “procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (2008b, p. 264). É na confissão que se ligam a verdade e o sexo e, assim, a partir das técnicas de confissão e de discursividades científicas, tem se estabelecido a produção da verdade sobre nossas sexualidades.

Assim, a *scientia sexualis* é um dispositivo de sexualidade, uma tecnologia que fala sobre sexo, produz verdades e discursos científicos sobre ele. Nessa ciência, o sexo é objeto de conhecimento e, nela, podemos identificar uma ciência-confissão que, através de procedimentos técnicos, incita os sujeitos a falarem e a confessarem “verdades” não apenas a quem está se confessando – o ouvinte, mas também a si mesmo, ao próprio sujeito que fala; sendo assim, a confissão tem efeitos sobre o próprio sujeito que se confessa.

Na seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, foi possível identificar a produção de “verdades” acerca da sexualidade a partir da articulação de uma “ciência-confissão”. Pois, profissionais das áreas da Psicologia, da Sexologia e da Ginecologia são os responsáveis a assinar as dicas e comentários a respeito das discussões realizadas nas seções. Além de que a seção **Sexo** seja completamente caracterizada como um espaço de confissão, em que através dos bate-papos, as meninas confessam suas sexualidades às editoras, às leitoras e a si próprias.

Embora nesta dissertação tenhamos como foco a seção **Sexo**, como artefato midiático de análise, é interessante pensarmos que a prática de confissão é sempre muito presente no contexto midiático. Os *reality shows* são um exemplo no qual a “revelação de si” gera altos

índices de audiência. Falar de si, revelar a si próprio, expondo suas intimidades, seus desejos, seus medos, seus erros, são trunfos utilizados pela mídia para atrair o público. E isso não ocorre apenas na mídia televisiva, nos *reality shows* ou em programas de auditório. Na mídia digital (*Orkut, Twitter, Facebook*) e na mídia impressa também é possível identificar a técnica de confissão operando e, nisso, tanto as celebridades quanto as pessoas comuns revelam suas privacidades (de forma voluntária ou involuntária) expondo-se a uma multiplicidade de opiniões, interpretações e respostas às experiências confessadas.

No caso da mídia televisiva, as opiniões são dadas pelos/as apresentadores/as e pelo auditório ou pelo público que assiste ao programa em suas casas. Já na mídia impressa, as opiniões ficam por conta dos editores das revistas e do público leitor. No entanto, em ambas as instâncias midiáticas as respostas e interpretações, as confissões são sempre multiplicadas nas vozes de conselheiros especializados de um certo campo de conhecimento, como os médicos, os psicólogos, os nutricionistas, os pediatras, os dermatologistas, entre outros que “dedicam-se a comunicar, através da mídia, os novos saberes que nesse ambiente se produzem” (FISCHER, 1996, p. 85).

Nos textos da mídia, a discursividade sobre “que fazer de si mesmo” passa sempre por uma “revelação de si”. A base das produções textuais, em geral, é a confissão que os próprios sujeitos fazem de sua vida íntima, de sua precariedade humana, dos seus desejos, dos seus pecados ou até dos simples atos do seu cotidiano. Na mesma medida em que proliferam ocasiões nas quais pessoas comuns ou celebridades são convidadas a expor as mazelas de sua privacidade (ou são apanhadas involuntariamente nessa condição), multiplicam-se as “respostas” aos conflitos aí confessados: psicólogos, psicanalistas, endocrinologistas, nutricionistas, ginecologistas, comunicadores alçados a diretores espirituais, pediatras – toda uma gama de conselheiros do corpo e da alma – dedicam-se a comunicar, através da mídia, os novos saberes que nesse ambiente se produzem. São dois tipos de textos – dos que se confessam e dos que interpretam as confissões, a partir de um certo campo de conhecimento –, em que sobressai um discurso sobre a sexualidade (Ibid., p. 85).

Neste sentido, é que identificamos a seção **Sexo** como um espaço em que a técnica de confissão configura-se como uma prática da “revelação de si”, subordinando as confissões a interpretações vinculadas a saberes e conhecimentos cientificistas e biologicistas sob as vozes as quais foram conferidas a autoridade e a capacidade de falar a respeito de tal assunto.

A partir dessa articulação “ciência-confissão”, que vemos presente na seção **Sexo**, é que podemos observar de que forma os saberes acerca das sexualidades adolescentes femininas vão sendo produzidos nesse artefato. O que vemos é uma pedagogia da sexualidade sendo colocada em prática, uma pedagogia “sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre eficiente e duradoura” (LOURO, 2007, p. 17).

Neste estudo interessamo-nos em analisar como os discursos produzidos por essa pedagogia da sexualidade vêm interpelando a sexualidade das meninas adolescentes. Desta forma, julgamos importante elucidar a partir de qual entendimento estamos falando em adolescência.

Nesta dissertação, tomaremos o entendimento de adolescência a partir de Raquel Quadrado,

[...] como uma construção que se dá a partir dos discursos de diversos campos – biologia, psicologia, sociologia, história, antropologia, entre outros – e de diversas pedagogias culturais – programas de TV, jornais, revistas, músicas, propagandas, filmes, festas, etc. – que, ao representarem a adolescência, estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e atuando, também, na produção de identidades (2006, p. 28).

Dentro da perspectiva em que estamos transitando, podemos dizer, então, que a adolescência é uma invenção produzida discursivamente, assumindo um caráter social, cultural e histórico.

Segundo Rosângela Soares (2000), a denominação de adolescência como um período de transição entre a infância e a idade adulta foi exposto pela primeira vez na modernidade, a partir de “uma diversidade de discursos originados de diversos campos disciplinares, como a psicologia, a biologia e a sociologia, que propuseram como olhar, viver, pensar e intervir nesse processo” (Ibid., p. 153).

As concepções de adolescência atreladas a percepções como “natureza humana” e “etapa natural”, como algo próprio e inerente ao desenvolvimento de qualquer sujeito, são, segundo Ozella (2003) a concepção hegemônica e vigente da adolescência não apenas para a Psicologia, mas também em outros espaços, campos e instâncias sociais, como a mídia, por exemplo.

Compreender a adolescência como “uma etapa marcada por conflitos e crises ‘naturais’ da idade, por tormentos e conturbações vinculados à emergência da sexualidade [...] que ocorreria necessariamente em qualquer condição histórica e cultural” (OZELLA, 2003, p. 9), condiciona socialmente a construção de uma adolescência universal, configurando concepções “a fim de poder definir como são os/as adolescentes e o que fazer com eles (elas)” (SOARES, 2000, p. 153), efetuando formas de controle, ditando o que é ou não “normal” no âmbito da adolescência.

A adolescência como um período de latência social emergiu a partir da sociedade capitalista, devido a questões de extensão no período escolar – devido à demanda tecnológica

– e o ingresso tardio dos jovens no mercado de trabalho constituído (KAHHALE, 2003, QUADRADO, 2006).

Esse período de espera, de afastamento das responsabilidades “didas” de adultos, vai sendo produzido por uma rede de discursos que vão engendrando a adolescência sob diversos aspectos. Um desses discursos é o do campo da biologia, que produz uma abordagem essencialista e determinista, com ênfase nas mudanças corporais, na produção de hormônios e nas diferenças físicas entre meninos e meninas. Nessa perspectiva, a adolescência seria uma fase da vida biologicamente determinada, vivida de forma homogênea por todas as pessoas, independente da cultura a que pertençam (QUADRADO, 2006, p. 28).

Dessa forma, a adolescência é “descrita” a partir de significados culturalmente e historicamente produzidos.

Assim, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, tanto a sexualidade quanto a adolescência são construções discursivas, nas quais a produção de significados tem caráter social, histórico e cultural. Neste sentido, por entendermos a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, como um processo cultural de produção e intercâmbio de significados, elegemos este artefato cultural como *corpus* de análise desta dissertação.

3 CORPUS DE ANÁLISE

3.1 REVISTA CAPRICHÔ

A revista CAPRICHÔ se diz “a única marca do universo *teen* a estar presente na vida da adolescente brasileira onde quer que ela esteja. Quem precisa falar com os *teens*, fala com CAPRICHÔ!”. Talvez, por ter um entendimento tãoarrojado a respeito de si, é que essa revista há mais de cinco décadas seja “líder absoluta na comunicação com as garotas brasileiras” (PUBLIABRIL, 2011).

A revista foi criada em 1952, pela Editora Abril, tornando-se a primeira revista da editora e também a primeira revista feminina do Brasil. Nessa época, a revista era publicada quinzenalmente e suas páginas eram preenchidas por fotonovelas e histórias de amor em quadrinhos. No mesmo ano de sua fundação, a revista mudou o formato, passando a ter a periodicidade mensal e incluindo novos tópicos de moda, beleza, comportamento, entre outros. Quatro anos após seu lançamento, a revista bateu o recorde de tiragem na América Latina, atingindo o número de 500.000 exemplares por edição, dando indícios de que realmente seria uma revista de grande circulação e que seu sucesso se propagaria por muitos anos.

A história da revista CAPRICHÔ é marcada por muitas mudanças: os editoriais, o formato, os conteúdos e até o público alvo foram mudando ao longo da sua existência. Em 1985, a CAPRICHÔ adotou o *slogan* “A Revista da Gatinha” e o público alvo passou a serem leitoras adolescentes.

Desde a sua criação, a revista buscou demarcar uma faixa etária para determinar o seu público adolescente. Somente em 1999, com intuito de ampliar o seu público alvo, a revista direciona-se a “meninas que estão vivendo a adolescência, independente da idade” (HISTÓRIA, 2011).

O formato atual da revista existe desde julho de 2006. É publicada quinzenalmente e é organizada em cinco grandes seções: V.I.P., beleza, moda, você e diversão. Nessas seções são publicadas matérias sobre diversas questões como a vida dos famosos, cabelos da moda, produtos de beleza, esportes, testes sobre comportamento e relacionamentos, horóscopo, entre outros.

CAPRICHÔ, além de intitular a revista, tornou-se uma marca. Além da revista impressa, a revista também tem um *site*, promove eventos e produtos variados como perfumarias, roupas e material escolar.

O *site*⁵ da Editora Abril informa que a revista CAPRICHÔ tem mais de 2,2 milhões de leitoras por edição. O “leitoras”, representado pelo gênero feminino, não é apenas devido ao fato de a revista se dizer voltada ao público feminino, pois ao analisar o gráfico abaixo (Fig. 3.1) é possível constatar que o grande público da revista é contemplado por meninas.

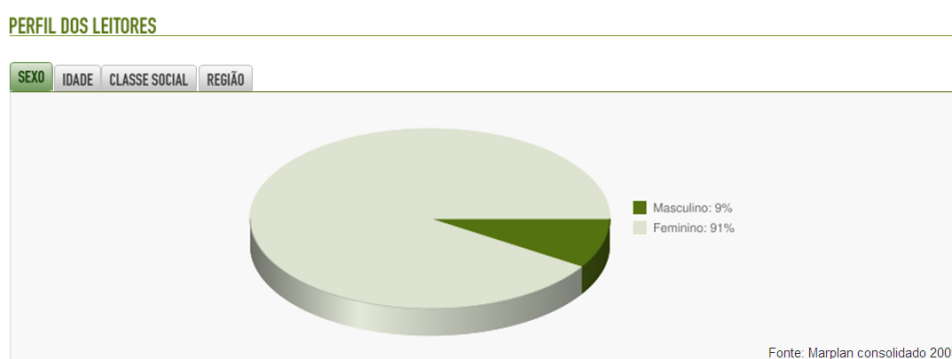


Figura 3.1 – Gráfico ilustrando a porcentagem, por sexo, de leitores/as da revista.
Fonte: Publiabril, 2011.

Diante dessas informações, é possível visualizarmos o quanto a revista CAPRICHÔ faz parte da cultura e da produção das adolescentes. Nesse sentido, constitui-se como um opulento artefato cultural de pesquisa.

3.2 SEÇÃO SEXO

A seção **Sexo** existe desde junho de 2006⁶, sendo uma “subseção” dentro da seção **Você**, da revista CAPRICHÔ. Assim como a revista CAPRICHÔ, a seção **Sexo** também é publicada quinzenalmente, abordando a cada publicação questões relacionadas a momentos antes, durante e depois das relações sexuais.

Essa coluna, desde sua criação, apresenta o mesmo formato, sendo produzida com a participação de quatro a cinco leitoras que interagem num bate-papo com a editora da seção⁷.

⁵ PUBLIABRIL, 2011.

⁶ Dado retirado do *site* da revista CAPRICHÔ através do link: <http://app.arquivo.abril.com.br/texto_integral_abril/pesquisaConteudo.do> em agosto de 2009. O acesso a este link só era permitido a assinantes da revista. Nele, era possível ter acesso a publicações de edições da revista desde 1999, a partir destas edições foi realizada a pesquisa sobre a data de início da seção **Sexo**. No entanto, no ano de 2011, o *site* da revista foi modificado, não oferecendo mais essa opção.

⁷ Dentre todas as 27 seções analisadas, as edições da seção **Sexo** sempre foram assinadas por mulheres.

A organização da seção é dada a partir de três pontos: “bate-papo” entre a editora da seção e as leitoras participantes; dados da enquete realizada no *site* da revista acerca da temática discutida; dicas e comentários de profissionais sobre o que foi discutido na seção.

Para participar dos bate-papos, as leitoras precisam preencher um questionário (Fig. 3.2) disponível no *site* da revista.

Sexo

Quer participar da seção de sexo? Responda as perguntas abaixo. Se você for selecionada, uma repórter da CAPRICHÔ entrará em contato.

Seu nome :

Seu telefone : (ddd) nnnn-nnnn

Seu e-mail :

Data de nascimento :

Você já transou?

Qual é sua maior dúvida relacionada a sexo?

Por que você gostaria de participar da seção?

Enviar ✓

Figura 3.2 – Questionário para participar da seção **Sexo**.
Fonte: <http://capricho.abril.com.br/revista/sexo.shtml> ⁸.

Após o preenchimento do questionário, a revista CAPRICHÔ seleciona as leitoras que participam da seção.

Para esta dissertação, foram analisadas um total de vinte e sete seções **Sexo**, correspondendo ao período de agosto de 2008 a agosto de 2009. As análises foram centradas nos títulos das seções, nos bate-papos e nas dicas e comentários. Para melhor organização e análise de dados, elaborou-se a tabela abaixo (Fig. 3.3):

⁸ Desde o ano de início da pesquisa o *site* da revista CAPRICHÔ sofreu algumas alterações, portanto é possível que alguns links apresentem problema de acesso.

Anexo	Nº edição da revista/ Data	Título da seção	Título/especialista das dicas e comentários
A	<u>Edição nº1051</u> 17 de agosto de 2008	SEM ROUPA E com vergonha... como você fica na frente dele?	Não apresentou dicas e comentários
B	<u>Edição nº1052</u> 31 de agosto de 2008	LUGAR CERTO Casa, motel, cama... Onde é melhor transar?	Não apresentou dicas e comentários
C	<u>Edição nº1053</u> 14 de setembro de 2008	OS DESEJOS DELE Vale a pena fazer tudo o que um garoto pede?	Não apresentou dicas e comentários
D	<u>Edição nº1054</u> 28 de setembro de 2008	QUE FLAGRA! O que fazer se for pega na hora H?	E AGORA? (Psicóloga)
E	<u>Edição nº1055</u> 12 de outubro de 2008	PÍLULA DO DIA SEGUINTE Fique esperta: ela não é 100% eficiente	CUIDADO! (Ginecologista)
F	<u>Edição nº1056</u> 26 de outubro de 2008	ELE ESTÁ PELADO! Como encarar o garoto quando ele tira a roupa?	COMO ENCARAR ESSE MOMENTO? (Psicólogo)
G	<u>Edição nº1057</u> 9 de novembro de 2008	FILMES PICANTES! Assistir a cenas de sexo pode ser bem divertido...	É UMA BOA? (Psicóloga)
H	<u>Edição nº1058</u> 23 de novembro de 2008	CONTO OU NÃO CONTO? A sua melhor amiga pode ser sua confidente para falar de pegação	FALAR É BOM! (Sexólogo)
I	<u>Edição nº1059</u> 7 de dezembro de 2008	PRIMEIRO MICO A primeira transa é tão estranha que pode render muitos momentos embaraçosos...	E DAÍ, O QUE FAZER? (Psicólogo)
J	<u>Edição nº1060</u> 21 de dezembro de 2008	CLARO QUE TEM QUE USAR! A camisinha te ajuda a relaxar antes, durante e depois da transa	COMO PEDIR PARA ELE COLOCAR? (Psicóloga)
K	<u>Edição nº1061</u> 4 de janeiro de 2009	ME TOQUE! Você já passou a mão nele?	PASSA? NÃO PASSA? (Psicóloga)
L	<u>Edição nº1062</u> 18 de janeiro de 2009	PAPO DELICADO Tem menina que conversa sobre sexo com um garoto numa boa. Já outras...	HORA CERTA (Psicólogo)
M	<u>Edição nº1063</u> 1º de fevereiro de 2009	E AGORA? Eu sou a última virgem da turma!	E SE ROLAR PRESSÃO? (Psicóloga)
N	<u>Edição nº1064</u> 15 de fevereiro de 2009	PARA TUDO! O que fazer quando você resolve desistir bem no meio?	E O QUE ISSO QUER DIZER? (Psicólogo)
O	<u>Edição nº1065</u> 1º de março de 2009	DISFARÇA! Você finge que está gostando da transa só para agradar o menino?	PARA NÃO TER QUE DISFARÇAR! (Psicóloga)
P	<u>Edição nº1066</u> 15 de março de 2009	ELE SABE TUDO... ...Mas eu não! O que fazer quando o cara tem muito mais experiência do que você?	FIQUE CALMA! (Psicóloga)
Q	<u>Edição nº1067</u> 29 de março de 2009	QUE MEDO! Dá pra ficar numa boa quando assunto é sexo?	QUANDO O MEDO SE TORNA UM PROBLEMA? (Psicóloga)
R	<u>Edição nº1068</u> 12 de abril de 2009	ELE DISSE NÃO! O garoto sempre fez de tudo para transar, até que...	O QUE ISSO QUER DIZER? (Terapeuta)
S	<u>Edição nº1069</u> 26 de abril de 2009	EU SÓ PENSO NAQUILO O que fazer quando o sexo não sai da sua cabeça?	NA MEDIDA (Psicóloga)
T	<u>Edição nº1070</u> 10 de maio de 2009	PERDI A VIRGINDADE... E agora, para quem eu conto?	E SE VOCÊ CONTOU PARA PESSOA ERRADA? (Psicóloga)
U	<u>Edição nº1071</u> 24 de maio de 2009	PREPARAR, APONTAR... Alguns cuidados são fundamentais quando o assunto é a primeira vez!	COMO CONTROLAR A ANSIEDADE? (Psicóloga)

V	<u>Edição nº1072</u> 7 de junho de 2009	ENTÃO... É ISSO?! Para muitas meninas, a sensação de ter um orgasmo ainda é um mistério	SE AINDA NÃO CHEGOU LÁ... (Psicóloga e sexóloga)
W	<u>Edição nº1073</u> 21 de junho de 2009	ELA INSISTE! Ter uma mãe a fim de falar de sexo com você nem sempre é mico	PRECISO ENCARAR ESSA? (Psicóloga, especialista em sexualidade humana)
X	<u>Edição nº1074</u> 5 de julho de 2009	ACHO QUE NÃO QUERO, E AGORA? Não ter vontade de fazer sexo é algo que pode acontecer com qualquer menina	QUANDO FICA SÉRIO (Enfermeira Obstetra, especialista em sexualidade humana)
Y	<u>Edição nº1075</u> 19 de julho de 2009	SÓ PRO SEU PRAZER... O que você sabe sobre masturbação?	TIRE SUAS DÚVIDAS SOBRE MASTURABAÇÃO Faz algum mal? Existem vários tipos? Tira a virgindade? Sempre resulta em orgasmo? (Ginecologista e terapeuta sexual)
Z	<u>Edição nº1076</u> 2 de agosto de 2009	E SE ELE ME ABANDONAR? É chato, mas o garoto pode te dar um fora logo depois do sexo	ROLOU COMIGO! (Terapeuta sexual e sexóloga)
AA	<u>Edição nº1077</u> 16 de agosto de 2009	HORA CERTA Qual o momento ideal para o sexo?	SE VOCÊ AINDA ESTÁ EM DÚVIDA... melhor pensar mais! (Psicóloga)

Figura 3.3 – Dados da seção **Sexo**.

Fonte: Sexo, ago. 2008/ago. 2009.

A partir das análises desses dados, foram produzidos os três artigos que constituem esta dissertação.

4 ARTIGOS

4.1 ARTIGO 1 - SEÇÃO **SEXO**, O CONFESSIONÁRIO: O QUE AS MENINAS DIZEM SOBRE OS MODOS DE VIVEREM SUAS SEXUALIDADES NA REVISTA CAPRICHOS⁹

“Estrias e celulites são o que mais dá vergonha”

“É bem mais fácil quando a gente tá apaixonada”

“Acho que pra eles ver a gente pelada é mais normal”

“Se nós passamos a mão, ficamos com fama de taradas”

“Falar que não tá gostando da transa magoa os homens”

“Começa a pensar que o menino não quer transar porque ela tem o corpo feio ou porque não beija bem”

“Mas se ele quiser mandar flores, bombom e pedir em casamento sem problemas!”

(SEXO, ago. 2008/ago. 2009).

Os excertos acima, retirados da seção **Sexo**, da revista CAPRICHOS, são falas recortadas de bate-papos publicados na revista. Nessas conversas entre as meninas, leitoras da revista e as editoras da seção, o sexo é colocado em debate a partir de tópicos variados, como: o corpo da menina e do menino, DST, gravidez, masturbação, comportamentos e anseios antes, durante e depois da relação sexual.

A seção **Sexo**, da revista CAPRICHOS, é o corpus de análise de minha dissertação de mestrado e o presente artigo tem como objetivo analisar como a seção **Sexo** vem atuando como um espaço no qual as meninas adolescentes confessam sobre as formas de viverem suas sexualidades.

Embora a seção seja intitulada **Sexo**, o que se discute e se apresenta na mesma vai além da relação sexual, ou seja, daquilo que a sociedade convencionou estabelecer como “sexo”. Ao propiciar-se um espaço para falar sobre sexo, as angústias, os desejos, as crenças também vão sendo colocadas. Nesse sentido, falar sobre as relações sexuais, bem como falar sobre os gêneros masculinos ou femininos, é falar sobre os corpos. E sobre esses corpos é que as possibilidades de produções das sexualidades se instauram.

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. [...] A

⁹ Artigo a ser submetido à Revista Cadernos de Pesquisa.

sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com o nosso corpo físico (WEEKS, 2007, p. 38).

Para que seja possível compreender os entrelaçamentos entre corpos, gêneros e sexualidades deve-se entender tais questões como fenômenos sócio-históricos, isto é, como constructos sociais e culturalmente produzidos.

Ao entendermos as sexualidades, os corpos, os gêneros e também as adolescências como construções culturais produzidas por diversos significados e representações de vários campos científicos, como o da Medicina, o da Biologia e o da Psiquiatria e, também, por instâncias como a mídia, a igreja, a escola, percebe-se que esses campos de saber e instituições têm conferido um papel hegemônico na determinação dos significados vinculados a essas questões na sociedade. Nesse sentido, Guacira Louro destaca:

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas e contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente (2007b, p. 25).

Entendemos esses saberes e instâncias como práticas educativas, pois, a partir de seus discursos, esses campos de conhecimento atuam como pedagogias culturais instituindo o que pode ou não ser falado, quem pode falar, em que espaços pode se falar, o que é “verdadeiro” ou “falso”, o que é “normal” ou “anormal”, acerca dos corpos, dos gêneros, das sexualidades e das adolescências, “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (SILVA, 2009, p. 139).

A partir desses entendimentos, compreendemos que a seção **Sexo** funciona como um espaço em que as adolescentes identificam-se com uma determinada cultura, possibilitando o compartilhamento de experiências relacionadas às suas sexualidades. Dessa forma, os discursos presentes na seção atuam como estratégias operando diretamente na normalização de comportamentos, o que não implica julgá-los como certos ou errados, mas sim perceber os efeitos de verdade que tais discursos produzem.

O presente artigo está organizado em cinco momentos. Este primeiro movimento foi o de focalizar a pesquisa e o corpus de análise. No segundo momento, falar-se-á sobre os entendimentos sobre a sexualidade e a produção desse conceito. Num terceiro momento, o foco será a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, no intuito de localizar de onde os dados estão

sendo produzidos e em que contexto estão inseridos. O quarto movimento será composto pelas análises das falas das adolescentes presentes nos bate-papos que compõem a seção **Sexo**. E, no último e quinto movimento deste artigo, serão apresentadas algumas considerações finais, o que não implicará em um encerramento, posto que, ao sermos constituídos historicamente, toda história pode ser alterada e recontada.

4.1.1 A produção da sexualidade

Foucault, ao escrever a história da sexualidade, possibilita perceber que os discursos sobre sexo não são provenientes da contemporaneidade; pelo contrário, séculos atrás, diferentes mecanismos de poder já atuavam sobre a produção da sexualidade, ligando o sexo a “verdades” que constituíram e ainda hoje nos constituem enquanto sujeitos de uma sociedade. Nesse sentido, ao tecer essa história, Foucault (2008b, p. 229) busca seguir “o fio que, em nossas sociedades, durante tantos séculos ligou o sexo à procura da verdade” e inicia sua escrita questionando a hipótese repressiva, a qual explica a história da sexualidade como uma história em que o sexo era tido como reprimido e negado. Para Ribeiro,

[...] na tentativa de entender como passamos a nos reconhecer como sujeitos de uma determinada sexualidade, Foucault (1999a), ao traçar a história da sexualidade, não buscou fazer o registro dos comportamentos sexuais através das épocas e civilizações, mas sim produzir uma história de como a nossa sociedade, durante séculos, ligou o sexo à verdade através de uma análise dos mecanismos de poder (2002, p. 24).

A teoria da Repressão, vigente a partir do século XVII até o século XIX, defende que, nesse período, a sociedade viveu uma fase de repressão sexual em que a sexualidade era confiscada pela família, o casal heterossexual era visto como modelo e tinha como função procriar; assim, o sexo era reduzido à reprodução. Ao se opor a essa teoria, Foucault não nega a repressão a que o sexo vem sendo submetido ao longo dos séculos, porém, a interdição ao sexo não pode ser vista como elemento fundamental para se escrever a história da sexualidade, pois todo discurso destinado a promover uma sexualidade reprimida efetivamente produz “verdades” sobre o sexo.

Como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ele tenha sido considerado como o lugar privilegiado em que nossa “verdade” profunda é lida, é dita? Pois o

essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer “Para saber quem és, conheças teu sexo”. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa “verdade” de sujeito humano (FOUCAULT, 2008b, p. 229).

Para Foucault, o controle repressivo sobre os corpos e o sexo de homens e mulheres, ao obrigá-los a confessarem seus desejos e prazeres, colocava desde então o sexo em discurso. Segundo o autor, no século XIX, a proliferação de discursos sobre sexo intensificou-se, levando a uma explosão discursiva acerca do tema. “Houve um refinamento do vocabulário autorizado, um controle das enunciações [...] Essa foi a forma que a sociedade contemporânea encontrou de vigiar, normatizar e controlar a sexualidade” (RIBEIRO, 2002, p. 62).

Nesse contexto, a história da sexualidade vem sendo produzida como uma história de discursos em que “verdades” sobre o sexo vêm sendo instituídas e que a partir de vários mecanismos de poder somos seduzidos a falar sobre nossas sexualidades, nossos sexos, nossos corpos e nossos prazeres.

Há três séculos, o sexo tem se constituído como um objeto de “verdade” e os discursos sobre o tema têm se intensificado. Para Foucault (2007), a *ars erotica* e a *scientia sexualis* foram os dois procedimentos pelos quais a produção histórica sobre a verdade do sexo proveio. A arte erótica desenvolveu-se, principalmente, no oriente. Nessa arte, a verdade sobre o sexo era extraída do próprio prazer, sendo vista como uma prática sexual em que o prazer era extraído do saber e esse saber, por sua vez, era secreto. Assim, “a relação com o mestre detentor dos segredos é, portanto, fundamental, somente este pode transmiti-lo” (Ibid., p. 66). A *ars erotica* tinha como objetivo: “o domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças” (Ibid., p. 65-66).

A civilização ocidental desenvolveu outro meio de falar a verdade sobre o sexo:

No Ocidente, não temos a arte erótica. Em outras palavras, não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros. Nada disso é ensinado no Ocidente [...] Em compensação, temos ou tentamos ter uma ciência sexual – *scientia sexualis* – sobre a sexualidade das pessoas, e não sobre o prazer delas, alguma coisa que não seria como fazer para que o prazer seja o mais intenso possível, é seu sexo ou sua sexualidade: verdade do sexo, e não intensidade do prazer (FOUCAULT, 2010, p. 61).

Assim, a partir da ciência sexual, desenvolveram-se procedimentos em forma de um poder-saber, para fazer-se falar a verdade sobre o sexo. Ao longo dos séculos, a confissão tem sido um desses mecanismos que atua sobre os sujeitos. Esse procedimento é uma das técnicas

mais importantes de produção de verdade; desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais – é na confissão que se ligam a verdade e o sexo.

A confissão foi um dos mecanismos utilizados para se dizer a verdade sobre o sexo, fazendo com que os sujeitos falassem e confessassem a si mesmos.

A confissão, o exame, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou de afastá-lo o mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência [...]. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso (FOUCAULT, 2008b, p. 230).

Nesse sentido, Foucault questiona a hipótese repressiva, pois, ao estabelecer o sexo como objeto de “verdade”, a igreja, a família, a Medicina, não proibiram falar sobre sexo; ao contrário, colocaram-no em discurso, intensificando efetivamente um controle sobre os indivíduos e a população através do controle da sexualidade.

O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo [...] Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas sobre tudo, focalizou-se o discurso do sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição (FOUCAULT, 2007, p. 29).

A produção de discursos em diferentes contextos, em determinados espaços e tempos, processa “verdades” constituídas de significados e determina comportamentos e modos de viver a sexualidade como “certos ou errados”.

Embora atualmente a sexualidade esteja sendo discutida em diferentes espaços, ainda é possível identificar, como hegemônico, um discurso determinantemente biológico e as relações heterossexuais sendo qualificadas como “normais”.

Nas escolas, nas mídias, nas religiões, e nos mais diferentes espaços em que estamos inseridos e que nos constituem como sujeitos, já é possível perceber o quanto outras questões estão atreladas à sexualidade, como: diversidade sexual, configurações familiares, identidades de gênero e sexual, prazer, desejo, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada, etc.

Assim, desde que o sexo foi colocado em discurso, há um controle sobre as enunciações acerca do que pode ou não ser dito sobre o sexo, bem como quem pode e quem não pode falar sobre o assunto. Dessa forma, compreende-se que, ao produzir-se “um certo

tipo de saber sobre o sexo” (FOUCAULT, 2007, p. 102), a história da sexualidade passa a ser analisada não a partir de um termo “de repressão ou de lei, mas em termos de ‘poder’” (Ibid., p. 102).

Segundo as palavras do autor:

Dizendo poder, não quero significar “o poder”, como conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessam o corpo social inteiro [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 2007, p. 102-103).

Dessa forma, embora admita-se que as “verdades” acerca da sexualidade sejam instituídas a partir de relações de poder-saber, não podemos, nesse processo, buscar identificar quem são os detentores do poder e quem são os desprovidos; nem mesmo estabelecer a quem é dado o privilégio do saber e a quem não é dado. Ao contrário disso, deve-se entender o poder atuando como uma rede que se “exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2007, p. 104).

Foucault não considera o poder como algo que tem como origem um centro, nem posições superiores ou inferiores. O autor busca desconstruir esses binarismos, entendendo o poder não como algo negativo, mas como produtivo, em que as relações de poder se dão numa ação sobre a ação do outro, onde sempre haverá possibilidades de resistência. Sobre as relações de poder-saber, Foucault diz:

[...] temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento (2008d, p. 27).

Atualmente, é possível identificar a presença das relações de poder-saber em nossas vidas, pois somos a cada momento interpelados por discursos acerca do corpo e da

sexualidade, que instituem como normalidades certos padrões de beleza, de juventude e de formas de viver a vida e a sexualidade. Essas “verdades” estão presentes em grande parte das mídias televisivas, eletrônicas e impressas, incitando-nos a seguir determinadas normas através de uma espécie de autovigília. Pois, embora não exista um corpo físico do qual emane toda essa norma, e tenhamos a opção de segui-la ou não – ou seja, resistir a ela –, acabamos por ser sequestrados por ela, na busca de nos enquadrarmos aos padrões ditos “normais” e sermos aceitos em determinada sociedade.

A norma pode ser aplicada tanto a um corpo individual, quanto a uma população, respectivamente, ela atua no sentido de disciplinar e regulamentar. Foucault descreve as tecnologias disciplinar e a regulamentadora como técnicas de poder e uma de suas preocupações é “compreender como os procedimentos de poder produzem sujeitos dóceis, disciplinados, governáveis” (SILVA; RIBEIRO, 2008, p. 562), a partir da articulação dessas tecnologias no corpo social.

O poder disciplinar é uma técnica dirigida ao corpo – homem, indivíduo – tem efeitos individualizantes e, através de métodos, busca o controle minucioso do corpo, de forma a efetivar uma sujeição constante e impondo uma relação de docilidade – utilidade. Não excluindo a tecnologia disciplinar, mas articulando-se a ela, na segunda metade do século XVIII, outra tecnologia passa a atuar, o biopoder. Essa técnica opera não mais sobre um corpo individual, mas sobre uma população, visando regulamentar processos próprios da vida como o nascimento, a morte, as doenças, que não se resumem ao homem-corpo, mas ao homem-espécie.

No século XIX, os mecanismos disciplinares e regulamentadores se encarregaram, também, do domínio da sexualidade, que “está exatamente na encruzilhada do corpo e da população” (FOUCAULT, 2005, p. 300).

Segundo Jeffrey Weeks,

[...] a sexualidade tem aqui um papel crucial. Pois o sexo é o pivô ao redor do qual toda a tecnologia da vida se desenvolve: o sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie; isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (“corpo político”) como um todo (2007, p. 51).

Nesse contexto, entendemos que os múltiplos discursos acerca da sexualidade funcionam como estratégias de regulamentação e produção de “verdades”. Nesse sentido, a sexualidade pode ser percebida como um dispositivo histórico:

[...] não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 2007, p. 116-117).

Dessa forma, ao perceber a história da sexualidade como uma história produzida a partir de discursos, passamos a entendê-la como uma produção constituída por relações de poder que instituem “verdades”.

[...] a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças as múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns aos outros; as técnicas e procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2008b, p. 12).

Assim, entendemos a seção **Sexo** como parte dessa história da “verdade” acerca da sexualidade.

4.1.2 Apresentando a Seção Sexo

Ao evidenciar múltiplos discursos acerca desta temática, identificou-se a revista CAPRICHÔ - seção **Sexo** - como um artefato cultural de grande circulação e alcance às adolescentes. Sendo assim, analisar tal artefato possibilita conhecer de que formas a sexualidade tem sido vivenciada pelas adolescentes na contemporaneidade, bem como que discursos sustentam o dispositivo de sexualidade em nossa atualidade.

A revista CAPRICHÔ foi criada em 1952. O público alvo da revista nem sempre foi de leitoras adolescentes; esse foco começa a surgir em 1985, quando a revista adotou o slogan “A Revista da Gatinha”. Desde então, embora tenham ocorrido mudanças gráficas, no formato e na faixa etária do público alvo, em seu histórico (HISTÓRIA, 2010), a revista deixa evidente que seu conteúdo é feito para leitoras adolescentes do gênero feminino.

O sucesso da revista CAPRICHÔ é inegável e sua perpetuação responde a qualquer dúvida em relação a sua popularidade. Segundo dados da própria, a revista CAPRICHÔ

[...] é a maior marca teen do país! É uma das únicas marcas teen, do mundo, a assinar revista, site, eventos e produtos variados com liderança absoluta em cada

uma dessas plataformas. São 200 mil revistas por mês (com crescimento de 41% na circulação em 2008), 20 mil meninas em seus eventos de moda e música, quase 8 milhões de produtos licenciados vendidos no ano (underware, maquiagem, perfume, agenda etc.) e a maior audiência e time spent entre sites para jovens meninas (PUBLICIDADE, 2009).

A seção **Sexo** caracteriza-se como um espaço quinzenal, presente na revista CAPRICHÔ desde junho de 2006, no qual são discutidas questões relacionadas a momentos antes, durante e depois do sexo.

Essa coluna, desde sua criação, apresenta o mesmo formato, sendo produzida com a participação das leitoras no site da revista. Acessando o site, as adolescentes podem se inscrever e participar com seus comentários ou opinar em enquetes sobre questões acerca da temática que intitula a seção.

4.1.3 Confissões em análise

Neste momento do estudo, podemos dizer que chegamos ao objetivo ao qual nos propomos neste artigo: analisar como a seção **Sexo** vem atuando como um confessionário sobre as formas das adolescentes viverem suas sexualidades.

Neste propósito, analisamos os discursos das adolescentes, presentes em vinte e sete (27) seções **Sexo**, da revista CAPRICHÔ; no entanto, as falas apresentadas neste trabalho foram retiradas apenas de dezoito (18) seções, as quais se intitulam como: *Sem roupa e com vergonha... Como você fica na frente dele?; Então... É isso?! Para muitas meninas, a sensação de ter um orgasmo ainda é um mistério.; Lugar certo. Casa, motel, cama... Onde é melhor transar?; Me toque! Você já passou a mão nele?; Primeiro mico. A primeira transa é tão estranha que pode render muitos momentos embaraçosos...; Papo delicado. Tem menina que conversa sobre sexo com um garoto numa boa. Já outras...; Disfarça! Você finge que está gostando da transa só para agradar o menino?; Ele sabe tudo mas eu não! O que fazer quando o cara tem muito mais experiência que você?; Os desejos dele. Vale a pena fazer tudo o que um garoto pede?; Ele disse não! O garoto sempre fez de tudo para transar, até que...; E se ele me abandonar? É chato, mas o garoto pode te dar um fora logo depois do sexo.; Claro que tem que usar! A camisinha te ajuda a relaxar antes, durante e depois da transa.; Hora certa. Qual o momento ideal para o sexo?; Para tudo! O que fazer quando você resolve desistir bem no meio?; Filmes picantes! Assistir a cenas de sexo pode ser bem divertido...; Acho que não quero, e agora? Não ter vontade de fazer sexo é algo que pode acontecer com*

qualquer menina.; Só pro meu prazer... O que você sabe sobre masturbação? e Que medo! Dá pra ficar numa boa quando o assunto é sexo?.

A partir da análise das seções e de sua dinâmica de organização, que é dada em três partes – enquetes, bate-papo e dicas e comentários –, identificou-se que, ao abordar um assunto a partir de uma enquete na qual as meninas devem se “enquadrar” em alguma alternativa de resposta, acrescida de um bate-papo no qual as adolescentes compartilham experiências e o qual tem como seguimento uma dica ou um comentário de um/uma profissional, a revista CAPRICHÔ provoca suas leitoras a realizarem um autoexame de suas condutas, funcionando como uma estratégia de confissão, na qual, as leitoras tornam visíveis suas intimidades.

Para Foucault, há muitos séculos, a confissão foi um dos mecanismos utilizados para se dizer a verdade sobre o sexo, entendendo por confissão “todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (FOUCAULT, 2008b, p. 264).

A confissão caracteriza-se como um efeito de um poder em que, quando o sujeito se confessa, confessa-se a algo ou a alguém, que o avalia, o julga, o pune... Ao se confessar, o indivíduo espera desse algo ou alguém um retorno, um veredito que, de alguma forma, o posicione enquanto sujeito, ou seja, para Foucault,

[...] é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado [...] pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar (2007, p. 70-71).

Nesse sentido, ao reconhecer a seção **Sexo** como um importante instrumento de confissão, em que as meninas revelam sobre suas sexualidades a si próprias, às editoras e às demais leitoras, percebemos que os conteúdos das seções estavam muito relacionados, pois em suas temáticas e discussões eram comuns os seguintes aspectos: a heterossexualidade como a única possibilidade de relação; tabus e mitos acerca da sexualidade; sentimentos em relação a seus corpos; e também aos momentos antes, durante e depois das relações sexuais. Dessa forma, elencamos os eixos a partir dos quais buscaremos focar nossas análises:

- 1- Eu, leitora, confesso: sou hetero e meu “namo” é um menino.
- 2- Eu, leitora, confesso: meu corpo.
- 3- Eu, leitora, confesso: tabus e mitos acerca das sexualidades femininas e masculinas.

4.1.3.1 Eu, leitora, confesso: sou hetero e meu “namo” é um menino

“Se for meu namorado, aí posso até pensar.”

“Rola vergonha de ficar pelada na frente do namo?”

“Se for meu namorado e tal, acho que não tem problema nenhum.”

“Se é um cara que você confia que está com você faz tempo, não vejo porque não fazer.”

Nas falas analisadas na seção **Sexo**, observa-se, durante os bate-papos, que, ao falarem sobre suas relações, o parceiro a quem as adolescentes se referem é sempre representado pelo gênero masculino, divulgando, assim, o relacionamento heterossexual como privilegiado na seção.

Segundo Foucault (2007), desde o século XIX, a sexualidade pode ser vista como um dispositivo a partir do qual o sexo é colocado em discurso. Nesse sentido, Fischer argumenta que

[...] o sexo passa a ser tratado como fato político, e é regulado por toda uma discursividade, muito mais do que pela proibição, como o faz crer a hipótese repressiva. É preciso controlar as taxas de natalidade e, para isso, desenvolve-se um interesse obsessivo por dominar todos os dados que envolvam o ato reprodutivo: o casamento, as relações sexuais, as interdições e as perversões. Afinal, como cada uma das pessoas usa seu sexo? A família e as primeiras instituições escolares colocam-se em estado de alerta: há que vigiar o possível e sempre iminente encontro do indivíduo com o seu sexo, desde a infância e, sobretudo na adolescência (1996, p. 77).

Assim, podemos partir de um entendimento que os saberes acerca da sexualidade foram produzidos fundamentados num discurso reprodutivo, o qual, para que se efetive sua marca, a relação heterossexual é tida como “normal”. Contrariar os ensinamentos acerca da sexualidade é contrariar a norma.

O processo de normalização é um método eficaz de fixar e regular diferenças e identidades. Através de sutis estratégias, a mídia – especificamente, neste estudo, a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ – reforça a legitimidade das relações heterossexuais como norma, ou seja, a partir dos discursos das adolescentes, nos quais apenas relacionamentos heterossexuais são contemplados, a seção **Sexo** elege a identidade heterossexual como “normal”.

Dessa forma, ao assumir o status de norma, as relações heterossexuais são marcadas como “naturais” e passam a ser referência, tornando os demais tipos de relações como “anormais”, isto é, diferentes da relação estipulada como padrão.

Por conseguinte, em nome de uma perpetuação biológica, tem-se justificado o preconceito sobre as relações homossexuais que, mesmo ao não serem contempladas na seção **Sexo**, de certa forma, sua “anormalidade” também é ensinada pelo silenciamento, ou seja, ao publicar as confissões das adolescentes, nas quais há a relação heterossexual como hegemônica, a seção limita-se a produzir uma única possibilidade de relacionamento, a que pode ser dita. Nesse sentido, a não dita, a inconfessável é extorquida.

Segundo Fischer (1996, p. 162), “não há sutilezas: vivemos um tempo em que tudo deve ser dito e, em dizendo, nos dispomos a ouvir a palavra da normalização”. Dessa forma, o que é dito sobre relacionamento na seção **Sexo** está fixado num modelo tradicional que, ao ser (re)produzido nesse artefato, reforça a legitimidade da conduta heterossexual, “esses significados estabelecem representações dominantes de sexualidade através das quais a prática sexual de cada pessoa será recompensada ou castigada conforme delas se aproxima ou se afasta” (GOELLNER, 1999, p. 139).

Assim, percebe-se a seção como um espaço em que as meninas podem falar sobre suas relações sexuais. Na análise da seção, verificamos que apenas as relações heterossexuais eram discutidas e que as relações homossexuais em nenhum momento estavam presentes. Nesse movimento, ao participarem dos bate-papos da seção, as leitoras acabam por confessarem apenas relacionamentos heterossexuais, pois a heterossexualidade é entendida como “a forma” dada como normal e natural “de manifestação do desejo sexual entre as pessoas normais e sadias” (LOURO, 1998, p. 92).

Dessa forma, o “dispositivo pedagógico da mídia” atua garantindo a “norma”, pois as meninas confessam suas experiências e comportamentos a partir do que lhes foi ensinado sobre ser adolescente e sobre como viverem suas sexualidades.

Segundo Louro,

[...] na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero. A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula, então, identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual (LOURO, 2007b, p. 25-26).

Nas falas abaixo, pode-se perceber o quanto essa constituição como menina adolescente está relacionada a uma identidade heterossexual, na qual há uma grande preocupação com “ele”, como se suas sexualidades, seus prazeres, seus comportamentos fossem todos intrínsecos à presença do menino.

“Tenho medo de ele me achar assanhada.”

“Eu converso, mas só quando ele toca no assunto.”

“Pra não deixar ele chateado, você acaba fingindo.”

“Só que tem garota que finge e tem medo de dizer que não quer por medo de o garoto a deixar.”

“Depois que começa você acaba ficando com vontade. Às vezes eu não to com vontade e ele sim.”

Nesse sentido, o que podemos observar na seção **Sexo** é que, além da demarcação de uma identidade sexual heterossexual, a identidade de gênero contemplada como “normal” é uma identidade feminina, demarcada a partir de comportamentos femininos que foram estipulados sócio-historicamente às relações heterossexuais.

Para Freire Filho,

[...] embora não sejam, decerto, as únicas responsáveis pelos conceitos de *masculinidade* e *feminilidade* acolhidos pelas adolescentes, as revistas femininas juvenis encorajam as leitoras a construir sua identidade de maneiras genéricas específicas, em conformidade com poderosas expectativas sociais. Por intermédio de editoriais, artigos, reportagens, entrevistas, depoimentos, testes, dicas, concursos e anúncios... oferecem descrições textuais e visuais daquilo que é conveniente em matéria de personalidade, relacionamento afetivo, saúde, comportamento sexual... (2006, p. 104, grifos do autor).

Assim, vemos que o discurso acerca de uma feminilidade, divulgado na seção **Sexo** a partir das falas das adolescentes, é um discurso que sempre associa a constituição da mulher “como uma mulher para um homem”.

4.1.3.2 Eu, leitora, confesso: meu corpo

“Estrias e celulites são o que mais dá vergonha.”

“Quando se está com uns quilinhos a mais, rola vergonha mesmo.”

“Fica mais fácil, mas mesmo assim eu tenho vergonha, porque eu não tenho corpão.”

“Uma amiga minha disse que não deixa o namorado pegar nos seios dela porque acha que são pequenos demais.”

Analisando os excertos acima, é possível perceber o quanto o corpo, que a mídia produz e divulga como “normal”, é objeto de desejo e significado de felicidade e realização para as meninas, pois, ao observar suas falas e identificar rótulos e marcas – “corpão”, “quilinhos a mais”, “seios pequenos”, “estrias e celulites” – fica visível o quanto essas determinações que modelam um corpo ideal afetam o modo com que essas adolescentes vivem suas sexualidades. De acordo com Fischer,

[...] se no início do século as mulheres adultas precisavam mirar-se no porte delgado das mais jovens, hoje esse aprendizado de fazer-se esbelta acontece já na adolescência, e até mais cedo, atingindo pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, embora seja ainda dirigido, prioritariamente, ao mundo feminino. O sentimento de humilhação, de desprezo por si mesma, de profunda insatisfação e inferioridade, a respeito do próprio corpo, é produzido sistematicamente na sociedade, de uma maneira semelhante ao que aprendemos com as técnicas disciplinares dos hospitais, presídios, quartéis e escolas, desde o século XIX... Nenhum lugar é melhor do que as revistas femininas para compreender esse modo eficaz de subjetivação da mulher (1996, p. 221).

Portanto, o que podemos constatar é que, ao se confessarem à seção **Sexo**, as meninas reafirmam suas “anormalidades” (celulites, estrias, seios pequenos), sobretudo partindo de uma proposta de ser bonita e desejada para o menino.

“Começa a pensar que o menino não quer transar porque ela tem o corpo feio ou porque não beija bem.”

“... no meu caso são os seios. Mas ele fala (ou finge muito bem) que curte os meus! Se eu digo que vou pôr silicone, ele fala que não precisa e que gosta de mim assim!”

A preocupação com o que o menino pode pensar sobre seus corpos está presente nas falas das meninas, o que nos leva a perceber que, como em grande parte da mídia, também na seção **Sexo**, “todo um modo de ser feminino é proposto, basicamente a partir de uma construção masculina” (FISCHER, 1996, p. 247). Nesse sentido, a necessidade do corpo “belo” está relacionada ao poder de sedução que o mesmo tem, as meninas são seduzidas “pela própria capacidade de sedução, em relação ao menino” (Ibid., p. 247).

Assim, através de confissões, autoexames e identificação com as falas presentes na seção, as adolescentes leitoras da revista são permanentemente referenciadas a uma normalidade de um corpo idealizado pela cultura na qual estão inseridas.

Por meio dessas práticas disciplinares objetivam-se diferentes poderes (mercado de beleza e saúde, Medicina, Psicologia), no entanto, na seção **Sexo**, o de maior atuação é o poder masculino, já que as preocupações das meninas em relação aos seus corpos dão-se, sobretudo, em busca de agradar a eles. Esse poder masculino, segundo Fischer, é relativo a “um homem igualmente assujeitado por essas normas” (1996, p. 221).

4.1.3.3 Eu, leitora, confesso: tabus e mitos acerca das sexualidades femininas e masculinas

“Acho que pra eles ver a gente pelada é mais normal.”

“Meninos são mais experientes. Se ele broxar, é engraçado.”

“Isso é totalmente estranho. Que homem não gosta de sexo?”

“Tenho certeza de que para muitos meninos qualquer hora é hora de fazer sexo.”

Embora a seção **Sexo**, bem como a revista CAPRICHÔ, tenha o público feminino como principal alvo, a partir das falas das leitoras é percebível que os corpos e as sexualidades dos meninos não escapam a essa seção. Aqui, é possível observar que, ao confessarem suas sexualidades, as adolescentes, junto às editoras, em seus bate-papos, vão constituindo saberes e entendimentos não apenas acerca das identidades femininas, mas também das masculinas.

Ao divulgar atribuições e comportamentos ditos de meninos e meninas, a seção **Sexo** reforça mitos acerca das sexualidades, dos corpos e dos gêneros que vêm sendo demarcados como “naturais” no que diz respeito a sermos homens e mulheres, meninos e meninas.

Nesse sentido, Louro, em *Pedagogias da sexualidade*, ensina que,

[...] através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (2007b, p. 11).

Nesse contexto, entendendo as identidades de gênero e sexuais como invenções sociais constituídas por múltiplos discursos, a partir das falas abaixo, buscamos identificar que atribuições ditas de meninos e meninas estão presentes nas falas das adolescentes na seção **Sexo:**

“As meninas sabem fingir bem.”

“Se eu gostar do menino, finjo.”

“Medo é quase o sobrenome do sexo.”

“É bem mais fácil quando a gente tá apaixonada.”

“Pra mim, tem que ser um lugar especial, pois faço o estilo menininha sonhadora romântica.”

“Pior que nem precisa de muito para agradar a garota! Uma simples ligação de bom dia já estaria ótimo.”

“Eles gostam de se sentir bons em tudo!”

“Meninos têm mais facilidade em sentir prazer.”

“Acho que para eles qualquer está valendo. Eles estão loucos para fazer.”

“Na verdade, a maior vantagem disso tudo é que o cara mais experiente não é como os que começam agora e são loucos por sexo.”

“Às vezes eu acho que menino gosta da coisa sem querer saber o lugar. O importante são eles fazerem.”

“Depende do menino, porque tem uns que se assustam e só acham tudo bem se eles colocarem a nossa mão.”

Observando os dois blocos de falas, podemos identificar que as características ditas como de meninos e meninas, quando juntamente analisadas, demarcam alguns binarismos: inseguras/seguros; românticas/não românticos (o importante é fazer sexo); submissas/dominadores (só eles podem “colocar a mão”).

Neste contexto, Goellner diz que

[...] geralmente polarizadas por um olhar dicotômico, masculinidade e feminilidade, além de opostas são vistas como divergentes, pois para cada lado dessa construção, são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridade: homem/mulher, masculino/feminino, vício/virtude, potência/fragilidade, produção/reprodução, atividade/passividade, superioridade/inferioridade, público/privado, cultura/natureza. Presos à identidade

do sexo, os termos masculino e feminino, afirmam um mundo de homens e um mundo de mulheres que, apesar de coexistirem, pouco diálogo estabelecem entre si e cujos traços característicos são nítidos e facilmente apreendidos (1999, p. 132).

Dentre os mitos representados pelos binarismos, a relação submissa/dominador será a questão à qual, neste momento, daremos mais atenção. A partir de suas falas, as meninas demonstram colocar suas vontades em segundo plano e o menino é tido como o sujeito dominante na relação.

“Se nós passamos a mão, ficamos com fama de tarada.”

“Eu ia morrer de medo de fazer tudo errado e ele perceber.”

“Além desses medos, também tem a encanação de fazer algo errado e o cara não curtir.”

“É difícil magoar quem você gosta. Falar que não tá gostando da transa magoa os homens.”

“Certeza que deve rolar uma culpa. A menina deve ficar achando que tem algo errado com ela.”

“Hoje tenho intimidade com meu namo para dizer sim ou não, mas não sei como seria com outro.”

“Às vezes, uma mentirinha de leve não faz mal. Seu namorado vai adorar saber que é sempre tudo de bom!”

Nas frases acima é possível perceber o quanto o fazer da menina, tratando-se de sexualidade, ainda depende muito do querer do menino. Há preocupação sobre o que ele pode pensar caso ela tome iniciativas em proveito de prazeres e desejos dela mesma.

Ao pensar nos prazeres e desejos das adolescentes, somos instigados a pensar que, ao abordar as relações sexuais das meninas colocando-as em uma determinada posição, neste caso, na posição meninas que se satisfazem a partir da satisfação dos meninos, o que a seção **Sexo** objetiva é uma autorização justificável de se falar sobre a sexualidade. Pois ao contemplar relações heterossexuais movidas não pelo desejo, mas pelo afeto, promove-se, portanto, nesse espaço, o “sexo por amor”.

As mulheres são julgadas conforme sua adequação ou não ao modelo de conduta sexual que torna a heterossexualidade obrigatória. Negando o desejo feminino e restringindo a diversificação e quantidade de experiências sexuais, este modelo culturalmente construído, imprime na sexualidade feminina uma tensão entre o perigo e o prazer, pois ao mesmo tempo que não se traduz em uma experiência restrita à subordinação ao poder masculino, não é também uma experiência de completa satisfação. Afinal, ao incorporarem uma representação

que vê a sexualidade como algo singular, incorporam o medo de viver os próprios desejos, de perder os limites do corpo e de acreditar que suas fantasias são inadequadas. Enfim, de vivenciar com plenitude experiências sexuais que podem ser muito ricas e libertadoras (GOELLNER, 1999, p. 141).

A partir disso, podemos identificar que os sentimentos, os comportamentos, os desejos, os prazeres das meninas estão diretamente ligados a sua constituição de mulher feminina, que se deu a partir do gênero masculino; e a forma como elas foram culturalmente ensinadas a viverem as sexualidades numa relação heterossexual colocando-as muitas vezes em situações desconfortáveis para agradar aos meninos - eles não podem ficar chateados, ser magoados, precisam se sentir bons em tudo. E caso as adolescentes acreditem que eles não tenham ficado completamente satisfeitos, elas culpam a si próprias.

Essa posição de prestar bem-estar aos homens acompanha as meninas em todos os pontos que suas sexualidades as constituem, ou seja, os sentimentos de amor, paixão, prazer, desejo parecem estar obrigatoriamente conectados, sendo um causa ou consequência do outro. As meninas acostumaram-se com a posição do sujeito a ser dominado, o sexo frágil que precisa sentir segurança, para que assim possam satisfazer ao outro.

“Tem que ter confiança e fazer o que a gente curte.”

“Rola muita insegurança por ele saber mais que você.”

“Na real um medinho de vez em quando é bom e impõe limites.”

“Se é um cara que você confia que está com você faz tempo, não vejo porque não fazer.”

“Mas não rola assim tão fácil, além de estar muito à vontade, é preciso que seja com um cara confiável.”

Nas falas acima, podemos observar o quanto os sentimentos referentes à segurança e confiança são bastante relacionados com o comportamento que as meninas assumem perante os meninos. Dessa forma, identificamos que o discurso da afetividade nas relações sexuais prevalece na fala das adolescentes, representando assim um único modo de “fazer sexo”, o sexo por amor.

É possível perceber que, ao falarem sobre suas sexualidades, as adolescentes leitoras assumem uma representação da menina sentimental, insegura e submissa, que tem seus prazeres limitados, que pouco se posiciona durante suas relações em prol da satisfação do menino, e da garantia de manter o relacionamento.

“Nenhum menino me pediu pra pegar ‘lá’.”

“Tem muitos meninos que na primeira ficada força sua mão pra pegar onde não deve.”

“Mas tem horas que o clima esquenta, tipo, fico com vontade de pegar em mais lugares.”

Neste momento, podemos perceber que embora a revista CAPRICHÔ convide a adolescente a falar sobre suas sexualidades na seção **Sexo**, nem tudo pode ser dito. É possível visualizar, a partir das falas acima, que as leitoras confessam suas intimidades, contam detalhes, porém há um grande tabu ao se referirem aos órgãos genitais.

Dessa forma, podemos observar, nas falas das meninas, o funcionamento de um dos mecanismos de interdição do discurso, o “tabu do objeto”, através do qual, na seção **Sexo**, seleciona-se e controla-se o que e como as meninas falam sobre os órgãos sexuais.

“... mico é se surpreender com o tamanho do negócio do garoto.”

“... tem meninos que querem que a gente pegue em certas partes.”

“... toda vez que eu namorei, eu nunca passei a mão nesses lugares.”

“... teve alguns que já pediram ou já tentaram colocar minha mão lá...”

Essas falas explicitam, novamente, o funcionamento do “tabu do objeto”, controlando o que é dito, em relação aos órgãos sexuais. Para “escapar” desse mecanismo de regulação do discurso, representar as genitálias como “negócio”, “partes”, “lugares” e “lá”, foi uma estratégia utilizada pelas adolescentes e editoras da seção para poderem falar. Assim, percebe-se o quanto o corpo, enquanto objeto de uma sexualidade, ainda é tido como algo privado; e mesmo que falemos sobre nossos desejos e prazeres, sexualmente, o corpo ainda é algo a ser desvendado.

4.1.4 Considerações em confissão

Segundo Rosa Fischer,

[...] os discursos de nossos tempos, baseados igualmente na confissão (através de reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas aos jornais e revistas, relatórios médicos, psicológicos e psiquiátricos, descrições pedagógicas de comportamento escolar, pesquisas de mercado) – presumidamente neutros e frutos de simples observação –, trazem à visibilidade o banal de nossas vidas, infames ou brilhantes que sejam (1996, p. 85).

A partir desta citação, inicio as considerações finais deste artigo, para as quais a escolha do subtítulo Considerações em Confissão deu-se devido ao fato de, ao chegar nesta etapa da escrita, eu perceber que também não escapo da prática da confissão.

Percebo que, ao colocar aqui meus entendimentos e minhas análises, de certa forma o “banal” de minha vida foi também aqui confessado, pois, nesta pesquisa, meus olhares e meus posicionamentos foram direcionados não apenas pela mestrandia, mas também pela professora, bióloga, mulher, estudante, pesquisadora, filha, ex-adolescente leitora da revista CAPRICHÔ.

Para Figueira,

[...] quando a gente escolhe um produto da mídia para analisar há um certo reconhecimento onde é possível enxergar ali muito do que somos ou do que não somos, do que negamos ou acreditamos, do que desejamos ou rejeitamos. Esse produto, tornado visível por uma série de profissionais, além de ser capturado por nós captura também o nosso olhar pois, em maior ou menor grau, nós sempre estamos um pouco neles (2010, p. 6).

Segundo Rosa Fischer, é entre a confissão e a mídia que “a construção de uma discursividade sobre a adolescência baseia-se fundamentalmente” (1996, p. 86). O que vemos na seção **Sexo** é a criação de discursos sobre um certo tipo de sexualidade, que se dá num jogo de autoprodução de si, no qual as meninas, ao se confessarem, produzem verdades sobre como viver a sexualidade na adolescência e, ao se apropriar e divulgar o discurso das leitoras, a seção cria um discurso próprio, a partir do qual as meninas identificar-se-ão e constituirão suas sexualidades.

Dessa forma, este artefato atua como um dispositivo pedagógico, isto é, a revista cria um espaço em que se ensina e se produz significados acerca dos modos de viver a sexualidade feminina, atuando assim no processo de constituição dessas meninas enquanto sujeitos.

Compreender a seção **Sexo** como um dispositivo pedagógico significa entender que, através de seus enunciados e de seus conteúdos com muitas prescrições, a revista conduz as adolescentes a uma feminilidade instituída como padrão, isto é, a partir das falas das meninas, a seção representa características consideradas “verdadeiramente” femininas, instituindo uma única forma de as meninas viverem suas sexualidades: uma sexualidade heterossexual, cercada de mitos e tabus.

Nesse sentido, ao analisarmos as edições, foi possível perceber que os discursos presentes na seção **Sexo** processam efeitos de verdade que contribuem significativamente na produção das sexualidades adolescentes femininas.

Incitar os corpos, nomear prazeres, produzir conhecimento sobre a intimidade dos sujeitos, criar e recriar incessantemente esquemas cada vez mais sofisticados de vigilância – é disso que se trata, desse conjunto articulado de táticas, quando, a partir de Foucault, falamos sobre “dispositivo da sexualidade”, em relação a uma determinada época. E é disso que estamos falando aqui – de um tipo especial de táticas voltadas para o corpo e a sexualidade dos jovens e que se fazem visíveis na mídia (FISCHER, 1996, p. 191).

Importante pensarmos que a produção desse corpo adolescente dá-se através de relações de poder. Dessa forma, a revista CAPRICHÔ – mais especificamente a seção **Sexo** - exerce um poder disciplinar sobre cada leitora e, ao disciplinar cada leitora individualmente, a revista vai cumprindo sua missão de “conectar a maior comunidade de garotas”, operando assim a tecnologia regulamentadora – o biopoder, instituindo padrões e ensinando às leitoras uma “certa forma” de viverem suas sexualidades e adolescências.

Para Foucault,

[...] a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente [...] por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação (2005, p. 300).

Nesse sentido, a revista CAPRICHÔ atua como um instrumento de normalização, pois, ainda que interpele individualmente as adolescentes leitoras, suas intenções e efeitos são massivos.

Nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causadas por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder. A mais óbvia dessas relações já foi assinalada [...]: as relações entre homens e mulheres, nas quais a sexualidade feminina tem sido historicamente definida em relação à masculina (WEEKS, 2007, p. 42).

Os discursos que determinam o que é de fato ser “normal” ou “anormal” uma menina pensar e sentir sobre sexo devem ser pensados como constructos historicamente inventados. Segundo Weeks (2007, p. 70), “estamos cada vez mais conscientes de que a sexualidade é tanto um produto da linguagem e da cultura quanto da natureza” e, ao falar a respeito do nosso sexo, “nós nos esforçamos constantemente” em fixar e estabilizar a sexualidade para dizer quem somos.

Nesse contexto, a pedagogização dos modos de viver a sexualidade, na seção **Sexo**, é dada de forma instigadora. Isso faz com que as leitoras pensem a respeito de determinadas situações, bem como em suas ações em procedência das mesmas. Dessa forma, a revista assume função de uma espécie de manual, no qual todas as dúvidas e anseios podem ser debatidos entre a editora, as adolescentes participantes da edição e a leitora da revista.

A seção **Sexo** é considerada, nesta pesquisa, mais do que uma ‘fábrica’ de dados, um artefato de grande importância, no qual as questões acerca das sexualidades estão sendo abordadas, possibilitando outras formas de pensá-las. Percebê-la enquanto um confessionário não implica nenhuma crítica ao ato de confissão. Contudo, assim como em algumas religiões, em que o confessionário é tido como o local onde os sujeitos revelam seus pecados a um sacerdote, a seção **Sexo** também funciona como um espaço de confissões, sendo que o que se espera desse ritual não se limita à declaração e punição dos pecados, mas à produção de verdades acerca da sexualidade. Para Foucault, “desde a Idade Média, pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção da verdade” (2007, p. 66). Dessa forma nos tornamos uma sociedade confessanda.

A partir de então,

[...] a confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama (FOUCAULT, 2007, p. 67-68).

Nessa contemporaneidade, podemos identificar a confissão difundida inclusive na mídia e aqui, mais propriamente, na seção **Sexo**, em que as meninas, ao confessarem suas sexualidades, buscam autenticidade, tendo como referência o outro – a revista, as editoras, as leitoras – e a si mesmas, pois ao serem incitadas a falar sobre seus medos, desejos, anseios e prazeres, as meninas produzem um discurso de verdade acerca de suas sexualidades, o qual terá efeito sobre elas mesmas.

Segundo Foucault, embora tenha se modificado desde sua implementação, “a confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro do sexo” (2007, p. 72). Para o autor, a prática da confissão difundiu-se e foi utilizada em diferentes relações:

[...] crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. As motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados [...] Não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como; mas de reconstruir nele e ao seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém (Ibid., p. 72).

Assim, a seção **Sexo** caracteriza-se como um espaço de confissão, no qual solicita-se que as meninas confidenciem suas experiências e seus prazeres individuais. A partir de “interrogatórios” e “narrativas autobiográficas”, suas intimidades são publicadas e comentadas e, assim, observamos na seção **Sexo** a disseminação e o registro de algumas confidências das adolescentes acerca de suas sexualidades, potencializando a revista CAPRICHÔ como responsável – bem como outras instâncias – pela produção de modelos e padrões de formas de viver uma adolescência feminina.

Alheio a nenhuma pretensão em generalizar e universalizar as leitoras da revista, bem como as meninas que participaram da seção, este trabalho propõe repensar os significados e os sentidos que vêm sendo historicamente (re)produzidos, de forma que grande parte das edições analisadas configurem relações heterossexuais, nas quais as meninas são representadas como inseguras e submissas, sugerindo um forte entrelaçamento entre corpo e gênero, em que seus corpos devem seguir padrões da norma e são objetos de satisfação dos meninos. Também, seus comportamentos devem corresponder a uma identidade de gênero: feminina, sensível, desprotegida, útil e romântica, determinando um conjunto de sentimentos, desejos, anseios, moral e prazeres que devem constituir suas sexualidades.

4.1.5 Referências

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. *A Revista Capricho e a construção de representações de feminilidade adolescente*. In: Congreso iberoamericano de historia de la educación latino americana, 6. 2003, p. 1-14. San Luis Potosí. Historia de las ideas, actores e instituciones educativas. Disponível em: <<http://boletimef.org/biblioteca/2383/Revista-Capricho-e-a-construcao-de-representacoes-de-feminilidade>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. *Juventude e mídia*: possíveis singularidades de uma audiência ativa. Encontro Anual da Associação Nacional do Programas de Pós-graduação em Comunicação. COMPÓS, XIV, 2005, p. 1-11. Niterói/Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_875.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. 237 p.

_____. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 79 p.

_____. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 18. ed. São Paulo: Grall, 2007. 176 p.

_____. *Microfísica do poder*. 26. ed. São Paulo: Grall, 2008b. 295 p.

_____. *Segurança, território e população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008c. 578 p.

_____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2008d. 288 p.

_____. Sexualidade e Poder. In: _____. *Coleção Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 56-76.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249

FREIRE FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na Revista Capricho. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 8, n. 2, p. 102-111, maio/ago., 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina*: imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. 174 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

HISTÓRIA da Capricho. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b, p. 7-34.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 85-96.

PUBLIABRIL. Disponível em:

<<http://www.publicidadeabril.com.br/marcas/capricho/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

PUBLICIDADE Abril. Disponível em:

<<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=9>>. Acesso em: 27 nov. 2009.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo*. 2006. 129 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. 125 p. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Bioquímica – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SEXO, Seção. In: CAPRICHO, Revista. São Paulo: Abril, ago. 2008/ago. 2009.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. O governo dos corpos femininos entre as catadoras de lixo: (re)pensando algumas implicações da Educação em Saúde. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 16, n. 2, 2008, p. 557-580.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 156 p.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 35-82.

4.2 ARTIGO II - O ASSUNTO É SEXO, “E O QUE ISSO QUER DIZER?”: COLOCAÇÃO DO SEXO EM DISCURSO NUMA REVISTA ADOLESCENTE FEMININA¹⁰

4.2.1 Pontos de partida: mídia, adolescência e sexualidade

No mundo contemporâneo, a mídia exerce uma posição importante no que diz respeito à produção dos sujeitos sociais. Instituições como a família e a escola, tidas como hegemonicamente responsáveis pela formação e socialização dos indivíduos, atualmente, passam a dividir essa função com as mídias impressas, televisivas, radiofônicas e virtuais.

Nesse sentido, a mídia deixa de atuar simplesmente como fonte e veículo de informação e entretenimento e passa a operar como um espaço de produção de saberes e de “verdades”, a partir dos quais são ensinados aos sujeitos formas específicas de ser e estar na sociedade. Para Silva (2009), as instâncias culturais também têm uma pedagogia, também transmitem algo, ensinam conhecimentos, valores e habilidades. Para Giroux e McLaren,

[...] existe pedagogia em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir “verdades”, mesmo que essas “verdades” pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum (1995, p. 144).

Rosa Fischer (1996) afirma que, desde o início dos anos 90, os adolescentes passam a ser o centro da cultura contemporânea, principalmente nos textos e imagens veiculados nos meios de comunicação. Discursos de “verdade” sobre o que é ser adolescente vêm instituindo à mídia um caráter pedagógico. Por sua vez, ao assumir este papel, essa oferece aos sujeitos adolescentes uma amplitude de conhecimentos acerca de múltiplos assuntos como, por exemplo, moda, comportamento, corpo e sexualidade.

Neste trabalho, analisaremos um produto procedente da mídia impressa e os discursos de verdade que são produzidos acerca da sexualidade adolescente nesse artefato, tendo como principal foco problematizar o quanto os saberes acerca da sexualidade estão vinculados a uma *scientia sexualis*, a qual é legitimada a partir de um discurso científico proferido por profissionais que foram histórico e culturalmente contemplados como apropriados a falar sobre tal questão. Para tanto, este artigo tem como objetivo analisar, na seção **Sexo**¹¹, da

¹⁰ Artigo a ser submetido à Revista Interações.

¹¹ Dentre as seções presentes na revista CAPRICHÔ, a seção **Sexo** tem sido o *corpus* de análise de minha dissertação de mestrado, realizada no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade

revista CAPRICHÔ, os saberes produzidos acerca da sexualidade adolescente feminina, a partir de um discurso cientificamente “oficial”, assinado por psicólogos/as, ginecologistas, terapeutas sexuais e sexólogos/as, ou seja, sujeitos aos quais foi conferida a institucionalização¹² dos saberes sexuais.

4.2.2 Mapeando dados e ajustando o foco

Para entendermos a amplitude e o alcance dos veículos midiáticos, torna-se interessante analisarmos alguns dados que convergem ao *corpus* de análise do presente trabalho¹³. Atualmente, segundo dados divulgados no site **Donos da Mídia** (VEÍCULOS, 2011), no Brasil existem 9.447 veículos de comunicação e, dentro dessa estatística, as revistas ocupam o 4º lugar no *ranking*. Ainda no site anteriormente mencionado, foi possível constatar que, dentre os grupos nacionais¹⁴ de mídia que controlam mais de um veículo de comunicação, o Grupo Abril lidera o *ranking* nacional, controlando um total de 74 veículos midiáticos,

[...] publicou 54 títulos em 2010 e é líder em 21 dos 25 segmentos em que atua. Suas publicações tiveram ao longo do ano uma circulação de 188,5 milhões de exemplares, em um universo de quase 28 milhões de leitores e 4,1 milhões de assinaturas. Sete das dez revistas mais lidas do país são da Abril, sendo VEJA a terceira maior revista semanal de informação do mundo e a maior fora dos Estados Unidos (MÍDIA, 2011).

Neste trabalho, nos debruçaremos sobre a revista CAPRICHÔ – especificamente sobre a seção **Sexo** – que é um dos grandes títulos do Grupo Abril. A revista é constituída por aproximadamente 2.114.000 leitores, sendo que 91% do público é feminino (PUBLIABRIL, 2011).

Federal do Rio Grande – FURG. Nesta pesquisa, o objetivo é analisar as formas como a sexualidade vem sendo (re)produzida nesse artefato, ensinando às leitoras certos modos de viverem suas sexualidades.

¹² Segundo Giselle Reis e Paulo Ribeiro, questões ligadas à sexualidade no Brasil sustentaram a constituição de um conhecimento sexual tanto popular quanto institucional. O conhecimento popular seria o das experiências e das interpretações que os sujeitos fazem dos conhecimentos adquiridos tanto dos saberes científicos quanto no cotidiano. E, “a institucionalização do conhecimento sexual ocorre quando médicos, psicólogos, educadores, antropólogos, cientistas sociais elaboram, desenvolvem ou se apropriam de teorias e ideias que foram consideradas ‘científicas’ e capazes de dar sustentação àquelas instituições que necessitavam de um discurso ‘oficial’ para atingirem seus objetivos de fazer ciência, propor ações educacionais ou práticas pedagógicas, justificar ideologias, exercer o poder” (2004, p. 28).

¹³ Alguns dados deste trabalho foram apresentados no Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos, no ano de 2010.

¹⁴ NACIONAIS, 2011.

A CAPRICHÔ tem mais de 2,2 milhões de leitoras por edição¹⁵ e se diz voltada ao público *teen*¹⁶, abordando quinzenalmente assuntos relacionados a celebridades, moda, beleza, corpo, comportamento, atualidades e entretenimento.

Esse formato de revista é bastante popular no Brasil. Segundo o *site Guia de mídia* (TEENS, 2011), além da revista CAPRICHÔ existem mais de 10 títulos que seguem esse modelo de publicação – **Atrevida, Toda teen, TPM, Yes teen**, são alguns exemplos – e fora do país temos exemplos como **Ellegirl, Faze, Seven teen, Teen Vogue, 100% Jovem, Bravo**, entre outras (PORTUGAL, TEEN, 2011).

Segundo Leni Dornelles (2002), a produção das revistas voltadas ao público feminino, tanto adolescente quanto infantil, tem, como modelo fundamental, as revistas destinadas às mulheres adultas e isso pode ser identificado desde seus títulos **Teen Vogue, Ellegirl, Atrevida**, que fazem referência a títulos como **Vogue Brasil, Elle e Diva**, até o modo como estão organizadas, tendo suas seções separadas por interesses como “moda”, “beleza”, “V.I.P”, “você”. Para a autora,

[...] não é por caso, portanto, que apresentam em suas páginas elementos da cultura feminina e da feminilidade. Os discursos que elas enunciam produzem ‘verdades’ sobre o ser menina, sobre beleza infantil, sobre o corpo e o comportamento das meninas, ou seja, sobre um ‘modo de ser menina’, que as interpela e as subjetiva (Ibid., p. 74).

Nesse sentido, a partir do referencial teórico dos Estudos Culturais e de algumas proposições de Michel Foucault, percebemos a mídia – e particularmente a revista CAPRICHÔ – não apenas como fonte de lazer e informação, mas como uma espécie de manual de comportamento que ensina a suas leitoras adolescentes determinados modos de ser.

Os Estudos Culturais têm suas análises centradas em dimensões culturais, compreendendo todas as práticas, produtos e espaços culturais como produtores de significados. Dessa forma, é possível entender as instâncias culturais – mídia, família, instituições religiosas, bem como a escola – como educativas, isto é, possuem pedagogias, “também ensinam alguma coisa” (SILVA, 2009, p. 139).

Dessa forma, é possível identificarmos, atuando na seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, o que Rosa Fischer (1996, 2009, 2010) conceituou como “dispositivo

¹⁵ PUBLIABRIL, 2011.

¹⁶ *Teens* em inglês significa adolescência (*teenage* - adolescente); nesse sentido, *teen/teens* é utilizado nesta pesquisa como referência a adolescentes.

pedagógico da mídia”¹⁷, a partir do qual as meninas leitoras são incitadas a produzir o discurso¹⁸ sobre “si mesmo”. Para a autora (2009, p. 3), tal prática vem acompanhada “de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem”; assim, as leitoras aprendem a se reconhecer e a estabelecer, para si mesmas, específicos modos de agir enquanto meninas adolescentes.

Também, à vista desses estudos, compreende-se a sexualidade e a adolescência como construções culturais produzidas por diversos significados e representações de vários campos científicos, como o da Medicina, o da Biologia e o da Psiquiatria e, também, por instâncias como a mídia, a igreja, a escola. Para Guacira Louro (2007b, p. 25), essas instâncias pedagógicas “fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas”, determinando significados socialmente vinculados à sexualidade.

Assim, a partir da perspectiva cultural, ao promover a produção e a circulação de significados acerca da sexualidade, identificamos a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, enquanto um artefato cultural, posto que se caracterize como uma construção social (SILVA, 2009, p. 134). Por esse viés, além das revistas e outras produções da mídia impressa, programas televisivos, músicas, materiais pedagógicos, desenhos animados, também são considerados artefatos culturais procedentes de uma determinada cultura.

Analisar o objeto de estudo a partir do entendimento do mesmo enquanto um artefato cultural consiste em compreender, à luz da análise cultural, “que o mundo cultural e social torna-se, na interação social, naturalizado: sua origem social é esquecida” (Ibid., p. 134). Dessa forma, analisar a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, possibilita “desnaturalizar” e problematizar as representações e significados produzidos acerca da sexualidade adolescente que vem sendo ensinados nesse artefato.

¹⁷ A partir do conceito de dispositivo da sexualidade de Foucault, em suas pesquisas sobre mídia e educação, Fischer tem se utilizado do termo “dispositivo pedagógico da mídia” - um aparato discursivo e ao mesmo tempo não-discursivo, a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si (2010, p. 1-2).

¹⁸ Neste trabalho, estamos entendendo os discursos a partir de uma perspectiva foucaultiana. “[...] não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência [...] analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse, mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. (FOUCAULT, 2008a, p. 54-55).

4.2.3 A seção Sexo da revista CAPRICHÔ: o *corpus* de análise

A escolha pela revista CAPRICHÔ ocorreu por ter sido a primeira revista feminina do Brasil (HISTÓRIA, 2010), além de também ter sido a primeira¹⁹ revista adolescente em que identificamos uma seção intitulada **Sexo**.

A revista CAPRICHÔ foi criada em 1952. Nessa época, as páginas da revista eram preenchidas por fotonovelas e histórias de amor em quadrinhos. Em 1985, a CAPRICHÔ adotou o *slogan* “A Revista da Gatinha” e o público alvo passou a leitoras adolescentes.

Segundo dados da Editora Abril, a CAPRICHÔ

[...] é a única marca do universo *teen* a estar presente na vida da adolescente brasileira onde quer que ela esteja. Quem precisa falar com os *teens*, fala com CAPRICHÔ! A revista CAPRICHÔ é líder absoluta na comunicação com as garotas brasileiras! Traz, quinzenalmente, os assuntos sobre os quais as adolescentes querem saber de uma maneira objetiva, clara e informal. As páginas de CAPRICHÔ oferecem uma combinação de alto apelo, com uma fórmula que vai ao encontro das necessidades das adolescentes: celebridades + moda e beleza + comportamento + atualidades + diversão e entretenimento. Sua abordagem acolhe e, ao mesmo tempo, alerta e orienta a leitora, criando intimidade com o público (PUBLIABRIL, 2011).

Nesse contexto, a revista CAPRICHÔ é uma das peças da engrenagem que movimenta as mudanças culturais há mais de cinco décadas.

Atualmente, vivemos num processo contínuo de *boons* culturais, em que é possível identificarmos a evolução²⁰ e a expansão de múltiplas formas de produção e circulação cultural. As instituições tidas como tradicionais, como a escola, a família, a igreja, estão dividindo ou disputando espaço com outras instâncias que vêm a contribuir nos processos de subjetivação dos sujeitos, ou seja, que influenciam nas formas em que os sujeitos são produzidos em determinada cultura.

Para Eli Fabris,

[...] nesse processo, a mídia vem assumindo um papel relevante, junto às demais formas de dinamização e expansão da cultura. [...] o que temos agora, através da mídia e das novas tecnologias, é um processo globalizante onde nossos mundos se interconectam [...]. (2004, p. 257-258).

¹⁹ Hoje já sabemos que na revista ATREVIDA também existe uma seção com o mesmo nome, porém a dinâmica com o público é diferente. Nas revistas portuguesas em que tivemos acesso ao material impresso – “100% Jovem”, “Bravo” – foram identificadas, respectivamente, as seções intituladas **Dúvidas Íntimas** e **Amor e mais...** As duas seções têm o mesmo formato: os/as leitores enviam dúvidas que são respondidas nas publicações das revistas.

²⁰ Faço uso da palavra evolução como sinônimo de mudança e não, necessariamente, implicando progresso.

A produção da seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, é um exemplo da interconexão entre práticas culturais, pois o que é publicado na revista impressa é produto de um material criado no *site* da revista (<http://capricho.abril.com.br/home/>) com a participação das leitoras. Acessando o *site* (<http://capricho.abril.com.br/revista/sexo.shtml>)²¹, as adolescentes podem se inscrever e participar, com seus comentários, ou opinar em enquetes sobre questões acerca da temática que intitula a seção.

A seção **Sexo** assume o mesmo formato quinzenal da revista CAPRICHÔ e a cada edição a coluna apresenta um assunto diferente relacionado à temática sexualidade. A organização da seção é dada a partir de três pontos: bate-papo entre a editora da seção e as leitoras participantes; dados da enquete realizada no *site* da revista acerca da temática discutida²²; dicas e comentários de profissionais sobre o que foi discutido na seção.

A seguir, as edições²³ da seção **Sexo**, publicadas na revista CAPRICHÔ (Fig. 4.1), no período de agosto de 2008 a agosto de 2009²⁴:

Título da seção	Número de leitoras participantes da enquete	Dicas e comentários / Profissionais ²⁵
QUE FLAGRA! O que fazer se for pega na hora H?	2.622	E AGORA? Psicóloga
PÍLULA DO DIA SEGUINTE Fique esperta: ela não é 100% eficiente	522	CUIDADO! Ginecologista
ELE ESTÁ PELADO! Como encarar o garoto quando ele tira a roupa?	1.679	COMO ENCARAR ESSE MOMENTO? Psicólogo
FILMES PICANTES! Assistir a cenas de sexo pode ser bem divertido...	574	É UMA BOA? Psicóloga
CONTO OU NÃO CONTO? A sua melhor amiga pode ser sua confidente para falar de pegação	626	FALAR É BOM! Sexólogo
CLARO QUE TEM QUE USAR! A camisinha te ajuda a relaxar antes, durante e depois da transa	2.782	COMO PEDIR PARA ELE COLOCAR? Psicóloga
ME TOQUE! Você já passou a mão nele?	3.182	PASSA OU NÃO PASSA? Psicóloga
PARA TUDO! O que faz quando você resolve desistir bem no meio?	3.939	E O QUE ISSO QUER DIZER? Psicólogo

²¹ Desde o ano de início da pesquisa o *site* da revista CAPRICHÔ sofreu algumas alterações, portanto é possível que alguns links apresentem problema de acesso.

²² As enquetes e os bate-papos, da seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, são realizados no *site* da revista, antes de serem publicados na revista impressa.

²³ Apenas foram mencionados os títulos das edições utilizados para a análise deste artigo.

²⁴ A análise da seção **Sexo** iniciou em agosto de 2008 e foi realizada até agosto de 2009.

²⁵ Os/as profissionais foram mencionados conforme seus gêneros.

ELE SABE TUDO... ...Mas eu não! O que fazer quando o cara tem muito mais experiência do que você?	12.333	FIQUE CALMA! Psicóloga
EU SÓ PENSO NAQUILO O que fazer quando o sexo não sai da sua cabeça?	1.163	NA MEDIDA Psicóloga
PERDI A VIRGINDADE... E agora, para quem eu conto?	3.853	E SE VOCÊ CONTOU PARA A PESSOA ERRADA? Psicóloga
PREPARAR, APONTAR... Alguns cuidados são fundamentais quando o assunto é a primeira vez!	7.262	COMO CONTROLAR A ANSIEDADE? Psicóloga
ENTÃO... É ISSO?! Para muitas meninas, a sensação de ter um orgasmo ainda é um mistério	2.304	SE AINDA NÃO CHEGOU LÁ... Psicóloga e sexóloga
ACHO QUE NÃO QUERO, E AGORA? Não ter vontade de fazer sexo é algo que pode acontecer com qualquer menina	586	QUANDO FICA SÉRIO Enfermeira obstetra, especialista em sexualidade humana
SÓ PRO SEU PRAZER... O que você sabe sobre masturbação?	5.200	TIRE SUAS DÚVIDAS SOBRE MASTURBAÇÃO Ginecologista e terapeuta sexual
HORA CERTA Qual o momento ideal para o sexo?	1.957	SE VOCÊ AINDA ESTÁ EM DÚVIDA... MELHOR PENSAR MAIS Psicóloga

Figura 4.1 – Edições da seção **Sexo**.

Fonte: Sexo, ago. 2008/ago. 2009.

De acordo com os títulos mencionados acima, é possível observar que os temas abordados nas seções são referentes a anseios, situações de constrangimento, camisinha, anticoncepcional e outros relacionados, quase que em sua totalidade, aos momentos antes, durante e depois da relação sexual. E, os saberes e conhecimentos acerca da temática sexualidade são atribuídos às vozes a que foram conferidas a autoridade e a capacidade de falar a respeito de tal assunto, nesse caso, psicólogos/as, sexólogos/as, terapeutas, terapeutas sexuais e ginecologistas.

A partir dos dados apresentados no quadro e da relação entre os temas discutidos e os/as profissionais chamados/as a assinar as dicas e comentários incidiram as seguintes inquietações: 1) Por que, na seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, os discursos acerca da temática sexualidade vêm sendo produzidos a partir de discursos biológicos? 2) Por que a autoridade científica é conferida apenas a alguns especialistas para falar sobre sexualidade? 3) Que discursos esses profissionais estão (re)produzindo acerca da sexualidade adolescente?

Na busca de respostas às questões apresentadas e ao reconhecermos a seção **Sexo** como um espaço de produção de saberes e “verdades” acerca da sexualidade adolescente, analisaremos, a partir das dicas e comentários assinados por profissionais, o modo como a

revista CAPRICHOS contribui na produção dos sujeitos adolescentes femininos e sob que formas a sexualidade adolescente vem sendo produzida nesse artefato.

4.2.4 Dúvidas sobre sexo? Quem pode responder e o que “eles” têm a dizer? – análises das dicas e comentários da seção Sexo

A seção **Sexo** é um dos mecanismos contemporâneos que convida, incita e coage a falar sobre sexo, divulgando e fazendo circular discursos “verdadeiros” sobre o tema, sendo que o caráter de “verdade” assumido por esses discursos é dado sob a forma do discurso científico, ou seja, seus discursos são (re)produzidos a partir de uma *scientia sexualis*.

Para Foucault (2007, 2010), os discursos sobre sexualidade nem sempre foram atribuídos a verdades científicas. No fim do século XVI, o sexo foi crescentemente incitado a ser colocado em discurso e, nesse processo, desenvolveram-se a *ars erotica*²⁶ e a *scientia sexualis*, que caracterizam dois grandes procedimentos para se produzir a verdade do sexo. No entanto, as sociedades ocidentais não desenvolveram uma arte erótica, mas sim uma ciência sexual, na qual a sexualidade das pessoas é objeto de saber, isto é, a *scientia sexualis* ocupa-se da “verdade do sexo, e não intensidade do prazer” (Ibid., 2010, p. 61), como ocorre na arte erótica.

Dessa forma, a *scientia sexualis*, desde século XIX, atua como um dispositivo²⁷ de sexualidade, a partir do qual controla-se o corpo e o sexo dos homens e das mulheres. Nela, a técnica da confissão é central na produção de saberes sobre o sexo, que passa a ser confessado através de procedimentos (exames, interrogatórios, observações, entrevistas) que incitam os sujeitos a falarem sobre suas sexualidades.

Foucault entende por confissão “todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (2008b, p. 264). Antes mesmo do século XIX, a técnica da confissão era usada para produzir um discurso verdadeiro sobre o sexo, no entanto houve mudanças e,

²⁶ Na *ars erotica*, desenvolvida principalmente pelas sociedades orientais, a verdade sobre o sexo era produzida a partir do “próprio prazer” (FOUCAULT, 2007, p. 65), não há vínculo a conhecimentos científicos, nem preocupação em divulgar os saberes sobre o prazer. O discurso sobre a sexualidade busca “definir uma arte – uma arte que visaria a produzir, através da relação sexual ou com órgãos sexuais, um tipo de prazer que se procura tornar o mais intenso, o mais forte ou o mais duradouro possível” (FOUCAULT, 2010, p. 61).

²⁷ Entende-se por dispositivo “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.” (FOUCAULT, 2008b, p. 244).

com o passar dos tempos, a confissão, que era fortemente atrelada à prática da penitência, devido ao desenvolvimento de uma *scientia sexualis*, passa a ser vinculada à ciência.

Nesse momento os prazeres mais singulares eram solicitados a sustentar um discurso de verdade sobre si mesmos, discurso que deveria articular-se não mais àquele que fala do pecado e da salvação, da morte e da eternidade, mas ao que fala do corpo e da vida – o discurso da ciência (FOUCAULT, 2007, p. 73).

Assim, ao se constituírem numa “ciência-confissão”, discursos de verdade sobre o sexo vêm sendo produzidos sobre a forma de um poder-saber²⁸, a partir da qual

[...] através de círculos cada vez mais fechados, o projeto de uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso é possível desenrolar-se no discurso do sexo (FOUCAULT, 2007, p. 80).

Nesse contexto, o sexo vem sendo colocado em discurso, havendo um controle sobre o que pode ou não ser dito e quem pode ou não pode falar sobre o assunto. Dessa forma, os saberes acerca do sexo e da sexualidade têm estado intrínsecos às relações de poder²⁹ e às noções de “verdade”³⁰.

Para Foucault (2008b), nossa sociedade “marcha ‘ao compasso da verdade’”. Nesse sentido, é comum depararmo-nos com discursos acerca da sexualidade que instituem normalidades a partir de “verdades” produzidas e divulgadas por múltiplas instâncias (escola, instituição religiosa, mídia) e campos do saber (Medicina, Biologia, Psicologia), ou seja, essas instituições e campos de saber produzem e fazem circular “discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos” (Ibid., p. 231).

Nas dicas e comentários da seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, é possível identificarmos a produção de discursos “verdadeiros” acerca da sexualidade a partir da articulação de uma “ciência-confissão”. Pois, ao propor que as meninas confessem suas

²⁸ A expressão poder-saber é utilizada num sentido foucaultiano em que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2008d, p. 27).

²⁹ Segundo Foucault, “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (2007, p. 103).

³⁰ Para Foucault, “a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças as múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns aos outros; as técnicas e procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (2008b, p. 12).

sexualidades, possibilitando discussões do tipo “*O que fazer quando o sexo não sai da sua cabeça?*”, “*Perdi a virgindade... e agora, para quem eu conto?*”, “*O que você sabe sobre masturbação?*”, a revista está dizendo “conte sobre sua intimidade”, “conte ‘suas verdades’”, supondo que, nesse espaço, é possível falar sobre sexo e que não há problema algum em expor e divulgar seus prazeres.

No entanto, esse discurso de “confesse seu prazer, pois nós falamos a sua língua”, que incita as meninas a falarem abertamente sobre suas sexualidades, é seguido de dicas e comentários como “*Cuidado!*”, “*É uma boa?*”, “*Falar é bom?*”, promovendo um autoexame do que as meninas acabaram de revelar.

Fique calma! O fato de o cara ser mais experiente não quer dizer que ele saiba tudo. Se você aceitou transar com ele, **confie** na sua decisão. Então, **relaxe** e **não fique** tensa, com medo de fazer algo errado ou pagar algum mico. É essa tensão que pode estragar o momento, não o fato de ele saber mais sobre sexo do que você!
Dica escrita por uma profissional psicóloga e sexóloga. Título da seção – Ele sabe tudo... mas eu não! O que fazer quando o cara tem muito mais experiência que você? (ed. 1066, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 65).

E o que isso quer dizer? Quis parar uma transa no meio? **Nem precisa se preocupar**, pois não tem nada errado com você. Sua atitude só mostra que está faltando alguma coisa para esse momento acontecer. Pode ser que você esteja encanada com algo ou não se sinta preparada AINDA. “**Tenha certeza** que o não de hoje traz mais cumplicidade e se transforma no sim de amanhã”, explica A.L.C.J., professor de psicologia da UNB.
Título da seção – Para tudo! O que fazer quando você resolve desistir bem no meio? (ed. 1064, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 63).

A partir dos excertos acima, podemos identificar que o autoexame é provocado no momento em que os profissionais dizem “fique calma”, “confie”, “relaxe”, “não fique”, “nem precisa se preocupar”, levando a leitora a pensar e avaliar seu comportamento.

Ao trazer especialistas que avaliam o comportamento das meninas e esclarecem suas dúvidas através desse tipo de aconselhamento prescritivo, a seção **Sexo** produz discursos que regulam, normalizam³¹ e produzem verdades e saberes sobre os modos de viver as sexualidades. A leitora fala de si, no entanto quem sabe realmente sobre o assunto são os peritos (psicólogos/as, sexólogos/as, ginecologistas), eles sim são os detentores da “verdade”, eles sabem “o que isso quer dizer”.

Dessa forma, é possível perceber o “ponto de intersecção entre uma técnica de confissão e uma discursividade científica” (FOUCAULT, 2007, p. 78), a partir do qual a

³¹ Segundo Foucault, “A norma é tanto o que se pode aplicar a um corpo que se quer disciplinar, quanto a uma população que se quer regulamentar. [...] A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruza, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação”. (2005, p. 302).

sexualidade passou a ser uma esfera penetrável que, ao ser confessada, solicita interpretação e “intervenções terapêuticas ou de normalização” (Ibid., p. 78).

Segundo Foucault, é o método da interpretação³² que possibilita à verdade produzida ser validada cientificamente.

A verdade não está unicamente no sujeito, que a revelaria pronta e acabada ao confessá-la. Ela se constitui em dupla tarefa: presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, só podendo completar-se naquele que a recolhe. A este incumbe a tarefa de dizer a verdade dessa obscura verdade: é preciso duplicar a revelação da confissão pela decifração daquilo que ela diz (FOUCAULT, 2007, p. 76).

Deste modo, observam-se as posições em que esses/as profissionais autorizados/as a falar de sexualidade e a própria mídia assumem nessa rede discursiva, pois, embora a revista se sinta apta a ter uma seção que discuta o tema sexualidade, há a necessidade de dar voz a um/a especialista de modo a legitimar os discursos da revista através de discursos científicos.

A partir da prática de privilegiar saberes em detrimento de outros para falar sobre sexo, a revista CAPRICHÔ colabora para a produção de formas específicas de viver a sexualidade adolescente.

Na medida: **é bom pensar em sexo!** Pode parecer que não, mas só isso já ajuda a preparar o seu organismo e a sua cabeça para quando a transar. ‘Mas esse pensamento **não pode atrapalhar** a vida da menina. Ou seja, ela **tem que conseguir estudar** e fazer outras coisas’, afirma G.L., psicóloga do Instituto Paulista de Sexologia. Se pensar no assunto está empatando a sua vida, é hora de falar com um psicólogo. Agora, jamais pensar em sexo não é legal. Nesse caso, também vale pedir ajuda. É importante encontrar o equilíbrio!
Título da seção – Eu só penso naquilo: o que fazer quando o sexo não sai da sua cabeça? (ed. 1069, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 68).

Quando fica sério: **é normal ter medo** de encarar a primeira vez e, por isso, ficar sem vontade de transar. Até quem não é mais virgem e tem um namorado fofo **pode perder o desejo** às vésperas do vestibular, por exemplo. Afinal, sua cabeça está em outra. Agora, **estranho mesmo é não ter vontade de beijá-lo nem sentir um frio na barriga** quando ele te dá uns amassos. Isso pode ser sinal de algo está errado. Talvez você não goste tanto dele ou esteja encanada com algo. Caso não consiga entender o que está rolando, bata um papo com um psicoterapeuta. (Dica escrita por uma enfermeira obstetra, especialista em sexualidade humana).
Título da seção – Acho que não quero, e agora? **Não ter vontade de fazer sexo é algo que pode acontecer com qualquer menina.** (ed. 1074, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 64).

³² Para Foucault, além da regra da interpretação, entre a técnica de confissão e a discursividade científica, atuam outros mecanismos de ajustamento: técnica de escuta, postulado da causalidade, princípio de latência e imperativo de medicalização (2007, p. 78).

Ao dizer às leitoras, a partir da fala dos profissionais, o que é possível pensar e sentir – “é bom pensar”, “não pode atrapalhar”, “tem que conseguir estudar”, “é normal ter medo” – a revista CAPRICHÔ materializa um jeito único de ser adolescente, pois parte da ideia de que todas as leitoras, ao vivenciarem determinadas situações, devem sentir e agir da mesma forma. Essa padronização ocorre não apenas acerca de suas sexualidades e nos seus modos de sentir e de pensar, mas também na demarcação das posições de sujeito que as adolescentes devem ocupar na sociedade. Nos excertos acima, a questão relacionado aos estudos é um exemplo disso, como se estudos e vestibular fizessem parte da vida de toda adolescente.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que se direcionam a todo seu público de leitoras, os discursos divulgados na seção **Sexo** também se dirigem, de forma particular, a cada leitora individualmente, falando de questões acerca de suas sexualidades e ensinando um modelo de adolescente que ela deve seguir, individualizando, assim, cada leitora em função de um molde inventado culturalmente e universalizado do que é ser um sujeito adolescente³³ feminino.

A partir dessas análises, é possível perceber tanto o mecanismo disciplinar quanto o mecanismo regulamentador operando na seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ. A tecnologia disciplinar, por sua vez, tem seus efeitos voltados ao corpo individual, ou seja, atua sobre cada leitora individualmente. Para Foucault, “a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente” (FOUCAULT, 2005, p. 300).

Tome cuidado quando for revelar sua intimidade a alguém. Nem sempre é possível controlar o outro e o que era para ser segredo pode virar fofoca. Se isso acontecer, fique calma e não tome atitudes precipitadas. Quanto menos importância você der ao fato, menos impacto aquilo terá nas pessoas. Deixe claro para quem traiu sua confiança o quanto você está desapontada e não toque mais no assunto. Se ouvir comentários maldosos, seja natural e lembre: **não há nada de anormal** em perder a virgindade.

Dica escrita por uma psicóloga especialista em sexualidade. Título da seção – Perdi a virgindade... E agora para quem eu conto? (ed. 1070, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 70).

Se você ainda está em dúvida... Melhor pensar mais! Não dá para encarar o sexo como algo sem importância. Pra ser bom, é fundamental que você esteja preparada. Não adianta topa transar e ficar com mil encanações. Isso só vai prejudicar o seu prazer! Tente conversar com o cara e divida com ele todas as suas dúvidas. Se isso não rolar, **pesquise com quem entende sobre o assunto**. Puxe papo com uma amiga mais experiente que você e vá a um ginecologista. A melhor forma de se sentir segura é saber o máximo de informações para não ter medo do desconhecido!

³³ Segundo Sérgio Ozella, a adolescência é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. É constituída como significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais [...] Quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos constituindo significações, a partir de realidades sociais e de marcas que são referências para a constituição dos sujeitos. (2002, p. 21).

Dica escrita por uma psicóloga especialista em sexualidade. Título da seção – Hora certa. Qual o momento ideal para o Sexo? (ed. 1077, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 73).

Nos excertos acima, é possível observar o poder disciplinar “fabricando” adolescentes. As dicas são sempre voltadas à 2ª pessoa do singular e a todo o momento é dito a esse sujeito – a adolescente leitora – como ela deve agir e se comportar perante as questões relacionadas à sua sexualidade: “Tome cuidado”, “fique calma”, “não tome atitudes precipitadas”, “deixe claro”, “não toque mais no assunto”, “seja natural”, “melhor pensar mais”, “esteja preparada”, “pesquise”.

[...] O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior “adestrar” [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 2008d, p. 143).

Ao mesmo tempo, também atua, na seção **Sexo**, a tecnologia regulamentadora, a biopolítica. Esse mecanismo, diferente do poder disciplinar, dirige-se “à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ele forma, ao contrário, uma massa global” (FOUCAULT, 2005, p. 289), ou seja, não estamos mais falando de um mecanismo que atua apenas sobre uma única leitora, mas que atinge todo o público de leitoras da revista. Acerca disso, podemos dizer que a seção **Sexo** exerce a tecnologia da biopolítica, porque, embora seus discursos interpelem individualmente as adolescentes leitoras, suas intenções e efeitos são massivos. Ao traçar seu perfil, a revista CAPRICHÔ se define como

[...] a revista que entende e respeita as ideias e valores **da adolescente**. [...] Na revista, ela encontra matérias sobre a intimidade dos famosos, comportamento, moda, relacionamentos e outras informações importantes como: programação de shows, eventos e um guia de compras com preços e endereços [...] A CAPRICHÔ tem como objetivo de mercado continuar sendo a melhor revista para adolescentes. **Sua missão é informar, entreter, formar e conectar a maior comunidade** de garotas com estilo e atitude do país (grifo meus) (HISTÓRIA, 2010).

Nessa breve autobiografia, a revista divulga sua missão, elucidando que seu objetivo é informar, entreter e formar cada adolescente leitora e, em seguida, conectar todas essas adolescentes, atentando que não se trata de qualquer adolescente e, sim, de “garotas com estilo e atitude”. Dessa forma, a revista CAPRICHÔ e, especificamente, neste trabalho, a seção **Sexo**, promove um espaço onde pode se falar tudo sobre sexo, assumindo a função

pedagógica de informar, orientar e ensinar as leitoras a respeito de vários aspectos relacionados a suas vidas sexuais.

Para tanto, em busca de legitimidade, a revista isenta-se da autoria das dicas, dividindo com os especialistas a responsabilidade pelo conteúdo que publica, o que, de alguma forma, atribui a suas funções e missão um compromisso sobre os saberes que divulga.

Convocar um perito a falar sobre sexualidade a cada edição da seção **Sexo** oferece confiabilidade à revista, pois, segundo Foucault, em nossa sociedade “a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem” (FOUCAULT, 2008b, p. 13), por isso

[...] o que se deve levar em consideração no intelectual não é, portanto, ‘o portador dos valores universais’; ele é alguém que ocupa uma posição específica, mas cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo da verdade em nossas sociedades (Ibid., p. 13).

Tendo seus discursos atribuídos às ciências, a partir de vozes instituídas como autorizadas e capacitadas – psicóloga/o, terapeuta sexual, ginecologista, enfermeira obstetra, sexóloga/o, especialista em sexualidade humana – a seção **Sexo** garante e comprova veracidade as suas dicas e comentários quinzenais, bem como à revista no geral. A partir da credibilidade que a seção assume, a CAPRICHÔ aproveita a voz dos/as considerados/as peritos/as do sexo, para que se instaurem mecanismos de preservação da vida, o que possibilita ao biopoder exercer “sobre a ‘população’ enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o ‘poder de fazer viver’” (FOUCAULT, 2005, p. 294).

Como pedir para ele colocar? O que conta mais nessa história é o seu amor próprio: ninguém quer uma **gravidez indesejada** ou alguma **DST**. Então, quando bater a vergonha, pense no seu bem-estar. A melhor estratégia é não deixar para tocar no assunto apenas na hora do sexo. Se não tiver coragem para falar não fale! Simplesmente pegue a **camisinha** e coloque no cara! Caso ele diga não, seja esperta e pense muito bem antes de aceitar correr riscos desnecessários. Acredite: não tem nada melhor do que poder curtir o momento sem encanações!

Dica escrita por uma psicóloga. Título da seção – Claro que tem que usar! A camisinha te ajuda a relaxar antes, durante e depois da transa. (ed. 1060, grifos meus) (SEXO, 2008, p. 72).

Cuidado! A **pílula** do dia seguinte só deve ser usada quando a **camisinha** estourar ou quando você esqueceu de tomar a pílula tradicional por dois dias seguidos. O medicamento só funciona se for ingerido até cinco dias após a transa. **O uso excessivo da pílula do dia seguinte** desregula o ciclo menstrual e pode provocar dores no estômago e na cabeça. E, além de **não evitar totalmente a gravidez, não protege contra DSTs**. Por isso, **camisinha sempre!**

Dica escrita por um ginecologista. Título da seção – Pílula do dia seguinte. Fique esperta: ela não é 100% eficiente. (ed. 1055, grifos meus) (SEXO, 2008, p. 92).

É possível observar, nos excertos acima, técnicas que buscam regulamentar a sexualidade das leitoras a partir de discursos acerca de cuidados preventivos contra gravidez não planejada, camisinha, pílula, Aids e DST. Ao mesmo tempo em que podem falar sobre seus sexos e confessar suas sexualidades, as meninas também são alertadas sobre os riscos que cercam a sexualidade.

Desse modo, dá-se, segundo Fischer, “esse jogo de vida e morte, de sexo e perigo, de prazer e morte, a que assistimos em nossos dias, com a incitação ao sexo e ao mesmo tempo a multiplicação das respectivas práticas de vigilância” (1996, p. 256).

Em vista disso, a partir da publicação de frases como “ninguém quer uma gravidez indesejada ou uma DST”, “pegue a camisinha e coloque no cara”, “use camisinha sempre”, é possível perceber o quanto os discursos acerca da sexualidade, divulgados na seção **Sexo**, ao serem assinados por determinados/as especialistas, têm como pretensão não apenas informar sobre o uso da camisinha ou da pílula do dia seguinte, mas principalmente disciplinar e regulamentar a forma como as meninas vivem suas sexualidades, mecanismos que consistem em fazer viver.

[...] o sexo hoje em dia é de fato transpassado pelo instinto de morte. Quando o Ocidente, há muito tempo, descobriu o amor, concedeu-lhe bastante valor para tornar a morte aceitável; é o sexo quem aspira, hoje, a essa equivalência, a maior de todas. E enquanto o dispositivo de sexualidade permite às técnicas de poder investirem sobre a vida, o ponto fictício do sexo, marcado por esse mesmo dispositivo, exerce bastante fascínio sobre cada um para que se aceite escutar nele bramir a morte (FOUCAULT, 2007, p. 170).

Nos anos 80, temas como Aids, gravidez não planejada e doenças sexualmente transmissíveis foram motivos para implementação da educação sexual nos currículos escolares no Brasil (RIBEIRO, 2002). Segundo Rosa Fischer (1996), nos anos 90, houve uma reprodução de pesquisas sobre as práticas sexuais dos adolescentes, que tinham como objetivo orientar sobre a prevenção da gravidez indesejada e das doenças sexualmente transmissíveis. Esses dois momentos datados têm, em comum, que a sexualidade, em ambos, era abordada a partir de discursos biológicos e científicos direcionados a cuidados com o corpo.

Atualmente, é possível observar que o discurso biológico e cientificista ainda ocupa lugar privilegiado para falar sobre sexualidade e, a partir disso, diferentes instâncias sociais como a escola, a família e propriamente a mídia, sobre a qual nos debruçamos neste trabalho,

convocam ginecologistas, enfermeiros/as, psicólogos/as, sexólogos/as, dentre outros profissionais considerados especialistas do sexo para legitimarem seus discursos.

E agora? **Não precisa se desesperar** se seus pais pegarem você no flagra. Depois que a situação se acalmar, procure-os para conversar. Lembre a eles de que o amasso é **natural na sua idade**. Os dois já foram mais jovens e com certeza vão concordar. Diga que, se você está fazendo, é porque **se sente** madura para isso. Se mesmo assim não **voltar tudo ao normal**, dê um tempo. Eles podem precisar de espaço para digerir a novidade.

Título da seção – **Que flagra! O que fazer se for pega na hora H!** (ed. 1054, grifos meus) (SEXO, 2008, p. 87).

Se ainda não **chegou lá**: Calma! Isso não significa que você tem **um problema**. O **prazer** durante a transa não é algo que simplesmente acontece. Ele precisa ser conquistado. Como? Com **prática**! Depois de um tempo, as preocupações que rolam durante o sexo diminuem e você consegue **conhecer melhor o seu corpo**. A partir daí, fica mais fácil sacar o que você gosta e estimular esses pontos durante a relação. Quanto mais relaxa estiver, **mais fácil chegará ao orgasmo**.

Dica escrita por uma psicóloga e **sexóloga**. Título da seção – **Então... É isso?! Para muitas meninas, a sensação de ter um orgasmo ainda é um mistério**. (ed. 1072, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 87).

Tire suas dúvidas sobre **masturbação**: Faz algum mal? De jeito nenhum! A masturbação marcará o início da vida sexual e é um hábito saudável que ajuda a garota a **se conhecer melhor**. Existem vários tipos? Existem dois: a **vaginal**, quando há introdução do dedo ou de um objeto na **vagina**, e a **clitoriana**, quando se estimula o **clitóris**. Tira a virgindade? É raro, mas pode rolar. Dependendo do objeto ou do modo como os dedos são introduzidos na vagina, o **hímen pode romper**. Sempre resulta em orgasmo? Não. O que acontece é uma sensação prazerosa, mas que não necessariamente leva ao orgasmo. Apesar disso, essa é a forma mais fácil de aprender como sentir prazer com o sexo.

Dica escrita por uma **ginecologista** e terapeuta sexual. Título da seção – **Só pro seu prazer... O que você sabe sobre masturbação?** (ed. 1075, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 75).

A partir dos excertos apresentados, é interessante pensarmos nas posições que os profissionais que assinam as dicas e comentários assumem enquanto sujeitos detentores de um saber. Pois, mesmo que todos esses profissionais tenham sido contemplados como “aptos” a falarem sobre sexualidade, ainda assim há entre eles “subcategorias” que os selecionam de acordo com o assunto que está sendo discutido.

Quando os temas são comportamento, namoro, situações vivenciadas e sentimentos relacionados à relação sexual, as vozes chamadas a falar sobre esse assunto são principalmente os/as psicólogos/as e terapeutas.

Passa? Não Passa? **É normal** ficar com vontade de passar a mão nele! Afinal, se vocês estão juntos é porque rola atração física. E **é mais normal ainda ter vergonha de fazer** isso por medo do que o garoto irá pensar. ‘A vergonha diminui quando a menina se sentir confortável para assumir seus desejos e suas escolhas. Se as carícias ficarem gostosas e a garota se sentir segura na relação, a vergonha dará

espaço ao prazer’, afirma G.L., **psicóloga** associada do Instituto Paulista de Sexualidade.

Título da seção – **Me toque! Você já passou a mão nele?** (ed. 1061, grifos meus) (SEXO, 2009, p. 66).

É como se os psicólogos fossem os peritos responsáveis pela “sexualidade mental” e cuidassem da “alma” das adolescentes, orientando-as o que sentir e como agir perante as situações, adotando o discurso do “normal” e “natural”, no intuito de fazer com que a leitora não se sinta diferente das demais, afinal “pode acontecer com qualquer menina”.

Os/as sexólogos/as são convocados/as a falar sobre prazer, intimidade e primeira relação.

Como encarar esse momento? Para não morrer de vergonha ao ver um garoto sem roupa pela primeira vez, é preciso ter **intimidade** com ele. E isso vem com o tempo e, de preferência, depois dos dois falarem sobre sexo. Se a ideia de ver um menino nu aterroriza, talvez a sua **hora ainda não tenha chegado**. Quando rolar a dica é agir com **naturalidade**. (Dica escrita por um sexólogo.

Título da seção – **Ele está pelado! Como encarar o garoto quando ele tira a roupa?** (ed. 1056, grifos meus) (SEXO, 2008, p. 83).

Como controlar a **ansiedade**? Uma situação nova, como **a primeira vez, deixa qualquer garota tensa**. Mas não se engane achando que isso é sinal de que você não está preparada para transar. Sentir aquele friozinho na barriga é **supernormal** o problema é não saber encarar o momento. Para não ter que passar por isso, pesquise muito e **converse** com gente que poderá ajudar, **como um ginecologista** ou amigas que já transaram. Quando chegar a hora, relaxe e lembre: ninguém está 100% pronto para uma novidade. Nesse caso, o único jeito é vivê-la. (Dica escrita por uma **sexóloga, psicóloga** e professora do Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicossomática.

Título da seção – **Preparar, apontar... Alguns cuidados são fundamentais quando o assunto é a primeira vez!** (ed. 1071, grifos meus). (SEXO, 2009, p. 79).

A partir dos excertos acima, pode-se perceber que o papel dos/as sexólogos/as é muito similar ao dos/as psicólogos/as, tanto que em alguns casos o/a sexólogo/a também é psicólogo/a. As dicas dos/das sexólogos/as seguem a mesma linha dos/as psicólogos/as, reafirmando o discurso do que é normal e ensinando como as meninas devem agir. No entanto, não estamos mais falando apenas de uma “sexualidade menta”, agora é como a junção do corpo e da “alma”. Talvez por isso, no último excerto, há indicação para que a leitora procure um ginecologista, sugerindo que ele seja o especialista que entende melhor o corpo feminino.

Na seção **Sexo**, o/a ginecologista é o/a profissional chamado/a a falar sobre o corpo feminino e sobre os órgãos genitais. Nas dicas apresentadas neste trabalho, observa-se que as informações assinadas pelos/as ginecologistas são relacionadas aos temas pílula do dia

seguinte – “O uso excessivo da pílula do dia seguinte desregula o ciclo menstrual e pode provocar dores no estômago e na cabeça” – e masturbação – “Dependendo do objeto ou do modo como os dedos são introduzidos na vagina, o hímen pode romper”. E, quando não responsáveis pela autoria das dicas, são indicados a serem procurados pelos demais profissionais: “pesquise com quem entende sobre o assunto. Puxe papo com uma amiga mais experiente que você e vá a um ginecologista”.

A partir das análises da seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, realizadas neste trabalho, é possível observar a incitação e a produção de saberes acerca da sexualidade a partir de práticas de confissão e autoexames atrelados a uma *scientia sexualis*, configurando assim o dispositivo da sexualidade nessa instância midiática.

Ao se constituir como um local privilegiado a falar sobre e produzir saberes acerca da sexualidade, a revista CAPRICHÔ tornou-se uma espécie de manual para as adolescentes, o qual produz e reproduz discursos multiplicados na voz da ciência e de seus peritos: psicólogos/as, sexólogos/as, ginecologistas, os “políciais do sexo”, como Bernard Henry-Lévy os nomeou em entrevista³⁴ com Michel Foucault.

Nessa mesma ocasião, Foucault, em relação à incitação ao qual somos submetidos a confessar nossas sexualidades, diz que:

[...] nos colocam uma armadilha perigosa. Eles dizem mais ou menos o seguinte: "Vocês têm uma sexualidade, esta sexualidade está ao mesmo tempo frustrada e muda, proibições hipócritas a reprimem. Então venham a nós, digam e mostrem tudo isto a nós, revelem seus infelizes segredos a nós...". Este tipo de discurso é, na verdade, um formidável instrumento de controle e de poder. Ele utiliza, como sempre, o que dizem as pessoas, o que elas sentem, o que elas esperam. Ele explora a tentação de acreditar que é suficiente, para ser feliz, ultrapassar o umbral do discurso e eliminar algumas proibições. E de fato acaba depreciando e esquadrinhando os movimentos de revolta e liberação... (FOUCAULT, 2008b, p. 232 - 233).

É exatamente isso o que vemos nas falas dos profissionais na seção **Sexo**, pois existem trechos que supõem a sexualidade ser algo muito íntimo, a qual devemos cuidar a quem vamos confessá-la; por vezes fala-se até em medo. No entanto, propicia-se um espaço em que tudo pode ser revelado, sem que seja necessário esconder seus prazeres e desejos. E isso provavelmente só é possível ser feito, porque estamos diante dos detentores do saber sobre o sexo.

³⁴ FOUCAULT, 2008b, p. 232.

4.2.5 Para concluir

A missão da revista, a de “conectar a maior comunidade de garotas”, foi algo que nos instigou a pensar que caminhos a revista tem percorrido para cumprir tal objetivo. Em primeira instância, percebemos que, atrelada a esta missão, está a figura de uma adolescente universal, pois, para fazer parte da “comunidade de garotas”, é preciso que a leitora se identifique nas páginas da revista e se encaixe no perfil adolescente traçado pela mesma. Nessa busca, a menina passa a seguir os padrões estipulados pela revista, adotando um certo modo de ser e estar na sociedade.

Na seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, a missão da revista também tem seu alcance no sentido de produzir uma única forma de viver a sexualidade adolescente feminina a partir de ensinamentos sobre os corpos, comportamentos, prazeres e desejos. A partir dos ensinamentos que quinzenalmente são publicados na seção **Sexo**, podemos observar a colocação do sexo em discurso que Foucault identificou como “dispositivo da sexualidade”:

[...] a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2007, p. 116-117).

Assim, “estimular”, “intensificar”, “incitar” são táticas utilizadas pela seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, no propósito de visibilizar e produzir uma sexualidade “verdadeiramente” característica de uma menina adolescente. A partir dessas práticas, constitui-se a produção de uma sexualidade adolescente através de relações de poder.

Desse modo, ao analisarmos o objeto de pesquisa, a partir do dispositivo da sexualidade, podemos “analisar a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão³⁵ ou de lei, mas em termos de poder” (FOUCAULT, 2007, p. 102).

Ao admitirmos que por trás de todo saber e conhecimento há relações de poder - ressaltando que estamos falando de um poder num sentido foucaultiano, o que implica em considerar as ações de poder não como negativas, mas como positivas, visto que estão produzindo efeitos – percebemos o quanto algumas técnicas são importantes, não apenas para

³⁵ Para Foucault, “a noção de repressão não dá conta do funcionamento real, histórico, do poder. Desde o ponto de vista da ‘hipótese repressiva’, o século XVII teria sido o início de uma época de repressão sexual” (CASTRO, 2009, p. 384). No livro *História da Sexualidade 1: a vontade de saber* (2007), o autor busca mostrar que a história da sexualidade, dos últimos três séculos, vai contra a ideia de repressão sexual e sim a ideia de que houve uma proliferação discursiva acerca do sexo. Nesse sentido, “o poder, seu funcionamento, suas formas de exercício, não só não são interpretáveis em termos de repressão, mas, mais ainda, esses mecanismos construíram o que Foucault denomina ‘dispositivo de sexualidade’” (CASTRO, 2009, p. 384).

a produção de discursos e de verdade, mas também no quanto essas interpelam os sujeitos na formação de suas subjetividades.

A colocação do sexo em discurso, segundo Foucault (2007), ocorre desde o final do século XVII. Desde então, essa temática vem sendo abordada tendo como respaldo diferentes campos do saber. Com o nascimento das ciências humanas, no século XIX, o mecanismo de incitação a se falar sobre sexo intensificou-se, houve uma explosão discursiva obstinada a “constituir uma ciência da sexualidade” (Ibid., p. 19).

Nesse contexto, nossa sociedade tem se valido de uma *scientia sexualis* para falar sobre sexualidade, isto é, utiliza-se o discurso científico para falar sobre a sexualidade dos sujeitos e produzir discursos que regulam, normalizam e produzem verdades e saberes, instituindo modos de viver as sexualidades.

Para Foucault, sobre a produção de discursos acerca da sexualidade, o essencial é “levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz” (2007, p. 18).

A seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, assim como outras instâncias, tem desempenhado um papel pedagógico cultural, atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca da sexualidade adolescente feminina. Ao abordar questões como primeira relação sexual, métodos contraceptivos, corpo, medos, ansiedades, masturbação, orgasmo, entre outros, trazendo dicas e comentários assinados por “peritos do sexo”, a revista busca, nos discursos científicos, veracidade e valor aos seus próprios discursos.

Falar sobre sexualidade a partir de profissionais insituídos como autorizados a falar sobre o tema, legitima a prática pedagógica exercida pela revista CAPRICHÔ através do discurso científico sobre sexo. Além dessa técnica, a seção **Sexo** vale-se dos procedimentos de confissão, escuta e autoexame, incitando em suas leitoras a “vontade de ouvir do outro a verdade sobre seu sexo” (FOUCAULT, 2008b, p. 263).

Dessa forma, a seção **Sexo** é desenhada: as meninas confessam suas sexualidades, a revista as divulga, e os peritos traduzem suas experiências e orientam suas condutas. Segundo Rosa Fischer (1996, p. 277), a presença dos especialistas para responder às dúvidas e conduzir a “palavra científica autorizada”, propicia o esclarecimento, informa, orienta e promove o debate “– funções tipicamente do campo da educação – têm ampla acolhida na mídia, que assume, junto a uma multiplicidade de instituições e organizações, privadas ou públicas, o papel de conduzir o jovem” (Ibid., p. 277).

Nesse sentido, a revista *CAPRICHÔ* constitui-se como uma pedagogia cultural que produz e divulga discursos acerca das sexualidades adolescentes feminina, atuando como um mecanismo de controle sobre as adolescentes que, ao ensiná-las como viverem suas sexualidades, a seção **Sexo**, bem como a revista, institui às suas leitoras identidades e sexualidades “caprichadas”, pois demarca um público específico, reconhecendo a existência de apenas um tipo de adolescente, de um único modo de ser, viver e sentir a adolescência e a sexualidade.

Desse modo, na seção **Sexo**, os significados divulgados acerca da temática sexualidade operam no sentido de auxiliar as meninas adolescentes a compreenderem suas experiências, produzindo entendimentos a partir dos quais, ao se identificarem, suas identidades vão sendo demarcadas.

Entendendo esse suporte - a revista -, portanto, como um dispositivo de constituição de identidades, porque ela serve à recriação de uma identidade que caracteriza uma experiência de alteridade para os leitores. Por meio da relação do leitor com um outro, ele vive a experiência da contemporaneidade, inscrevendo-se num campo de saberes e códigos preestabelecidos que o atravessam e constituem sua percepção da “realidade” (MILANEZ, 2004, p. 185).

Assim, fazer uso das ferramentas conceituais desenvolvidas por Foucault, bem como perceber alguns discursos atuando no *corpus* de análise, tem sido de fundamental importância para que seja possível identificar, na seção **Sexo**, como se dão as relações de poder e o quanto essas relações nos constituem como sujeitos e determinam nossas sexualidades.

4.2.6 Referências

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 477 p.

DORNELLES, Leni Vieira. *Meninas no Papel*. 2002. 175 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FABRIS, Eli Henn. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais em educação*: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 257-286.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. *Juventude e mídia*: possíveis singularidades de uma audiência ativa. Encontro Anual da Associação Nacional do Programas de Pós-graduação em Comunicação COMPÓS, XIV, 2005, p. 1-11. Niterói/Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_875.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

_____. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. Trabalho apresentado na 24ª Reunião Anual da ANPED (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação e Comunicação. Caxambu (MG): 2001, p. 1-20. Disponível em: <http://www.ici.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2001/uma_analise_foucaultiana_da_tv.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. 237 p.

_____. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p.

_____. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. 18. ed. São Paulo: Grall, 2007. 176 p.

_____. *Microfísica do Poder*. 26 ed. São Paulo: Grall, 2008b. 295 p.

_____. Sexualidade e Poder. In: _____. *Coleção Ditos e Escritos V*: ética, sexualidade, política, v. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 56-76.

_____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2008d. 288 p.

GIROUX, Henry; McLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; MOREIRA, Antônio. F. (Org.). *Territórios contestados*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 144-158.

HISTÓRIA da Capricho. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b, p. 7-34.

MÍDIA Institucional Abril. Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/institucional/editora-abril.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

MILANEZ, Nilton. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 138-200.

NACIONAIS, Os grupos. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/grupos/nacionais>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

OZELLA, Sérgio. Apresentação. In: _____. (Org.). *Adolescências construídas*: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003, p. 7-13.

PORTUGAL, Revistas. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_revistas_de_Portugal>. Acesso em: 20 jan. 2011.

PUBLIABRIL. Disponível em:

<<http://www.publicidadeabril.com.br/marcas/capricho/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

REIS, Giselle Volpato dos; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 27-71.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. 125 p. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Bioquímica – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SEXO, Seção. In: CAPRICHIO, Revista. São Paulo: Abril, ago. 2008/ago. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 156 p.

TEEN, Magazines. Disponível em: <www.world-newspapers.com/youth.html>. Acesso em: 20 jan. 2011.

TEENS, Revistas. Disponível em: <www.guiademidia.com.br/revistas/jovens.htm>. Acesso em: 18 jan. 2011.

VEÍCULOS, Os. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/veiculos>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

4.3 ARTIGO III - SEXUALIDADE NA SALA DE AULA: TECENDO APRENDIZAGENS A PARTIR DE UM ARTEFATO PEDAGÓGICO³⁶

4.3.1 Entrelaçamentos iniciais

O presente trabalho tem como objetivo discutir a revista CAPRICHÔ – em especial a seção **Sexo** – não apenas como fonte de informação ou entretenimento, mas como um artefato em que estão presentes determinadas formas de pedagogias que possibilitam o uso da revista como uma ferramenta na prática pedagógica de ensino e aprendizagem³⁷.

A revista CAPRICHÔ (2010), criada em 1952, é uma revista quinzenal, que tem como público alvo meninas adolescentes. Seu sucesso e liderança no mercado identificam-na como um artefato de grande circulação entre esse público.

A CAPRICHÔ é a única marca do universo *teen* a estar presente na vida da adolescente brasileira onde quer que ela esteja. Quem precisa falar com os *teens*, fala com CAPRICHÔ! A revista CAPRICHÔ é líder absoluta na comunicação com as garotas brasileiras! Traz, quinzenalmente, os assuntos sobre os quais as adolescentes querem saber de uma maneira objetiva, clara e informal [...] Sua abordagem acolhe e, ao mesmo tempo, alerta e orienta a leitora, criando intimidade com o público. Hoje são mais de 2,2 milhões de leitoras por edição (PUBLIABRIL, 2011).

A partir dos eixos ‘famosos, comportamento, moda, beleza e diversão’, a revista tem suas publicações organizadas, abordando assuntos voltados ao universo feminino adolescente. As matérias são sobre artistas *teens*³⁸ e outros que são considerados ícones para o público adolescente, informações sobre livros, teatro, shows, filmes e séries, instruções de cuidado com a saúde do corpo, dicas de moda e beleza e relacionamentos (amizade, família, namoro).

Dentre as seções presentes na revista CAPRICHÔ, a seção **Sexo** tem sido o *corpus* de análise de minha dissertação de mestrado³⁹. Desde junho de 2006⁴⁰, essa seção caracteriza-se

³⁶ Artigo a ser submetido à Revista Estudos Feministas.

³⁷ Alguns dados deste trabalho foram apresentados no VI Congresso Internacional de Educação e no VII Enpec – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, ambos no ano de 2009.

³⁸ *Teens* em inglês significa adolescência (*teenage* - adolescente), nesse sentido, *teen/teens* é utilizado na revista CAPRICHÔ e no presente trabalho como referência a adolescentes.

³⁹ PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Nesta pesquisa, o objetivo é analisar as formas como a sexualidade vem sendo (re)produzida neste artefato, ensinando às suas leitoras certos modos de viverem suas sexualidades.

⁴⁰ Dado retirado do site da revista CAPRICHÔ através do link:

<http://app.arquivo.abril.com.br/texto_integral_abril/pesquisaConteudo.do> em agosto de 2009. O acesso a este link só era permitido a assinantes da revista. Nele, era possível ter acesso a publicações de edições da revista

como um espaço em que são discutidas questões relacionadas a momentos antes, durante e depois da relação sexual.

A seção **Sexo** é produzida com a participação das leitoras, no *site* da revista (<http://capricho.abril.com.br/home/>)⁴¹, no qual as adolescentes podem se inscrever e participar com seus comentários ou opinar em enquetes sobre questões acerca da temática que intitula a seção.

Nesse contexto, identificou-se a revista CAPRICHÔ – seção **Sexo** – como um artefato cultural de grande circulação e alcance entre as adolescentes, no qual é possível evidenciar múltiplos discursos acerca da temática sexualidade.

4.3.2 Tecendo significados: a perspectiva teórica

Este texto está fundamentado nos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. A partir desse campo teórico, entendo as sexualidades e as adolescências⁴² como construções culturais produzidas nos acontecimentos históricos e culturais das experiências das pessoas.

Os Estudos Culturais entendem as práticas culturais como produtoras de significados. A partir disso, buscam desconstruir os binarismos e as diferenças entre os diferentes tipos de culturas. Segundo Hall (1997, p. 2), a cultura “tem a ver com a produção e o intercâmbio dos significados – o “dar e o receber de significados” – entre os membros de uma sociedade ou grupo”.

Para que haja a produção e o intercâmbio entre os significados, é preciso que esses tenham certo sentido. Assim sendo, a linguagem tem fundamental importância, pois ela é responsável pela produção e divulgação dos significados, ou seja, é a partir dela que os significados serão compartilhados.

desde 1999, a partir destas edições foi realizada a pesquisa sobre a data de início da seção **Sexo**. No entanto, no ano de 2011 o *site* da revista foi modificado, não oferecendo mais essa opção.

⁴¹ O *site* para se inscrever na seção **Sexo** é <<http://capricho.abril.com.br/revista/sexo.shtml>>. Desde o ano de início da pesquisa o *site* da revista CAPRICHÔ sofreu algumas alterações, portanto é possível que alguns links apresentem problema de acesso.

⁴² Neste trabalho, tomamos o entendimento de adolescência a partir de Raquel Pereira Quadrado, que entende a adolescência como “uma construção que se dá a partir dos discursos de diversos campos – biologia, psicologia, sociologia, história, antropologia, entre outros – e de diversas pedagogias culturais – programas de TV, jornais, revistas, músicas, propagandas, filmes, festas, etc. – que, ao representarem a adolescência, estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e atuando, também, na produção de identidades” (2006, p. 28).

Segundo Hall (1997, p. 1), “a linguagem é um dos ‘meios’ através dos quais pensamentos, ideias e sentimentos são representados em uma cultura”. A linguagem produz os significados, promovendo o intercâmbio entre os indivíduos de uma rede social, através de signos, sinais, símbolos de conhecimento comum, representados por palavras, sons, imagens e outras coisas que de alguma forma vão representar, igualmente, para as pessoas de uma mesma rede, algum significado.

O significado é constantemente produzido e há um constante intercâmbio em cada interação pessoal e social da qual tomamos parte. De certa forma, esta é a localização da cultura e do significado mais privilegiada, embora a mais negligenciada. É também produzida através de *meios*; especialmente, nestes dias, nos modernos meios de massa, os meios de comunicação global, por tecnologias complexas, que circulam significados entre diferentes culturas numa escala e com uma velocidade até aqui desconhecidas para a história (Hall, 1997, p. 3).

Os artefatos culturais são produções e práticas (peças publicitárias, músicas, comunidades da internet, videocliques, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos) construídas culturalmente que produzem, reproduzem e divulgam significados.

Nesse sentido, identificamos a seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ enquanto um artefato cultural que promove a produção e circulação de significados acerca da temática sexualidade, operando não apenas como fonte de informação ou entretenimento, mas como uma ferramenta para o ensino, a qual, ao propiciar a abordagem de assuntos como cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, DST, etc., também ensina significados sobre essas questões, possibilitando, assim, problematizações acerca do tema, ou seja, repensar o que tem sido ensinado sobre sexualidade.

Assim, a partir dos pressupostos dos Estudos Culturais, compreende-se que “outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm um ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (SILVA, 2009, p. 139), isto é, os processos pedagógicos não se limitam apenas ao espaço escolar, como a educação formal, mas também a outras instâncias como a família, a instituição religiosa, internet e a própria mídia.

4.3.2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais enquanto artefato cultural: fios da sexualidade que engendram essa teia pedagógica

Assim como a revista CAPRICHÔ, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também podem ser considerados um artefato cultural, pois eles também são resultado de uma

construção social. Nesse artefato, assim como nos livros didáticos, a sexualidade é abordada a partir de discursos⁴³ biologicistas constituídos por pedagogias que vêm funcionando como estratégias⁴⁴ para o controle dos comportamentos dos indivíduos – “use camisinha”, “não transe”, “cuide de seu corpo”, “conheça os métodos anticoncepcionais”, “Aids mata”...

Dessa forma, ao mencionar apenas o discurso biológico para falar sobre sexualidade, legitima-se o conhecimento científico como único e verdadeiro, resumindo o tema aos sistemas genitais, universalizando os sujeitos como se eles compartilhassem os mesmos atributos biológicos independente de seus contextos históricos e culturais.

Nos PCN, a sexualidade é abordada como um dado natural e inerente sobre o qual os sujeitos precisam ser informados. Sua própria inserção no âmbito curricular foi motivada pelo alto índice de gravidez entre adolescentes, bem como a proliferação do Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV) e de outras doenças sexualmente transmissíveis, dando origem ao tema transversal “Orientação Sexual”.

Segundo Helena Altmann,

[...] a criação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é outro indício da inserção deste assunto no âmbito escolar. O interesse do estado pela sexualidade da população torna-se evidente a partir desta proposta. De acordo com os PCN, em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes (2009, p. 576).

Desse modo, a partir da inserção do tema transversal Orientação Sexual, institui-se não apenas um meio de incluir a temática sexualidade no âmbito escolar, mas também um dispositivo⁴⁵ de controle sobre as formas dos sujeitos viverem suas sexualidades, reduzindo-a a uma disciplina sobre o corpo a qual atua como um mecanismo de regulamentação da sexualidade.

⁴³ Na perspectiva foucaultiana, os discursos não descrevem simplesmente objetos, mas produzem os objetos sobre os quais falam. O importante não é defrontarmos o discurso e o objeto ao qual se refere, mas examinarmos quais são seus efeitos de verdade, isto é, determinar como eles são tomados como verdades.

⁴⁴ Utilizo estratégia num sentido foucaultiano, como um mecanismo de poder que tem como finalidade o controle da ação dos outros.

⁴⁵ O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquiteturas, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos [...] O dispositivo estabelece a natureza do nexo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Por exemplo, o discurso pode aparecer como programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação a *posteriori* dessa prática, oferecer-lhe um campo novo de racionalidade (CASTRO, 2009, p. 124).

Nessa direção, as práticas escolares, passam a falar sobre sexualidade a partir de discursos médicos e biologicistas, no intuito de regular a forma como os indivíduos e a população devem viver suas sexualidades. Assim, a partir das proposições de Foucault, a educação sexual pode ser entendida como um mecanismo de disciplinamento e de regulamentação da vida humana, o qual pretende a preservação do corpo social.

Para o autor, “a sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população” (FOUCAULT, 2005, p. 300) e é sobre esse corpo e essa população que se aplicam as técnicas de poder⁴⁶ disciplinar e a biopolítica:

[...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos [...] Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se faz consoante o modo de individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante, mas que é massificante [...] que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem espécie [...] algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana (FOUCAULT, 2005, p. 289).

Nesse sentido, os incitamentos acerca dos cuidados preventivos contra gravidez não planejada, a Aids e outras DST presentes nos PCN e livros didáticos, podem ser identificados como mecanismos da biopolítica atuando.

Não diferente dos artefatos mencionados no parágrafo acima, a revista CAPRICHÔ também regulamenta a forma de suas leitoras viverem suas sexualidades e tampouco escapa aos discursos biologicistas ao falar sobre o tema.

Nesse artefato, especificamente na seção **Sexo**, na qual são discutidas questões relacionadas a momentos antes, durante e depois da relação sexual, a sexualidade é produzida a partir de significados e representações de determinados campos científicos, como o da Medicina, o da Biologia, o da Psicologia e o da Psiquiatria; dessa forma, percebe-se que esses campos de saber vêm sendo privilegiados na determinação dos significados vinculados a essas questões na sociedade.

A *priori*, a revista CAPRICHÔ pode parecer apenas mais uma prática de replicação dos discursos cientificistas, porém esse artefato diferencia-se dos demais (PCN e livros didáticos) por constituir um espaço em que as adolescentes podem identificar-se com um

⁴⁶ Foucault não falou de poder como algo unitário, mas sim em relações de poder, as quais não representam algo negativo, ao contrário, são produtivas, e se dão numa ação sobre a ação do outro.

determinado grupo social de uma determinada cultura⁴⁷, possibilitando que se posicionem e compartilhem experiências relacionadas às suas sexualidades.

4.3.2.2 Entrelaçando fios: a utilização das revistas como artefatos culturais nas salas de aula constituindo a teia pedagógica

A mídia, assim como outras instâncias, tem desempenhado um papel pedagógico cultural, atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca da sexualidade adolescente abordando, essas temáticas como problemas de saúde sexual e reprodutiva, tratadas através dos discursos médico e biológico sobre o funcionamento do corpo e das doenças para prescrever um autocuidado e, através dele, controlar o corpo e a sexualidade.

Segundo Fischer,

[...] é possível imaginar que a mídia funcionaria, em nossa época, como uma espécie de lugar de superposição de “verdades”, justamente por ter se transformado em um local privilegiado de produção, veiculação e circulação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles diretamente criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios. Uma de suas características principais é que, nela, por uma razão basicamente do alcance das tecnologias investidas nesse campo, qualquer discurso, materializado em entrevista de TV, cena de telenovela, reportagem de jornal, coluna de revista feminina, é passível de ter sua força de efeito ampliada, de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar (1996, p. 123).

A citação de Rosa Fischer leva-nos a pensar no porquê as aprendizagens escolares não têm o mesmo alcance e a mesma significação para os/as alunos/as como os enunciados produzidos e gerados pela mídia.

Talvez, ao pensarmos no currículo escolar encontremos algumas razões que justifiquem a escola não “ter sua força de efeito ampliada”. Analisar o currículo sob a ótica pós-estruturalista, possibilita pensá-lo como prática cultural e de significação.

Para Silva,

[...] a tradição crítica em educação nos ensinou que o currículo produz formas particulares de conhecimento e de saber, que o currículo produz dolorosas divisões sociais, identidades divididas, classes sociais antagônicas. As perspectivas mais recentes ampliam essa visão: o currículo também produz e organiza identidades culturais, de gênero, identidades raciais, sexuais... Dessa perspectiva, o currículo não

⁴⁷ Aqui, entendemos cultura a partir de Silva, como uma “forma global de vida ou como experiência vivida de um grupo social” (SILVA, 2009, p. 133).

pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz (2006, p. 27).

Nessa direção, é nas relações sociais que se constroem conhecimentos e saberes. No entanto, o currículo escolar parece ignorar os/as alunos/as enquanto sujeitos sociais e históricos, constituídos/as dentro de uma determinada cultura, preocupando-se apenas em instituir padrões, normas, habilidades, valores e outros condicionantes, o currículo escolar acredita que de fato esteja efetivando a formação de bons cidadãos.

Segundo Santomé (2008, p. 159), “uma das finalidades fundamentais de toda a intervenção curricular é a de preparar os/as alunos/as para serem cidadãos/ãs ativos e críticos”, porém, os processos curriculares atualmente elaborados têm como autores/as professores/as e profissionais formados/as a partir de um modelo tradicional de educação, na qual se tem como objetivo a transmissão e reprodução de conteúdos, o que consequentemente afasta o projeto curricular de sua meta.

Essa tradição também pode justificar a presença hegemônica de certas culturas, como a cor branca, a religião católica, a heterossexualidade e o próprio conteúdo do livro didático ser pensado como único possível e pensável.

No âmbito da sexualidade, o currículo escolar não escapa às tradições. O que vemos é uma padronização do modo de vivê-la e senti-la, reduzindo os sujeitos a uma especificidade singular que nega suas historicidades e os descreve e os produz como universalmente iguais.

Para Louro (2007a, p. 43-44), o currículo e as práticas escolares vêm sendo sustentados por um entendimento singular de sexualidade, mesmo admitindo a existência de muitas formas de vivê-la, “é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão [...] afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro”.

Dessa forma, a sexualidade ainda é vista como um problema a ser abordado em nossas salas de aula, pois a realidade escolar é de uma multiplicidade de sujeitos com características singulares, tornando problemática a tentativa de qualquer tipo de enquadramento. Talvez por isso, falar sobre sexualidade não seja uma tarefa muito fácil e “acabamos falando sobre atos sexuais, funções do corpo humano, métodos anticoncepcionais, prevenção de doenças” (RIBEIRO, 2002, p. 57) como se as sexualidades estivessem resumidas a uma “materialidade biológica, desconsiderando o papel e os efeitos das construções culturais” (Ibid., p. 18).

Para Weeks,

[...] não podemos esperar entender a sexualidade observando simplesmente seus componentes 'naturais'. Esses só podem ser entendidos e adquirir significado graças a processos inconscientes e formas culturais. A 'sexualidade' é uma experiência histórica e pessoal (1993, p. 21).

Nesse sentido, incorporada às práticas de ensino, a seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ, pode ser pensada como um artefato que promova a inserção da temática sexualidade no âmbito escolar a partir de uma perspectiva que considera a sexualidade como uma produção histórica e cultural advinda das experiências dos sujeitos e não apenas como algo simplesmente relacionado a uma materialidade biológica, mas também a prazeres e sentimentos.

4.3.3 Tecendo algumas possibilidades de abordagem: a seção Sexo em destaque

A seção **Sexo**, assim como a revista CAPRICHÔ, é publicada quinzenalmente e, a cada edição, a coluna apresenta um assunto diferente relacionado à temática sexualidade.

Foram analisadas vinte e sete seções, no período de agosto de 2008 a agosto de 2009, nas quais os seguintes aspectos foram considerados: os temas das discussões e, as dicas e comentários que compõem a coluna e seus respectivos autores.

A tabela abaixo apresenta os títulos - tema central - de algumas edições da seção **Sexo** e os/as profissionais que assinam as dicas e comentários presentes na mesma. A partir desses dados, algumas possibilidades de abordagem foram pensadas e também estão compondo a tabela (Fig. 4.2).

Título	Autores das dicas e comentários	Possibilidades de abordagem
Sem roupa E com vergonha... como você fica na frente dele?	Sem dicas ou comentários	Diferenças entre os corpos e os gêneros masculinos e femininos; Relações sexuais; Relacionamento.
Lugar certo Casa, motel, cama... Onde é melhor transar	Sem dicas ou comentários	Intimidade.
Pílula do dia seguinte - Fique esperta: ela não é 100% eficiente	Ginecologista	Métodos contraceptivos; Gravidez não planejada; Aborto; Sistema genital feminino e masculino; Maternidade e paternidade na adolescência.
Ele está pelado! Como encarar o garoto quando ele tira a roupa?	Psicólogo	Diferenças entre os corpos masculinos e femininos; Relações sexuais; Relacionamento; Abuso sexual; Intimidade.
Claro que tem que usar! A camisinha te ajuda a	Psicóloga	Métodos contraceptivos; DST/Aids; Responsabilidade pela prevenção; Maternidade e paternidade na

relaxar antes, durante e depois da transa		adolescência.
Me toque! Você já passou a mão nele?	Psicóloga	Abuso sexual; Intimidade; Diferenças entre os gêneros.
Que medo! Dá pra ficar numa boa quando assunto é sexo?	Psicóloga	Significados e representações acerca da temática sexo.
Ele disse não! O garoto sempre fez de tudo para transar, até que...	Terapeuta Sexual	Determinismo biológico nas relações de gênero.
Só pro meu prazer... O que você sabe sobre masturbação	Ginecologista	Masturbação; Relações de gênero.
E se ele me abandonar? É chato, mas o garoto pode te dar um fora logo depois do sexo	Terapeuta sexual	Mitos, tabus e preconceitos acerca de comportamentos atribuídos ao gênero masculino; Relações de gênero.
Hora certa Qual o momento ideal para o sexo?	Psicóloga	Dúvidas sobre a primeira relação sexual; Métodos contraceptivos; DST/Aids.

Figura 4.2 – Possibilidades de abordagem a partir da seção **Sexo**.

Fonte: Sexo, ago. 2008/ago. 2009.

As possibilidades de abordagem, propostas por nós na relação acima sugerem pensar numa educação para a sexualidade⁴⁸ para além do currículo escolar, uma educação engendrada a um contexto sócio-cultural, que assim como Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 14) questionou em seu livro *Documentos de Identidade*, propõe repensar qual conhecimento deve ser ensinado. Segundo o autor (Ibid., p. 14-15), as questões centrais que o currículo deve buscar responder são: “O que eles ou elas querem saber? Qual conhecimento ou saber é considerado importante ou válido ou essencial para merecer ser considerado parte do currículo?”.

Talvez, o primeiro passo para responder a essas questões seja pensarmos no currículo não como o único documento base do processo de ensino-aprendizagem e muito menos contemplar seus conteúdos como os únicos a serem trabalhados no contexto escolar. Nesse sentido, a revista CAPRICHÔ funciona como um importante artefato cultural que possibilita a inserção de outras temáticas e discussões não contempladas no currículo escolar, bem como aproxima os conteúdos a serem trabalhados às experiências dos/as alunos/as.

⁴⁸ Segundo Constantina Xavier Filha, “como prática que visa a refletir, problematizar, desconstruir discursos considerados como ‘únicas’ possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produção de subjetividades. A dúvida da certeza, a transitoriedade das convicções, as possibilidades de colocar-se em xeque diante do novo... são algumas das possibilidades de uma perspectiva da ‘educação para a sexualidade’” (2009, p. 96-97).

Tradicionalmente, as escolas têm se utilizado de alguns artefatos culturais legitimados pelo currículo escolar como livros didáticos, palestras, cartazes, PCN, manuais, guias de educação sexual para problematizar os conhecimentos acerca da sexualidade. Entretanto, consideramos que outros artefatos podem ser utilizados no espaço escolar para discutir essas temáticas como, por exemplo, filmes, livros paradidáticos, programas de televisão, propagandas, *internet – Orkut, blogs, sites* entre outros – e revistas em geral. Neste estudo, destacamos como importante artefato para uma educação para a sexualidade as revistas para adolescentes.

A partir da tabela, é possível observar que, nas seções analisadas, os temas abordados, além de possibilitar a discussão de questões como sistemas genitais, métodos contraceptivos, Aids e DST, que já estão presentes nos currículos escolares, o uso da revista enquanto um artefato para discutir a sexualidade promove a inclusão de temas acerca de anseios, medos, prazeres, comportamento, gênero, corpo que nem sempre são abordados em sala de aula. Dessa forma, percebemos que os conteúdos da seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ indicam algumas possibilidades de pensarmos a sexualidade na escola para além de uma ciência sexual – *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2007).

Segundo Foucault (2007), a *ars erotica* e a *scientia sexualis* caracterizam-se como grandes procedimentos para produzir a verdade sobre o sexo. O que as diferenciam é que, na primeira – própria das sociedades orientais como Japão, Roma, China, Índia e as nações árabe-muçulmanas – se extraía a verdade “do próprio prazer” (Ibid., p. 65). Considerava-se o prazer, sem vínculos a prescrições morais, a proibições ou permissões, ou seja, o saber da arte erótica é atribuído à própria prática sexual. No entanto, na *scientia sexualis*, diferente da *ars erotica*, na qual o saber sobre o prazer “deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois, segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado” (Ibid., p. 66), o sexo aparece como objeto de saber, que deve ser confessado através de procedimentos (exames, interrogatórios, observações, entrevistas) que incitam a falar sobre o sexo e assim produzir verdades e discursos científicos acerca dele. Dessa forma, desde o século XIX, nossa sociedade fala sobre a sexualidade a partir da ciência sexual, isto é, utiliza-se o discurso científico para falar sobre a sexualidade dos sujeitos.

Segundo Ribeiro,

[...] é, pois, pela *scientia sexualis* que nosso sexo é administrado, não pela força da lei, mas por discursos úteis e públicos, ou seja, pela norma. Assim, na escola, a ênfase é tratar a sexualidade por essa via, ou seja, pela aquisição de conhecimentos

científicos (categorizações e descrições) dos sistemas reprodutores e genitalidade – atributo biológico compartilhado por todos, independentemente de sua história e cultura (2006, p. 5).

Nesse sentido, tanto a escola quanto a mídia tendem a (re)produzir discursos acerca da sexualidade respaldados em discursos cientificistas que tomam como referência uma materialidade biologicamente natural. Dessa forma, é possível perceber por que a sociedade contemporânea é constituída principalmente por uma *scientia sexualis* e não por uma *ars erotica*, pois mesmo na seção **Sexo**, a qual possibilita múltiplas abordagens acerca da sexualidade, ao analisarmos os autores das dicas e comentários presentes nela observa-se que os saberes e conhecimentos acerca da temática sexualidade estão engendrados a uma ciência sexual, pois as vozes, às quais foram conferidas a autoridade e a capacidade de falar a respeito de tal assunto, são/estão atribuídas às ciências – psicólogos/as, professores/as de psicologia, sexólogos/as, terapeutas, terapeutas sexuais, educadores/as sexuais e ginecologistas. Dessa forma, respaldada pelo conhecimento científico, a revista assegura veracidade e legitimidade ao conteúdo publicado.

Ao pensar a sexualidade apenas pelo viés de uma ciência sexual, tende-se também, devido às atribuições biológicas supostamente entendidas como compartilhadas por todos, vincular a natureza biológica “às características anatômicas – internas e externas – dos corpos, fixando nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres” (RIBEIRO, 2006, p. 5), naturalizando, assim, “diferenças atribuídas nas culturas aos homens e às mulheres (identidades de gênero, identidades sexuais, posições sociais...)” (Ibid., p. 15).

Nesse processo de naturalização, atrelados ao discurso biológico, outros discursos são produzidos como, por exemplo, o discurso da família-reprodução, em que a heterossexualidade é dada como norma. Para Ribeiro, nesse discurso

[...] a sexualidade é representada conforme o modelo adulto, vinculado à reprodução, à formação de uma família. Neste modelo, a sexualidade encontra-se relacionada à procriação, por conseguinte, à copulação, sendo uma razão justificável para as relações sexuais e para a formação de uma família constituída por um casal heterossexual e seus filhos (2002, p. 63).

Na seção **Sexo**, nos seus títulos como, por exemplo: **Ele** está pelado! Como encarar o **garoto** quando **ele** tira a roupa?; Me toque! Você já passou a mão **nele**?; **Ele** disse não! **O garoto** sempre fez de tudo para transar, até que... É possível identificar a heterossexualidade como uma das formas possíveis de relacionamento. Assim, quando os saberes produzidos

acerca da sexualidade estão atrelados ao discurso reprodutivo efetiva-se a relação heterossexual como privilegiada.

As análises realizadas a partir da observação da tabela apresentada supõem que a revista CAPRICHÔ, enquanto artefato cultural na sala de aula, possibilita discutir a sexualidade como produzida a partir das nossas experiências, das formas como vivemos nossos prazeres, nossos desejos, nossas vivências sócio-culturais.

4.3.4 Entre o entrelaçar e o tecer dos fios, algumas considerações produzidas

Partindo do objetivo de discutir a revista CAPRICHÔ – seção **Sexo** – enquanto um artefato pedagógico na sala de aula, que possibilita outras abordagens acerca da temática sexualidade que não apenas as contempladas nos currículos escolares, neste trabalho, buscou-se pensar a produção dos processos pedagógicos de aprendizagem como uma rede formada a partir do intercâmbio entre teias pedagógicas, ou seja, as instâncias pedagógicas – PCN, livros didáticos, revistas e outros artefatos culturais – são teias estruturalmente formadas por fios providos de saberes e conhecimentos que foram produzidos num contexto de uma determinada cultura e, a partir do entrelaçamento desses fios, esses saberes e conhecimentos podem ser articulados, exercendo assim o ofício de tecer teias e de se formar redes, isto é, produzir pedagogias de aprendizagem.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais e do entendimento de cultura, foi possível pensarmos em práticas e artefatos culturais como produtores de significados e constituintes de pedagogias. Nesse sentido, ao longo do texto, discutimos a importância de pensar o currículo para além das escolas⁴⁹, pois as instituições de ensino já não são os únicos espaços privilegiados nos quais operam as pedagogias. Para Sabat, atualmente, “torna-se imprescindível voltar à atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes, e a mídia é apenas um desses exemplos” (2009, p. 9).

Assim, a revista CAPRICHÔ também tem um currículo, “sem ter o objetivo explícito de ensinar, entretanto, é óbvio que elas ensinam alguma coisa” (SILVA, 2009, p. 140), dessa forma, utilizar esse artefato como uma ferramenta pedagógica de ensino oportuniza a inserção e problematização da temática sexualidade com outros entendimentos, que não apenas da *scientia sexualis*.

⁴⁹ Da perspectiva da teoria curricular, poderíamos dizer que as instituições e instâncias culturais mais amplas também têm um currículo (SILVA, 2009, p. 139).

Dessa forma, ao apontar a revista CAPRICHÔ como uma pedagogia cultural que produz e divulga significados acerca da temática sexualidade, entende-se que esse artefato opera não apenas como fonte de informação ou entretenimento, mas como uma importante ferramenta no ensino, propiciando a abordagem de assuntos como: diferenças entre os corpos e os gêneros masculinos e femininos, cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, DST/Aids, métodos contraceptivos, abuso sexual, relações sexuais, aborto, maternidade e paternidade na adolescência, intimidade, desejos, prazeres e outros, problematizando diferentes representações e significados atribuídos à sexualidade que circulam em nossa sociedade.

Ao entendermos que nós, profissionais da educação, produzimos o currículo escolar, torna-se possível, segundo Silva (2008, p. 194), “desviá-los, refratá-los, subvertê-los, parodiá-los, carnavalizá-los, contestá-los”. Nessa direção, a seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ pode atuar como um importante artefato pedagógico, no sentido de discutir a sexualidade não apenas pelo viés de uma ciência sexual, como vem sendo apresentado nos livros didáticos, nos PCN e também em outros artefatos culturais, mas também como uma produção que se dá a partir de comportamentos, atitudes, prazeres, desejos, valores que ao serem inscritos nos corpos definem a sexualidade e as próprias pessoas.

A seção **Sexo**, enquanto artefato cultural, além de produzir e divulgar saberes, conhecimentos e significados, tem grande circulação entre adolescentes, potencializando a amplitude dos discursos midiáticos que interpelam identidades adolescentes. Para Figueira,

[...] aqui é possível pensar que a CAPRICHÔ é, junto a tantas outras, uma instância a constituir identidades adolescentes. Digo constituir porque à luz do campo de estudos em que estou me situando, posso dizer que não há uma identidade adolescente fixa. Ela é criada e representada de diferentes formas, em diferentes grupos sociais, religiões, etnias, etc (2010, p. 7).

Partindo do entendimento de adolescência como uma construção sociocultural e histórica repleta de significados, é possível dizer “que a adolescência não é uma etapa ‘natural’ da vida” (QUADRADO, 2008, p. 12), mas sim uma criação humana que, ao descrevê-la, produz significados “que são referências para a constituição dos sujeitos adolescentes” (Ibid, p, 12).

Para Fischer (1996), a partir da invenção do termo adolescência, a mídia, junto às campanhas publicitárias e ao *marketing*, criam e divulgam a denominação *teen* para o público determinado como adolescente. Desse modo,

[...] a figura do adolescente emerge nos meios de comunicação não apenas como um novo alvo, nomeado com uma nova linguagem, mas como um modelo ou um ponto de chegada para as demais gerações. Dito de outro modo: o modo de ser adolescente, visível na frescura do corpo que amadurece e em toda a beleza de que é capaz, torna-se alvo dos discursos produzidos e veiculados no cinema, na televisão, nas revistas e jornais, nos corredores de *shopping centers* ou nos bares e pontos de festa (Ibid., p. 25).

Na especificidade deste trabalho, na seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ, observamos que os discursos produzidos acerca da sexualidade são colocados às leitoras como discursos de orientação e informação que ensinam saberes, atitudes, sensações e formas de se viver a sexualidade adolescente. Assim, a partir de suas pedagogias, a revista CAPRICHÔ educa para formas únicas de sexualidade.

Dessa forma, as possibilidades de abordagem que propomos, a partir dos títulos de algumas edições da seção **Sexo**, possibilitam problematizar com os/as alunos/as conhecimentos e cuidados com seus corpos, as diferenças físicas e sociais estabelecidas entre gêneros, nas identidades sexuais, na aparência, nos modos de agir, nos modos de sentir o prazer, relacionamentos, intimidades e outras questões, talvez aqui não contempladas e que levarão a entendimentos que permitirão pensar em diferentes formas de viver a sexualidade.

Nesse contexto, para que seja possível (re)pensar e discutir a sexualidade, na tentativa de possibilitar um ensino integrado e contextualizado, percebemos que é preciso articularmos diferentes formas pedagógicas de aprendizagem, não se limitando apenas ao espaço escolar e seus objetos didáticos.

Dessa forma, para que possamos pensar e efetuar de fato um ensino articulado e contextualizado, tanto no âmbito da sexualidade, quanto em qualquer outro tema, objetivando a formação de “cidadãos/ãs ativos e críticos” (SANTOMÉ, 2008), julgamos necessário retornarmos a uma das questões apontadas por Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 15), “o que eles ou elas devem saber?”, sem esquecer, conforme nos lembra o autor que “a pergunta ‘o quê’ nunca está separada de uma outra importante pergunta: ‘o quê eles ou elas devem ser?’ ou, melhor ‘o quê eles ou elas devem se tornar?’”, ou seja, que tipos de teias queremos tecer? Que tipo de seres humanos queremos formar?

Assim, embora ensine formas singulares de viver a sexualidade, a revista possibilita, a partir da seção **Sexo**, pensarmos e problematizarmos a sexualidade na sala de aula não apenas a partir de uma materialidade e funções biológicas – órgãos, hormônios, reprodução – mas compreendê-la como uma produção que se dá culturalmente a partir das experiências das pessoas, correlacionando corpos, prazeres, sensações, linguagens, representações, desejos, identidades, crenças, etc.

4.3.5 Referências

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: *Revista Estudos Feministas*. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2001000200014&script=sci_arttext&tlng=ptpt>. Acesso em: 20 abr. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAPRICHIO. Disponível em: <http://app.arquivo.abril.com.br/texto_integral_abril/pesquisaConteudo.do>. Acesso em: 22 ago. 2009.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 477 p.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. *A Revista Capricho e a construção de representações de feminilidade adolescente*. In: Congreso iberoamericano de historia de la educación latino americana, 6. 2003, p. 1-14. San Luis Potosí. Historia de las ideas, actores e instituciones educativas. Disponível em: <<http://boletimef.org/biblioteca/2383/Revista-Capricho-e-a-construcao-de-representacoes-de-feminilidade>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 18. ed. São Paulo: Grall, 2007. 176 p.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: _____. (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: london/Thousand Oaks/New Delhi, 1997. p. 1-73.

HISTÓRIA da Capricho. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2007a, p. 41-52.

PUBLIABRIL. Disponível em: <<http://www.publicidadeabril.com.br/marcas/capricho/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo*. 2006. 129 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

QUADRADO, Raquel Pereira. A adolescência como construção sócio-cultural e histórica. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: FURG, 2008, p. 11-15.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. 125 p. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Bioquímica – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Scientia sexualis & ars erotica: é possível pensarmos a sexualidade na escola pela via da ars erotica?. In: Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação - Foucault 80 anos, 3., 2006, Rio de Janeiro. *Anais do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação - Foucault 80 anos*, 2006, p. 1-16.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: *Revista Estudos Feministas*. 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2009.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 159-177.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 190-207.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 156 p.

_____. *O currículo como fetiche: a poética do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 120 p.

WEEKS, Jeffrey. *El malestar de la sexualidade: significados, mitos y sexualidades modernas*. Madrid: TALASA, 1993.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira?. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Silva; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.) *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009, p. 85-103.

5 CONSIDERAÇÕES: O FIM DO CAPRICHOS?

O nome Capricho, segundo registra o Novo Dicionário Aurélio, pode trazer a idéia de impulsividade, desejo súbito ou mesmo de fantasia e volubilidade; mas pode significar também aplicação, esmero, apuro. Ora, o título acaba por definir exatamente a ambiguidade ou a duplicidade de que é feita a revista (FISCHER, 1996, p. 211).

Dou início às minhas considerações finais, citando um trecho da tese de Rosa Maria Bueno Fischer, pelo motivo que desde que, o li pela primeira vez, o que acredito ter sido no ano de 2008, quando iniciei minhas leituras para a realização deste trabalho. Além do importante conteúdo referencial para minha pesquisa, algo mais estava presente nestas linhas, algo que só agora no fim desta caminhada consegui alcançar.

Ao observar minuciosamente a definição do substantivo capricho, percebo que a mesma ambiguidade e duplicidade causada pelas palavras “impulsividade”, “desejo súbito”, “fantasia”, “volubilidade”, “aplicação”, “esmero” e “apuro” que, segundo a autora, descrevem a revista CAPRICHOS, também descrevem o emaranhando de sentimentos que me acompanharam ao longo da produção desta dissertação.

Neste sentido, o título “Considerações: o fim do capricho?” tem, neste momento da minha escrita, o intuito de provocar ao/a leitor/a e a mim mesma:

Ao/a leitor/a instigo um olhar crítico e desconfiado sobre minha pesquisa, não no sentido de apontar erros e acertos, mas que, a partir de meus entendimentos e posicionamentos, desestruem e desestabilizem os significados (re)produzidos na e pela revista CAPRICHOS, a partir dos quais “verdades” acerca da sexualidade e de tudo que envolve ser uma adolescente feminina vêm sendo construídas.

E, a mim fica a provocação de que esta pesquisa não seja vista como encerrada e nem fique esquecida. Julgo importante o movimento de afastar e (re)aproximar, posto que somos interpelados por práticas, experiências e teorias. Ser interpelada está relacionado à “experiência de si” que, segundo Larrosa é

[...] historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas (1994, p. 43).

Assim, enquanto sujeitos sociais interpelados, não apenas historicamente, mas também culturalmente, não há como aferir conclusões finais a nossos projetos, tanto os de

pesquisa quanto os de vida, pois estamos em todos os momentos de nossas vidas observando, interpretando, descrevendo, julgando, narrando tudo o que nos cerca. Dessa forma, quando somos interpelados por múltiplos discursos e práticas, estamos passíveis a ressignificar nossos entendimentos, assumindo assim a condição de sujeitos em constante processo de produção.

Dentre as múltiplas instâncias que vêm atuando efetivamente nos processos de produção dos sujeitos, tomamos, nesta dissertação, um produto da mídia impressa – a seção **Sexo** da revista CAPRICHÔ – como *corpus* de análise.

A partir da análise das vinte e sete edições da seção **Sexo**, originaram-se os três artigos que conformam esta dissertação. A seguir, são traçados alguns entendimentos e posicionamentos que configuraram a produção desta dissertação:

A partir das análises realizadas foi observado que os significados divulgados acerca da temática sexualidade na seção **Sexo** operam como uma espécie de manual tanto de autoajuda, quanto de autoexame. A partir de um ritual de confissão, as meninas confessam suas sexualidades – nesse momento, a revista assume o papel de amiga, à qual tudo pode ser revelado – em seguida, suas confissões são comentadas por especialistas no sentido de auxiliá-las a compreenderem suas experiências, produzindo entendimentos a partir dos quais, as leitoras, ao se identificarem, vão tendo suas identidades demarcadas. Dessa forma, a questão da confissão permeia todos os artigos desta dissertação.

Partindo do pressuposto que a revista CAPRICHÔ é destinada ao público adolescente feminino, em todas as seções **Sexo** analisadas, a heterossexualidade configurava a única possibilidade de relação sexual. Essa constatação pode ser observada em todos os aspectos da seção: nos títulos “**Ele** está pelado! Como encarar o **garoto** quando ele tira a roupa?”, “Me toque! Você já passou a mão **nele**?”, “**Ele** sabe tudo... Mas eu não! O que fazer quando o **cara** tem muito mais experiência que você?”; nas falas das leitoras e editoras durante os bate-papos “... É preciso muito intimidade com o **menino**...”, “... a mãe **dele** já nos pegou assistindo...”, “... onde vocês acham que **eles** gostam de ser tocados?”; nas dicas e comentários dos profissionais “... é normal ficar com um **menino** e ter vontade de passar a mão **nele**...”, “... tente conversar com o **cara** e divida com **ele** todas as suas dúvidas...”; e nas imagens que ilustram a seção – anexos N, V e X, por exemplo. No artigo “Seção **Sexo**, o confessionário: o que as meninas dizem sobre os modos de viverem suas sexualidades na revista CAPRICHÔ” e, mais especificamente no subtítulo “Eu, leitora, confesso: sou hetero e meu “namo” é um menino”, essa questão é discutida partindo de um entendimento que os saberes acerca da sexualidade são (re)produzidos fundamentados num discurso reprodutivo, a partir do qual a relação heterossexual é tida como “normal”. Dessa forma, ao contemplar apenas as relações

heterossexuais na seção **Sexo**, a revista CAPRICHÔ legitima essas relações, bem como a identidade heterossexual como norma.

Outra questão analisada no primeiro artigo desta dissertação, sob o subtítulo “Eu leitora, confesso: tabus e mitos acerca das sexualidades femininas e masculinas”, é que muitos saberes e entendimentos acerca das sexualidades, dos corpos, dos gêneros e das identidades femininas e masculinas ainda são discutidos como mitos e tabus. A partir de falas como “Se eu gostar do menino, finjo”, “Medo é quase o sobrenome do sexo”, “Meninos têm mais facilidade em sentir prazer”, “Acho que para eles qualquer lugar está valendo. Eles estão loucos para fazer”, “Além desses medos, também tem a encanação de fazer algo errado e o cara não curtir”, “Nenhum menino me pediu pra pegar ‘lá’” e “mico é se surpreender com o tamanho do negócio do garoto”, foi possível desencadear uma série de discussões. A primeira questão observada foi a demarcação de dicotomias entre meninos e meninas – inseguras/seguros, românticas/não românticos, submissas/dominadores – que ao serem divulgadas na revista, reforçam atribuições e comportamentos ditos como “naturais” de meninas e meninos. Outra questão analisada foi a presença, nas falas das meninas, de discursos que fixam o mito de que as meninas fazem “sexo por amor” e assumem a posição do “sexo frágil”. A partir das falas analisadas foi possível observar que as meninas vivem suas sexualidades em função do que elas pensam sobre os meninos. Seus sentimentos, seus comportamentos, seus desejos, seus prazeres estão diretamente ligados a sua constituição de mulher feminina que se deu a partir do gênero masculino. E a última questão analisada foi o mecanismo do “tabu do objeto” atuando na seção **Sexo**. Observou-se que, embora seja possível falar sobre sexualidade nesse espaço, nem tudo pode ser dito e isso inclui os órgãos sexuais que, para “escapar” de mecanismos de regulação do discurso, tanto as adolescentes quanto as editoras que participam da seção representam as genitálias como “negócio”, “lá”, entre outros. Deste modo, percebe-se que o corpo, enquanto objeto de uma sexualidade, em muitos momentos ainda é abordado a partir de entendimentos míticos e mesmo que falemos sobre nossos desejos e prazeres ainda existem restrições que por vezes colocam a sexualidade e o sexo como algo privado, que deve ser desvendado.

O segundo artigo, “O assunto é sexo, *‘e o que isso quer dizer?’*: colocação do sexo em discurso numa revista adolescente feminina” tem, como foco, a produção e divulgação de “dois tipos de textos – dos que se confessam e dos que interpretam as confissões, a partir de um certo campo de conhecimento” (FISCHER, 1996, p. 85). Neste artigo, foram analisados os discursos de verdade que são produzidos acerca da sexualidade adolescente na seção **Sexo**,

problematizando o quanto os saberes acerca da sexualidade estão vinculados a uma *scientia sexualis* que é legitimada a partir de um discurso cientificamente “oficial” assinado por psicólogos/as, ginecologistas, terapeutas sexuais e sexólogos/as. Nesse contexto, problematiza-se, a partir das dicas e comentários da seção **Sexo**, a produção de discursos “verdadeiros” acerca da sexualidade, a partir da articulação de uma “ciência-confissão”. Além disso, foi analisado o mecanismo disciplinar e o regulamentar, operando na seção **Sexo**, pois a partir da análise de dados que apontam um alto índice de circulação da revista CAPRICHÔ, inferimos que, embora a revista interpele individualmente cada leitora, os discursos divulgados nesse artefato têm amplo alcance, isto é, ao mesmo tempo que os discursos presentes na revista participem na produção de uma leitora – corpo individual – todo um público de adolescentes – corpo social – ao qual a revista se destina também é interpelado e produzido por esses discursos. Neste artigo, também foram observadas as posições de sujeitos assumidas pelos especialistas que assinam as dicas e comentários. Os/as psicólogos/as e terapeutas são chamados/as a “responder” questões comportamentais, relacionadas situações e sentimentos sobre namoro e primeira relação sexual. Os/as sexólogos/as também são convocados/as sobre a primeira relação, porém as questões estão mais voltadas ao prazer e à intimidade. E os/as ginecologistas são chamados/as a falar sobre o corpo e sobre os órgãos genitais.

No artigo “Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico”, a revista CAPRICHÔ é identificada como uma pedagogia cultural que produz e divulga significados acerca da temática sexualidade que, além de informar e entreter, pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica de ensino, possibilitando, a partir da seção **Sexo**, a inserção de temáticas e discussões que estão ou não contempladas no currículo escolar – diferenças entre os corpos e os gêneros masculinos e femininos, cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, DST/Aids, métodos contraceptivos, abuso sexual, relações sexuais, aborto, maternidade e paternidade na adolescência, intimidade, desejos, prazeres – aproximando os conteúdos às experiências dos/as alunos/as, possibilitando pensar numa educação para a sexualidade para além do currículo escolar, ou seja, uma educação engendrada a um contexto sócio-cultural.

Neste artigo, discute-se que, assim como os artefatos que compõem o currículo escolar – PCN e livros didáticos – a revista CAPRICHÔ também multiplica discursos cientificistas, porém, ao falar sobre sexualidade na seção **Sexo**, ela possibilita estabelecer relações entre uma materialidade biológica e experiências das formas como as adolescentes vivem seus

prazeres, desejos e sentimentos. Nesse sentido, o uso da seção **Sexo** na sala de aula possibilita problematizar a temática sexualidade com outros entendimentos além dos da *scientia sexualis*.

Então, a partir das análises realizadas, identificamos, na seção **Sexo** uma pedagogia cultural, que, através de uma rede discursiva, ensina às adolescentes como viverem suas sexualidades. Dessa forma, esse artefato institui às suas leitoras identidades e sexualidades “caprichadas”, pois, ao demarcar um único modo de ser, viver e sentir a sexualidade, a revista delimita um público específico, determinando a existência de apenas um único tipo de adolescente.

Mas, além disso, esse artefato oportuniza pensarmos e problematizarmos a sexualidade não somente pelo viés de uma ciência sexual, possibilitando entender, pelo âmbito da sexualidade, o que viemos dizendo ao longo desta dissertação, quando nos declaramos sujeitos produzidos historicamente, socialmente e culturalmente. Nossas sexualidades não escapam a essa produção, visto que o que nos constitui sexualmente vai além de funções e materialidades biológicas. Somos mais do que órgãos, hormônios e uma espécie com finalidades reprodutivas. Somos, além de corpos, pessoas constituídas por múltiplos prazeres, sensações, linguagens, representações, desejos, identidades, crenças, medos, ansiedades, sentimentos, uma infinidade de coisas que experienciamos em nossas vidas e discursos que nos interpelam a todos os momentos, o que nos afasta da ideia de fixar e universalizar os sujeitos, pois, numa rede discursiva, nossa posição jamais é fixa ou instável, “jamais ocupamos um mesmo lugar” (VEIGA-NETO 2004, p. 57).

Assim, neste momento da escrita, o qual representa para mim um ponto de repouso e não de fechamento, utilizo uma das frases, com a qual Foucault finalizou a Introdução do livro “Arqueologia do saber” e – após a produção desta dissertação – me atrevo a tecer um comentário sobre ela:

Michel Foucault (2008a, p. 20): Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo.
Benícia Silva: Não há possibilidades de permanecermos os mesmos.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: *Revista Estudos Feministas*. 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2001000200014&script=sci_arttext&tlng=ptpt>. Acesso em: 20 abr. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAPRICHIO. Disponível em:

<http://app.arquivo.abril.com.br/texto_integral_abril/pesquisaConteudo.do>. Acesso em: 22 ago. 2009.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 477 p.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: _____; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 13-36.

DORNELLES, Leni Vieira. *Meninas no Papel*. 2002. 175 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, 1998, p. 1-11. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3014/2292>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

FABRIS, Eli Henn. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 257-286.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. *A Revista Capricho e a construção de representações de feminilidade adolescente*. In: Congreso iberoamericano de historia de la educación latino americana, 6. 2003, p. 1-14. San Luis Potosí. Historia de las ideas, actores e instituciones educativas. Disponível em:

<<http://boletimef.org/biblioteca/2383/Revista-Capricho-e-a-construcao-de-representacoes-de-feminilidade>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. *Juventude e mídia: possíveis singularidades de uma audiência ativa*. Encontro Anual da Associação Nacional do Programas de Pós-graduação em Comunicação COMPÓS, XIV, 2005, p. 1-11. Niterói/Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://www.compos.org.br/data/biblioteca_875.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

_____. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 9, n. 2, 2001. p. 586-599.

_____. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. Trabalho apresentado na 24ª Reunião Anual da ANPed (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação e Comunicação. Caxambu (MG): 2001, p. 1-20. Disponível em: <http://www.ici.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2001/uma_analise_foucaultiana_da_tv.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. 237 p.

_____. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 79 p.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p.

_____. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 176 p.

_____. *Microfísica do Poder*. 26. ed. São Paulo: Grall, 2008b. 295 p.

_____. *Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008c. 578 p.

_____. Sexualidade e Poder. In: _____. *Coleção Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 56-76.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2008d. 288 p.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249

FREIRE FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na Revista Capricho. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 8, n. 2, p. 102-111, maio/ago., 2006.

GIROUX, Henry; McLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; MOREIRA, Antônio. F. (Org.). *Territórios contestados*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 144-158.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. 1999. 174 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: _____. (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: london/Thousand Oaks/New Delhi, 1997, p. 1-73.

_____. The Emergence of Cultural Studies and the Crisis of the Humanities. 1990, p. 1-14. Disponível em:

<<http://faculty.utep.edu/LinkClick.aspx?link=stuart+hall.pdf&tabid=54097&mid=120056>>.

Acesso em: 28 jan. 2011.

HISTÓRIA da Capricho. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

KAHHALE, Edna Maria S. Peters. Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, Sérgio (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 91-101.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001. 454 p.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-84.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: _____. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2007a, p. 41-52.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b, p. 7-34.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 85-96.

MACHADO, Antonio. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Machado>. Acesso em: 4 fev. 2011.

MÍDIA Institucional Abril. Disponível em:

<<http://www.grupoabril.com.br/institucional/editora-abril.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

MILANEZ, Nilton. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 138-200.

NACIONAIS, Os grupos. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/grupos/nacionais>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-38.

OZELLA, Sérgio. Apresentação. In: _____. (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 7-13.

PORTUGAL, Revistas. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_revistas_de_Portugal>. Acesso em: 20 jan. 2011.

PUBLIABRIL. Disponível em:

<<http://www.publicidadeabril.com.br/marcas/capricho/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

PUBLICIDADE Abril. Disponível em:

<<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=9>>. Acesso em: 27 nov. 2009.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo*. 2006. 129 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

_____. A adolescência como construção sócio-cultural e histórica. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: FURG, 2008, p. 30-35.

REIS, Giselle Volpato dos; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 27-71.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. 125 p. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Bioquímica – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Scientia sexualis & ars erotica: é possível pensarmos a sexualidade na escola pela via da ars erotica?. In: Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação - Foucault 80 anos, 3., 2006, Rio de Janeiro. *Anais do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação - Foucault 80 anos*, 2006, p. 1-16.

RIPOLL, Daniela. Perspectivas pós-modernas de pesquisa em educação em ciências: análises culturais e estudos de mídia. In: HENNING, Paula Corrêa; RIBEIRO, Paula Regina Costa; SCHMIDT, Elisabeth Brandão. *Perspectivas de investigação no campo da educação ambiental & educação em ciências*. Rio Grande: FURG, 2011, p. 51 – 60.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: *Revista Estudos Feministas*. 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf> >. Acesso em: 27 abr. 2009.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 159-177.

SEXO, Seção. In: CAPRICHIO, Revista. São Paulo: Abril, ago. 2008/ago. 2009.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. O governo dos corpos femininos entre as catadoras de lixo: (re)pensando algumas implicações da Educação em Saúde. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 16, n. 2, 2008, p. 557-580.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 190-207.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 156 p.

_____. *O currículo como fetiche: a poética do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 120 p.

SOARES, Rosângela. Adolescência: monstrosidade cultural? *Revista Educação & Realidade, Produção do corpo*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2000. p. 151-159.

STEINBERG, Shirley Ruth; KINCHELOE, Joe L. (Org.) *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 415 p.

TEEN, Magazines. Disponível em: <www.world-newspapers.com/youth.html>. Acesso em: 20 jan. 2011.

TEENS, Revistas. Disponível em: <www.guiademidia.com.br/revistas/jovens.htm>. Acesso em: 18 jan. 2011.

VEÍCULOS, Os. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/veiculos>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 37-69.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 35-82.

_____. *El malestar de la sexualidade: significados, mitos y sexualidades modernas*. Madrid: TALASA, 1993.

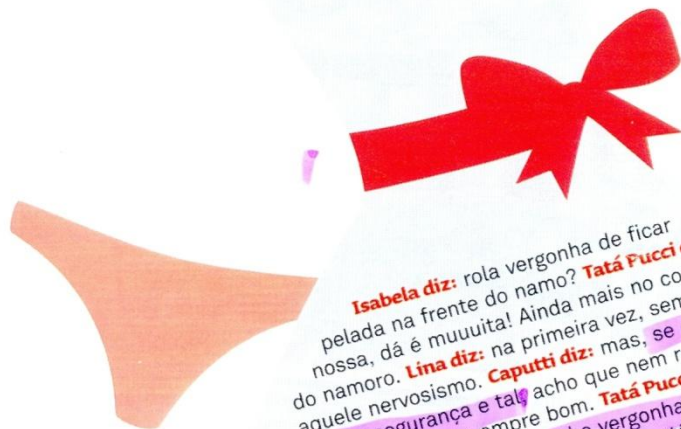
XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira?. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Silva; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.) *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009, p. 85-103

7 ANEXOS

ANEXO A – SEÇÃO SEXO, CAPRICO EDIÇÃO 1051, 2008, p. 82.

SEM ROUPA

E com vergonha... Como você fica na frente dele?



64% das meninas têm vergonha de ficar sem roupa na frente dele

88% se importam com a opinião dele sobre o corpo delas*

53% acham que os quilinhos a mais são o que dá mais vergonha

Isabela diz: rola vergonha de ficar pelada na frente do namo? **Tatá Pucci diz:** nossa, dá é muuuita! Ainda mais no começo do namoro. **Lina diz:** na primeira vez, sempre tem aquele nervosismo. **Caputti diz:** mas, se o menino passar segurança e tal, acho que nem rola muito. **Lina diz:** confiança é sempre bom. **Tatá Pucci diz:** fica mais fácil, mas mesmo assim eu tenho vergonha, porque eu não tenho corpão. **Alê Ochiutto diz:** quando se está com uns quilinhos a mais, rola vergonha msmo! **Lina diz:** acho que, se ele gosta de você, não liga pro seu corpo. **Tatá Pucci diz:** é, mas msmo ele falando que gosta de mim assim, não tem jeito... eu me sinto mal! **Lina diz:** uma amiga minha não deixa o namorado pegar nos seios dela porque acha que são pequenos demais. **Alê Ochiutto diz:** estrias e celulites são o que mais dá vergonha. **Isabela diz:** depende do jeito que ele te trata. **Tatá Pucci diz:** cara passa confiança? **Críca diz:** depende do meu caso são os seios. Mas ele quando ele mostra que não liga. Tipo no meu caso são os seios. Mas ele fala (ou finge muuuito bem) que curte os meus! Se eu digo que vou pôr silicone, ele fala que não precisa e que gosta de mim assim! **Alê Ochiutto diz:** o meu namo diz a msma coisa. **Isabela diz:** será que com o tempo a vergonha passa? **Caputti diz:** acho que sim. Vc acostuma. **Tatá Pucci diz:** é... Mas, quando vc não tá bem com vc msma, não tem nada que alguém possa fazer. **Caputti diz:** o melhor é se aceitar primeiro. Assim acaba a encanação!

Isabela
editora

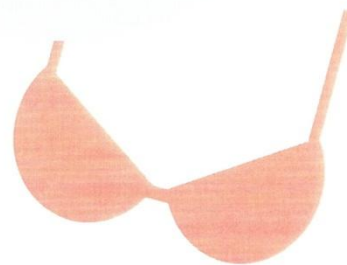
Lina
17 anos

Alê Ochiutto
15 anos

Caputti
16 anos

Tatá Pucci
16 anos

Críca
16 anos



ANEXO B – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1052, 2008, p. 72.

LUGAR CERTO

Casa, motel, cama... Onde é melhor transar?

72% das meninas acham que o lugar certo para transar é confortável e escondido

91% afirmam que o lugar da primeira vez tem que ser especial

37% pensam que a casa dele é o lugar ideal para se fazer sexo

Luise diz: tem algum lugar onde é melhor fazer sexo? **Leeh diz:** acho que não. se vc tiver com a pessoa que gosta, vale TUDO **Paula Panda diz:** depende. existem lugares bons e ruins **Lúuh diz:** olha, eu acho que não também, mas isso eh muito pessoal **Cá diz:** não dah pra ser em qualquer lugar **Paula Panda diz:** imagina se a polícia pega. os pais... professor... amigos... ladrão... rs! **Leeh diz:** o engraçado eh que tem meninas que gostam da emoção de alguém ver, outras ficam tão tensas que acabam travando **Cá diz:** eh dificil achar um lugar legal e calmo. acho que eh bom na casa dele ou na minha casa quando não tem ninguém **Lúuh diz:** ai, eu acho que na praia. ou em lugares românticos **Paula diz:** o meu quarto nao eh romântico. acho que nao precisa ser assim. um lugar normal e confortável está bom. o q interessa é o q esta acontecendo entre os dois **Luise diz:** quando rola tesão, vale qualquer lugar? **Cá diz:** comigo não. eu sou muito encanada. como a minha cidade é pequena, se eu faço alguma coisa em público, o outro lado da cidade já tah sabendo em dois minutos. segura o tesão e espera a oportunidade certa **Lúuh diz:** pra mim, tem que ser num lugar especial, pois faço o estilo menininha sonhadora romântica **Paula Panda diz:** acho que ter cama eh bom **Cá diz:** sei lá. pra mim a cama eh o lugar **Paula Panda diz:** tbm acho, mas um sofah serve. RS **Leeh diz:** acho que para eles qualquer lugar tah valendo. Eles tão loucos pra fazer **Cá diz:** às vezes, eu acho que menino gosta da coisa sem querer saber o lugar. o importante eh eles fazerem **Leeh diz:** mas as meninas são mais encanadas.

Luise
editora

Leeh
15 anos

Paula Panda
17 anos

Lúuh
15 anos

Cá
15 anos

OS DESEJOS DELE

Vale a pena fazer tudo o que um garoto pede?



Carol diz: eu acho que não
Nadi diz: depende de quem for o garoto!
Déah diz: bom, eu acho que vale fazer o que a gente gosta também **Nah* diz:** eh, tem que ter confiança e fazer o que a gnt curte. pra agradar, não rola, mas se vc quer... daih não tem pq não fazer
Bah diz: também acho, não vale fazer só porque ELE quer **Carol diz:** eu penso que, se eu faço, ele também pode fazer **Déah diz:** acho que nada a ver fazer uma parada que não goste só pra agradar a ele **Bah diz:** acabamos perdendo o nosso valor. fazer isso não é prova de amor. mostra que não temos vontade própria! **Nah* diz:** eu acho que, se vc gosta de verdade e confia nele, vale sim! **Luise diz:** e, afinal, o que eles querem? **Bah diz:** geralmente pedem muuuito pra "passar a mão" **Nah* diz:** sexo tbm... sexo oral **Bah diz:** sexo oral [2] **Nah* diz:** se eh um cara que vc confia, que tah com vc faz tempo, não vejo pq não fazer **Nadi diz:** se for meu namorado, aí posso até pensar **Déah diz:** pra mim, sim, mas tem meninas que não ligam pra isso, neh, gente **Bah diz:** sim, é beeem mais fácil quando a gnt tah superapaixonada **Nadi diz:** tem menina que sai com todo mundo e topa tudo **Bah diz:** às vezes, por medo de perder um cara, as meninas fazem qualquer coisa **Nah* diz:** se o cara pressionar, eu prefiro falar um tchau do que fazer por pressão **Carol diz:** se ele gosta realmente de mim, vai me entender.



68% acham que não vale a pena fazer tudo o que ele pede, mesmo estando apaixonada

11% dizem que atender a todos os pedidos dele é um desrespeito consigo mesma

43% afirmam que fazer sexo é o que os meninos mais pedem

ANEXO D – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1054, 2008, p. 87.

Que flagra!
O que fazer se for pega na hora H!

Isa, editora
NinaP, 14 anos
Lalú.p., 15 anos
Becca, 15 anos
Fraan, 15 anos

Fraan diz: eu fiquei totalmente sem reação! e comecei a rir do nada!
Becca diz: nossa! eu ficaria súper sem graça. **NinaP diz:** tbm
Isa diz: quem pegou vcs? **Fraan diz:** foi a minha mãe. ela olhou com uma cara... a gente tava de calças abertas.
Becca diz: caracaaa, tua mãe? **NinaP diz:** pelo menos, não foi seu pai. **Isa diz:** é pior ser pega pelos pais ou por um amigo? **Becca diz:** acho que os dois. **Nina diz:** pelos pais **Lalú.p. diz:** ah, axo q foi melhor como aconteceu cmg, de ter sido pega por um amigo dele! **Becca diz:** com amigo, tem mais comentário, né?
Lalú.p. diz: depois, o amigo saiu e a gnt continuou lá de boa. no outro dia, a gente se viu no colégio. normal. **Nina diz:** acho que trava um pouco ter o perigo de ser pega. **Becca diz:** você fica com aquilo na cabeça, né? **Lalú.p. diz:** acho que com adrenalina é melhor até. na hora, vale tudo! **Becca diz:** aí tu até esquece **Nina diz:** o clima fala mais alto.
Lalú.p. diz: quando o amigo do meu ex viu, ele saiu e a gnt continuou lá, de boa!
Isa diz: tem vida depois do flagra??? **NinaP diz:** tem! axo q muita até. **Lalú.p. diz:** cmg teveee! **Fraan diz:** se rolar, o diálogo sempre é o melhor caminho.

E agora?
Não precisa se desesperar se seus pais pegarem vocês no flagra. Depois que a situação se acalmar, procure-os para conversar. Lembre a eles de que o amasso é natural na sua idade. Os dois já foram mais jovens e com certeza vão concordar. Diga que, se você está fazendo, é porque se sente madura para isso. Se mesmo assim não voltar tudo ao normal, dê um tempo. Eles podem precisar de espaço para digerir a novidade.

Quem deu as informações: Leila Tardivo, psicóloga da USP.

53% das meninas já foram pegadas dando um amasso
36% parariam o amasso na hora se um amigo desse o flagra
96% acham que o maior mico é ser pega pelos pais no amasso
48% acham que correm mais risco de um flagra na própria casa!

* Enquete realizada com 2622 meninas no site www.capricho.com.br.

Avise: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

ANEXO E – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1055, 2008, p. 92.

Pílula do dia seguinte

Fique esperta: ela não é 100% eficiente

Luise, Editora
Cellinha, 18 anos
Jé, 17 anos
Jess, 16 anos
Natasha, 16 anos
Eeh, 16 anos

Luise diz: vcs já usaram? **Jess diz:** eu usei a um tempão atrás. E não acho que fiz errado. Foi uma das primeiras vezes que eu transei, sabe? Aí fiquei súper na pilha. Imagina se eu engravidasse? **Natasha diz:** eu usei também! Mas sei que foi por erro meu. Nem seria necessário **Jé diz:** eu usei algumas vezes e me arrependo. Não eh bom um adolescente tomar **Luise diz:** e os meninos sabem dela? **Cellinha diz:** sim, eles compram **Jé diz:** meu ex vivia com a bolsa cheia, mas eu me recusava a tomar. Só algumas vezes eh que realmente necessitou. Ele dizia que a camisinha incomodava **Jess diz:** mas não adianta tomar várias **Natasha diz:** ela vai perdendo o efeito **Cellinha diz:** camisinha é mais fácil **Luise diz:** e quando é certo tomar a pílula? **Cellinha diz:** quando se perdeu o controle, não se cuidou **Eeh diz:** eu acho que naum eh muito correto deixar de usar camisinha só pq existe pílula **Natasha diz:** aaah, a maioria das meninas toma sem saber o mínimo sobre ela. Quem sabe um pouco sabe que no futuro ela pode causar problemas **Jess diz:** eu acho que a pílula é uma coisa boa **Cellinha diz:** pílula não evita a aids **Eeh diz:** eh boa só em caso de emergência **Jé diz:** eh verdade. Quando há casos de violência, eu aprovo ser usada **Eeh diz:** caso da camisinha estourar tbm **Jess diz:** não eh todo mundo que deixa de usar camisinha porque existe pílula **Eeh diz:** mas há pessoas que deixam **Natasha diz:** eh contraceptivo de emergência **Eeh diz:** mesmo sendo um contraceptivo, não é 100% certa. Mesmo tomando, ainda corremos o risco de engravidar. E com certeza naum previne nenhuma doença.

Cuidado!
 A pílula do dia seguinte só deve ser usada quando a camisinha estoura ou quando você se esqueceu de tomar a pílula tradicional por dois dias seguidos. O medicamento só funciona se for ingerido até cinco dias após a transa. O uso excessivo da pílula do dia seguinte desregula o ciclo menstrual e pode provocar dores no estômago e na cabeça. E, além de não evitar totalmente a gravidez, não protege contra DSTs. Por isso, camisinha sempre!

Quem deu as informações: Carlos Tadayuki Oshikata, professor do laboratório de violência doméstica da Unicamp e professor-adjunto da PUC-Campinas.

27% das meninas já tomaram a pílula do dia seguinte
 47% acham que esse medicamento faz com que os casais se "esqueçam" de usar outro método anticoncepcional

Aviso: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

Ele está pelado!

Como encarar o garoto quando ele tira a roupa?

Luise, editora
Giih, 15 anos
Tekka, 16 anos
Juhh, 17 anos
Gell, 17 anos

Juhh diz: é meio estranho **Tekka diz:** acho que isso não é tão normal, por isso rola meio que um constrangimento! **Giih diz:** pode ser que depois acostume, mas a primeira reação... **Gell diz:** o primeiro impacto daí um constrangimento mesmo **Juhh diz:** mas num é sempre. Com alguns às vezes não rola. Eu tento agir naturalmente **Gell diz:** ahhh... axo q olho pra todo lado, menos pra ele **Giih diz:** eu tentaria parecer normal **Tekka diz:** às vezes eu olho pra ele. Rola aquela curiosidade **Gell diz:** depois de algumas vezes, pode diminuir a vergonha **Tekka diz:** se você fica sempre com esse garoto, aos poucos vai se acostumando **Giih diz:** acho que não na nossa idade **Tekka diz:** se você for muito chegada na pessoa, acho que nem fica tão embaraçoso **Gell diz:** eh, se tiver bastante intimidade, diminui a vergonha **Tekka diz:** ver sem camisa é normal! **Gell diz:** qdo começa a tirar a calça, já vai dando vergonha, + dah + vergonha qdo tira td mesmo **Giih diz:** depende de como o cara tirar, do momento, do lugar e talz. Mas, pra mim, se tirou é pq quer alguma coisa! **Gell diz:** às vezes tbm é pra ficar + à vontade.... ushaushauhs **Tekka diz:** acho que pra eles ver a gente pelada é mais normal **Juhh diz:** tem garotos ki são tímidos **Giih diz:** tipo, acho que eles olham sites e talz **Luise diz:** depois que vê a primeira vez, fica tudo bem? **Juhh diz:** sim, mas se for outro cara, não **Gell diz:** se for com o mesmo cara vai ficando + suave.

78% das meninas sentem vergonha de ver um cara pelado pela primeira vez
71% acham que, quando rola, o melhor a fazer é disfarçar e fingir que nada está acontecendo
41% pensam que o que dá vergonha é ver o pênis!

Como encarar esse momento?

Para não morrer de vergonha ao ver um garoto sem roupa pela primeira vez, é preciso ter intimidade com ele. E isso vem com o tempo e, de preferência, depois dos dois falarem sobre sexo. Se a idéia de ver um menino nu aterroriza, talvez a sua hora ainda não tenha chegado. Quando rolar, a dica é agir com naturalidade.

Quem deu as informações: Marcos Ribeiro, autor do Livro Adolescente – Um Bate-Papo sobre Sexo.

Filmes picantes!

Assistir a cenas de sexo pode ser bem divertido...

Luise diz: vcs assistem filmes eróticos, que têm sexo e historinha? **Tatiana diz:** eu assisto **Lara diz:** jah assisti por "acidente" **Bunekka diz:** jah assisti com amigas e com namorado. Quando assistimos juntos, me solto mais **Aline diz:** eu também assisto com namorado **Sool diz:** eh engraçado. Tipow... acho q ver um filme desses com o namorado eh um passo no relacionamento **Aline diz:** pra aprender um pouco, né. Hahusauhsa! **Lara diz:** eh engraçado e eh cultura **Tatiana diz:** eh um jeito de aprender **Aline diz:** aprender, não, aperfeiçoar **Bunekka diz:** aprendi coisas novas depois de assistir, posições **Aline diz:** acho que excita **Sool diz:** acho q excita mais ele do que eu **Aline diz:** meninos têm mais facilidade em sentir prazer **Luise diz:** alguém já viu com os pais por perto? **Sool diz:** eu naaum **Aline diz:** minha mãe me mata **Bunekka diz:** a mãe dele jah nos pegou assistindo **Tatiana diz:** eu tenho cuidado pra minha mãe não ver. Só quando são cenas de filmes mais leves **Luise diz:** e quem já viu pornô, que só tem sexo msm? **Bunekka diz:** não vejo mta diferença **Sool diz:** eh mais explícito **Lara diz:** o pornô eh mais vulgar, o erótico num eh **Bunekka diz:** eh bem mais ofensivo **Aline diz:** parece que as pessoas se odeiam nesses filmes **Tatiana diz:** hahaha, sim, são bem violentos **Bunekka diz:** eh melhor ver filme de sexo que tem historinha **Sool diz:** fica mais interessante **Lara diz:** assusta menos.

Luise, editora
Sool, 15 anos
Bunekka, 17 anos
Tatiana, 17 anos
Lara, 15 anos
Aline, 17 anos

É uma boa?
Filmes eróticos que mostram que, para transar, é preciso de envolvimento e afeto são boas referências para uma garota, ainda mais se ela é virgem. Agora, os pornôs tratam o sexo de um jeito banal. "Esses filmes não são reais. Neles, o sexo é sempre associado ao prazer, e a primeira vez de uma garota não costuma ser assim", afirma Mara Pusch, psicóloga da Unifesp. Depois que a menina já transou, os pornôs assustarão menos. Até lá, fique com o romance!

80% gostam de ver filmes com cenas de sexo
56% fazem isso sozinha
51% acham que eles são engraçados!

* Enquete realizada com 574 meninas no site www.capricho.com.br.

Atenção: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

ANEXO H – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1058, 2008, p. 80.

Conto ou não conto?

A melhor amiga pode ser sua maior confidente para falar de pegação

Luise, editora
Má, 16 anos
Gabê, 16 anos
Ale, 18 anos
Lara, 15 anos

Luise diz: vcs falam tudo sobre sexo com as amigas? **Ale diz:** falo td sim... sobre pílula, camisinha e trocamos experiências **Má diz:** depende. acho que em certos pontos eu sou mais reservada **Gabê diz:** ah, eu não falo muito. Minha melhor amiga é meio na dela **Má diz:** eu falo não só com a melhor amiga mas também com as amigas que têm mais experiência **Ale diz:** certeza! melhor amiga: o nome jah diz td **Má diz:** tem algumas coisinhas que eu nem comento, mas a maioria é tintim por tintim **Má diz:** o detalhe mais íntimo que eu contei eh que meu namorado broxou **Ale diz:** nossa, contei vários... huauhauhauhahua. Tipo lugares proibidos **Gabê diz:** que jah aconteceu no cinema. se é pra minha melhor amiga, não tenho vergonha de contar! **Ale diz:** depende da situação, mas, na maioria das vezes, não tenho vergonha de falar nada **Má diz:** ainda não aconteceu nada que eu não contasse para ela **Gabê diz:** minha amiga jamais me censuraria **Má diz:** ela te conhece o suficiente para entender o que vc faz **Lara diz:** se vc fala que pegou dois, três em uma festa, ela vai logo falar "tah podendo, amiga" ou "eram gatinhos?". Nada que vc é galinha.

Falar é bom!
 Ter uma amiga para a qual você possa contar detalhes da sua vida sexual é muito importante. "Melhor ainda se essa pessoa contribui para o seu crescimento", afirma Paulo Rennes, sexólogo da Unesp. A escolha do seu confidente deve ser feita com cuidado. Afinal, é para ele que você vai contar detalhes da sua vida que, você espera, não se espalhem entre a galera do colégio. Uma amiga de verdade saberá te ouvir e dar dicas sem julgá-la. Por isso, escolha bem!

53% contam detalhes do amasso ou da transa para as amigas
38% não falam nada por medo de serem julgadas
63% acham que certos detalhes são segredo

* Enquete realizada com 626 meninas no site www.capricho.com.br.

Primeiro mico

A primeira transa é tão estranha que pode render muitos momentos embaraçosos...

Luise, editora
Máa, 17 anos
Paaty, 16 anos
Mônica, 18 anos
Naath, 15 anos
Liliana, 15 anos

Mônica diz: mico eh estar sem depilar **Máa diz:** não ter tomado banho **Naath diz:** e se a menstruação desce na hora? **Paaty diz:** eu não sabia como se coloca uma camisinha **Mônica diz:** mico eh se surpreender com o tamanho do negócio do garoto **Liliana diz:** e também não saber qual a posição certa **Máa diz:** na primeira vez, nunca se sabe a posição certa **Luise diz:** a primeira transa já é um mico? **Mônica diz:** acho que não **Liliana diz:** eh verdade. Eu não sabia nada. Fiquei olhando pra cara do meu namorado, assustada **Paaty diz:** depende de como acontece. Mas, se for meio desastrada como foi a minha, ela por si só já eh um mico enooooorme **Mônica diz:** a minha foi um micão **Liliana diz:** o maior mico, nossaaa! Eu tava sentada no colo do meu namorado, mas eu não sabia que ia menstruar **Mônica diz:** aaah, mas, se você acha que a menstruação vai descer, nem rola **Marta diz:** meu maior mico eh que eu não consegui fazer oral **Paaty diz:** não saber como fazer oral e o garoto falar pra não usar os dentes! Nunca mais quero passar por isso! **Naath diz:** numa hora dessas, disfarçar eh sempre bom **Liliana diz:** eu fico rindo e peço desculpa **Naath diz:** acho q eles nem ligam mto se foi mico ou não **Mônica diz:** meninos são mais experientes. Se ele broxar, é engraçado **Naath diz:** a gente tbm tem q entender.

44% acham que o maior mico da primeira transa é não ter se depilado
40% dizem que, quando pagam um mico, o melhor a fazer é fingir que nada aconteceu
37% consideram a primeira transa sempre um mico por não saber como agir

E daí, o que fazer?
 Vai transar e, na hora H, lembrou que não se depilou? Encare a situação com humor. "Tirar sarro de si mesma diminui o tamanho do problema", explica Marcos Ribeiro, autor do livro *Adolescente – Um Bate-Papo sobre Sexo*. Isso ainda deixará o momento menos tenso. Agora, você só terá jogo de cintura para lidar com um mico se estiver segura no momento da transa. "Também ajuda pensar que o menino está com tanta vergonha quanto você", diz Marcos.

ANEXO J – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1060, 2008, p. 72.

Claro que tem que usar!

A camisinha te ajuda a relaxar antes, durante e depois da transa

Avise: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

Karol: vcs transam com camisinha? **Ana:** claro! Sem ela, naum acontece nada **Renatinha:** também acho. É o meio mais seguro de se proteger **Maáh:** acho essencial. Mas depois de um tempo com a pessoa dá pra se prevenir de outro jeito **Ana:** nada a ver! **Cah:** existem outros jeitos de evitar a gravidez, mas e as doenças? Mesmo estando juntos há anos, vc nunca vai saber se ele pulou a cerca **Karol:** vocês pedem para ele colocar ou esperam o cara tomar a iniciativa? **Cah:** eu levo uma comigo na bolsa e sempre peço pra ele colocar **Mari:** é a sua saúde em jogo, mas naum dá pra negar que rola muita vergonha meeesmo! **Karol:** e se ele insistir muito para fazer sem? **Mari:** eu saio andando **Ana:** total! Ele ia ficar na vontade! **Maáh:** depende da situação. Eu já fiz sem uma vez **Cah:** jura? Como foi? **Maáh:** bom! Mas fiquei meio encanada depois **Renatinha:** nem vale a pena. É muito melhor poder curtir sem ficar megapreocupada depois **Karol:** gente, e essa história de que transar com camisinha é igual chupar bala com papel? **Renatinha:** afff, ridículo **Mari:** nem tem o que falar. Quem pensa assim só pode ser muito burro!

Karol, repórter
Renatinha, 15 anos
Cah, 14 anos
Mari, 17 anos
Maáh, 18 anos
Ana, 15 anos

89% acham que a camisinha é indispensável na hora da transa
91% acreditam que, se o cara ama de verdade, nunca vai pedir para fazer sem camisinha
48% dizem que colocam a camisinha no menino assim que o clima esquenta

Como pedir para ele colocar?
O que conta mais nessa história é o seu amor próprio: ninguém quer uma gravidez indesejada ou alguma DST. Então, quando bater a vergonha, pense no seu bem-estar. A melhor estratégia é não deixar para tocar no assunto apenas na hora do sexo. Se não tiver coragem para falar, não fale! Simplesmente pegue a camisinha e coloque no cara. Caso ele diga não, seja esperta e pense muito bem antes de aceitar correr riscos desnecessários. Acredite: não tem nada melhor do que poder curtir o momento sem encanações!

Quem deu as informações: Giovanna Lucchesi, psicóloga associada ao Instituto Paulista de Sexualidade

ANEXO K – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1061, 2009, p. 66.



Me toque!
Você já passou a mão nele?

Luise, editora
Prii, 16 anos
Clara, 16 anos
Mcb, 15 anos
MgVc, 16 anos

Luise diz: onde vcs acham que eles gostam de ser tocados? **MgVc diz:** acho que todo menino tem um ponto certo. E muda de um menino para o outro **Mcb diz:** muda sim! Cada menino, uma personalidade **MgVc diz:** na nuca, às vezes até pede pra pegar entre as pernas e assim vai **Clara diz:** ah, tem muito menino que nas primeiras fidadas força sua mão pra pegar onde não deve **Mcb diz:** nenhum menino me pediu pra pegar "lá". Quando rolou intimidade, foi naturalmente! **Clara diz:** teve alguns que jah pediram ou jah tentaram colocar minha mão lá, mas daih eu acho errado... tudo tem seu tempo. Depende da intimidade **Mcb diz:** tipo, axo legal passar a mão no cabelo, na nuca! Depende do qnto vcs se conhecem... **MgVc diz:** acho que na primeira ficada é só na nuca, cabelo e talz **Prii diz:** mas tem hora que o clima esquenta, tipo, fico com vontade de pegar em mais lugares **MgVc diz:** tem meninos que querem que a gente pegue em certas partes **Clara diz:** depende do menino, porque tem uns que se assustam e soh acham tudo bem se eles colocarem a nossa mão **Prii diz:** eles se assustam, mas gostam **Luise diz:** dá vergonha de tocar? **MgVc diz:** ah, pra mim dah muuuita vergonha **Mcb diz:** se vcs se gostam e se conhecem, axo q não rola, não **Clara diz:** se for seu namorado e tal, acho que não tem problema nenhum **MgVc diz:** todas as vezes que eu namorei, eu nunca passei a mão nesses lugares **Clara diz:** mas, se nós passamos a mão, ficamos com fama de tarada **Mcb diz:** se o garoto quer algo mais sério, ele não vai achar q vc eh uma tarada!

81% tocam a nuca de um menino na hora do amasso
64% garantem que o toque vai ficando mais ousado com o tempo
65% acham que é demais pegar no pênis de um garoto nas primeiras fidadas

Passa? Não passa?
É normal ficar com um menino e ter vontade de passar a mão nele! Afinal, se vocês estão juntos, é porque rola atração física. E é mais normal ainda ter vergonha de fazer isso por medo do que o garoto irá pensar. "A vergonha diminui quando a menina se sentir confortável para assumir seus desejos e suas escolhas. Se as carícias ficarem gostosas e a garota se sentir segura na relação, a vergonha dará espaço ao prazer", afirma Giovanna Lucchesi, psicóloga associada do Instituto Paulista de Sexualidade.

ANEXO L – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1062, 2009, p. 62.

Papo delicado

Tem menina que conversa sobre sexo com um garoto numa boa. Já outras...

Luise, editora
Jê, 17 anos
Ná, 15 anos
Debys, 18 anos
Siiça, 18 anos

Siiça diz: eu converso, mas só quando ele toca no assunto **Debys diz:** pela conversa daí pra saber se o cara quer soh sexo **Ná diz:** eu converso muito raramente. Primeiro porque sou tímida e, segundo, porque tenho medo de ele me achar assanhada **Siiça diz:** ele puxou assunto quando estávamos sozinhos em casa. O papo rola quando a coisa começa a esquentar **Ná diz:** aih a gente se sente na liberdade de falar se tá a fim ou não **Jê diz:** falar de sexo está acontecendo e precisa ser conversado **Debys diz:** eu e meu ex conversávamos sempre antes de rolar algo. Quando estávamos no quarto dele, sempre se chegava no assunto **Jê diz:** eu falo quando acho necessário ou quando quero conversar sobre certa coisa, tipo anticoncepcional ou camisinha **Ná diz:** alguns garotos dão mais liberdade de abordar o assunto **Jê diz:** depois de transar, essa necessidade diminui **Debys diz:** depende **Ná diz:** aumenta, pois o assunto fica mais íntimo **Luise diz:** do que dá mais vergonha falar com eles? **Debys diz:** posições **Ná diz:** posições e fantasias!

Hora certa
Falar sobre sexo com um menino não é fácil! "É preciso de muita autoconfiança para encarar esse momento", explica Carlos Eduardo Carvalho Freire, professor de psicologia da PUC-SP. E isso só vai rolar quando você se sentir à vontade, o que só vem com a intimidade e a certeza de que quer falar sobre um assunto tão tabu com um garoto. Perguntar para as amigas como elas lidam com a questão só ajuda também. "É sempre muito bom saber que todo mundo passa pelo mesmo problema", completa Carlos.

64% conversam sobre sexo com um ficante ou namorado
51% esperam o menino falar sobre esse assunto
27% têm vergonha de comentar sobre posições

Aviso: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

E agora?
Eu sou a última virgem da turma!

Karol, repórter
Fávia, 15 anos
Jheni, 15 anos
Carol, 15 anos
Pathy, 17 anos
Paula, 17 anos

Jheni: ser a última virgem eh bom porque vc acaba ouvindo as histórias das amigas e, quando chegar a hora, não vai pagar tanto mico **Paula:** o ruim eh que vc sempre fica de fora das conversas **Flávia:** total! Mas pior que isso eh quando as amigas fazem pressão **Carol:** é, só naum pode se deixar influenciar. Cada garota tem o seu tempo **Karol:** e como os meninos encaram o assunto? **Pathy:** tem quem ache um absurdo ainda existir menina que nunca transou **Carol:** eu acho que eles têm mais cuidado com as virgens. Sabem que não podem chegar pegando **Paula:** em compensação, tem outros que ficam em cima, querendo levar o "prêmio" **Karol:** para quem vocês contam que são virgens? **Jheni:** esse é o tipo de coisa que a gente só fala pra melhor amiga **Flávia:** ou pra mãe! **Pathy:** eu naum tenho vergonha de dizer pra ninguém. Acho que tudo bem falar que você é virgem. O ruim é falar que já transou **Carol:** eu fui a primeira da turma a transar. Eh bem pior do que ser a última virgem. Você vira o centro das atenções. O bom é poder mostrar para as amigas que naum é um bicho-de-sete-cabeças.

74% acham que ser virgem não é um problema
61% só querem perder a virgindade quando encontrarem o cara perfeito
49% acreditam que os meninos valorizam mais as garotas virgens

E se rolar pressão?
Perder a virgindade não é como comprar uma roupa no shopping: não dá para ir na da sua amiga e, se rolar arrependimento, trocar a peça depois. Essa é uma decisão só sua e não existe ninguém melhor do que você para saber a hora certa. O melhor a fazer é não se deixar influenciar e relevar os comentários das colegas que, por já terem transado, encaram o assunto com mais naturalidade.

Quem deu as informações: Arlete Gaveranic, psicóloga especialista em educação e terapia sexual.

* Enquete realizada com 5032 meninas no site www.capricho.com.br.

Para tudo!
O que fazer quando você resolve desistir bem no meio?

Mari: não tem conversa. Se acho que naum tá legal, dou um stop na hora! **Vih:** mesmo porque não tem nada a ver fazer uma coisa de que vc não está a fim. **Thalitinha:** mas nem todo mundo pensa assim. Algumas meninas têm vergonha de dizer não pro cara. **Jéhzinha:** que péssimo! Se ele achar o fora ruim, é a certeza de que era o garoto errado. **Gabi:** eu até deixaria rolar, ver se melhora e tal. Mas, se eu realmente não estivesse curtindo, desistiria numa boa. **Mari:** é só não ser agressiva com o garoto. **Thalitinha:** também acho! Com jeitinho a gente consegue qualquer coisa deles (rs). **Vih:** é muito comum achar que está pronta e, na hora, perceber que se precipitou. **Gabi:** por isso é bom existir a opção de desistir. **Jéhzinha:** já aconteceu comigo e, no começo, meu namorado ficou um pouco chateado. É normal, né? Afinal ele estava todo empolgado. A tática eh não se fazer de vítima e agir naturalmente. **Karol:** e se ele quiser parar? **Vih:** nossa, aí eh estranho demais. **Mari:** total! Eles geralmente são mais desencanados pra isso. **Gabi:** eu acho normal. Todo mundo tem seus limites! **Thalitinha:** a verdade eh que todo mundo precisa saber que sexo é uma coisa que só acontece quando os dois querem!

Karol, repórter
Jéhzinha, 16 anos
Mari, 18 anos
Vih, 15 anos
Gabi, 14 anos
Thalitinha, 16 anos

E o que isso quer dizer?
Quis parar uma transa no meio? Nem precisa se preocupar, pois não tem nada errado com você. Sua atitude só mostra que está faltando alguma coisa para esse momento acontecer. Pode ser que você esteja encanada com algo ou não se sinta preparada AINDA. "Tenha certeza que o não de hoje traz mais cumplicidade e se transforma no sim de amanhã", explica Aderson Luiz Costa Junior, professor de psicologia da UNB.

54% têm medo de interromper a transa e deixar o garoto chateado
64% desistem porque não se sentem preparadas
69% acham que falar com jeitinho é a melhor forma de parar uma transa

ANEXO O – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1065, 2009, p. 69.

Disfarça! Você finge que está gostando da transa só para agradar o menino?

Avise: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

Luise, editora
Andrielly, 18 anos
Isabella, 15 anos
Carla, 15 anos
Gabryela, 16 anos
Millinha, 18 anos

ZZZ

Millinha: com certeza, naum tem como vc falar que tah ruim na hora
Isabella: eu naum finjo. Falo se estou ou naum gostando **Carla:** depende da situação. Se eu gostar do menino, finjo
Millinha: talvez role de falar depois
Andrielly: mas depois que começa você acaba ficando a fim de verdade.
 Às vezes, eu não tô com vontade e ele sim
Millinha: é difícil magoar quem você gosta. Falar q naum tah gostando da transa magoa os homens **Andrielly:** daih, pra não deixar ele chateado, você acaba fingindo **Carla:** as meninas sabem fingir bem **Andrielly:** só que tem garota que finge e tem medo de dizer que não quer por medo de o garoto a deixar **Isabella:** acho que a menina finge mais na primeira transa porque naum sabe muito bem o que fazer **Andrielly:** acho que sim porque na primeira vez você nem sabe o que acontece com seu corpo **Carla:** eles se sentem menos homens por não agradar. Eles gostam de sentir bons em tudo! **Andrielly:** só que nem sempre o motivo pra gente fingir é não estar sendo agradada. Quando você não tá a fim... **Millinha:** mas quando eu naum tô a fim eu simplesmente naum faço **Isabella:** muitas meninas perdem a virgindade sem querer, soh pra falar pras amigas que naum são mais virgens **Millinha:** às vezes, uma mentirinha de leve não faz mal. Seu namorado vai adorar saber q é sempre tudo bom!

Para não ter que disfarçar!
 Medo de perder o menino, não querer magoá-lo...
 Muitos são os motivos que levam uma garota a fingir que está gostando da transa – quando, na verdade, está odiando! Não falar como se sente mostra que a menina não está à vontade com o garoto. “A primeira pergunta que ela tem que se fazer é por que isso acontece”, explica Giovanna Lucchesi, psicóloga do Instituto Paulista de Sexualidade. Pense sobre isso e crie coragem para falar!

57% já fingiram que estavam gostando da transa
52% fazem isso para agradar o menino
67% acham que, se o menino descobrir que ela está fingindo, é melhor admitir a verdade

ANEXO P – SEÇÃO SEXO, CAPRICHO EDIÇÃO 1066, 2009, p. 65.

Ele sabe tudo...

...Mas eu não! O que fazer quando o cara tem muito mais experiência do que você?

Karol, repórter
Cah, 17 anos
Angélica, 18 anos
Fê, 17 anos
Fraaan, 17 anos
Báah, 16 anos

Fraaan: eu acho muito legal. Dá para aprender coisas novas com ele **Angélica:** eu não concordo! Rola muita insegurança soh por ele saber mais que você **Báah:** eh verdade. Eu ia morrer de medo de fazer tudo errado e ele perceber **Fê:** claro que rola uma insegurança com relação a pagar mico e tal, mas eu acho legal. Se vc tiver intimidade, eh ótimo! **Cah:** na verdade, a maior vantagem disso tudo é que o cara mais experiente não é como os que começaram agora e são loucos por sexo **Fraan:** total! Já passei por isso e foi assim mesmo. Ele fez de tudo para eu me sentir mais à vontade e segura **Karol:** vocês acham que o garoto se sente bem sabendo mais? **Angélica:** óbvio! Qualquer um se sente poderoso, querendo dominar a relação **Fê:** eu naum acho. Acredito que, diferente dos caras que começaram agora e querem ficar com fama de pegador, os mais experientes são tranquilos e nem precisam mais dessa autoafirmação **Báah:** mas eles esperam uma garota mais atirada **Cah:** se ele gostar de verdade de você, pouco importam a experiência dele e a sua!

Fique calma!
 O fato de o cara ser experiente não quer dizer que ele saiba tudo. Se você aceitou transar com ele, confie na sua decisão. Então, relaxe e não fique tensa, com medo de fazer algo errado ou pagar algum mico. É essa tensão que pode estragar o momento, não o fato de ele saber mais sobre sexo do que você!
 Quem deu as informações: Mara Pusch, psicóloga e sexóloga.

34% pensam que eles preferem as inexperientes por se sentirem mais seguros ao lado delas
59% acham melhor transar com um menino mais experiente
31% se importam se o cara souber mais de sexo, pois têm medo de fazer algo errado

Aviso: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

ANEXO Q – SEÇÃO SEXO, CAPRICHO EDIÇÃO 1067, 2009, p. 67.

Que medo!

Dá pra ficar numa boa quando o assunto é sexo?

Karol, repórter
Maluuu, 16 anos
Thatá, 16 anos
Gabi, 15 anos
Maahh, 17 anos
Susu, 16 anos

Thatá: medo é quase o sobrenome do sexo, rsrs **Maahh:** nada a ver. Às vezes, não é medo. É insegurança.

Gabi: verdade! Eu ficava receosa com a minha primeira vez. Achava que ia morrer de dor. Óbvio que depois de perder a virgindade eu vi que naum era assim **Maluuu:** acho que o pior de tudo eh o medo de engravidar **Susu:** nooossa, nem fala. Isso eh aterrorizante **Karol:** mas, meninas, existem várias formas de prevenir a gravidez. A camisinha, por exemplo, é uma delas **Thatá:** mesmo assim, mesmo tomando pílula ou usando camisinha, eh impossível ficar numa boa **Susu:** sempre rola aquela dúvida: já pensou se acontece algo? **Maluuu:** além desses medos, também tem a encanação de fazer algo errado e o cara naum curtir **Maahh:** verdade, mas a garota tem que ser esperta. Isso naum vai acontecer caso ela transe com um garoto bacana **Thatá:** na real, um medinho de vez em quando é bom e impõe limites **Gabi:** eu naum concordo! Se for para ficar encanada e fazer com medo, melhor esperar.

Quando o medo se torna um problema?
 Você está lá, mas seus pensamentos, não. Se sua cabeça começar a girar em torno de dúvidas e o medo ficar maior do que a vontade de transar, esqueça! O sexo deve ser encarado como um momento prazeroso, não um problema! Claro que encanações sempre vão rolar, mas elas devem existir quando realmente houver necessidade (quando a camisinha estourar, por exemplo). Para evitar seus medos, conheça melhor o seu corpo e converse com as amigas. Saber mais sobre o assunto fará com que você se sinta mais segura para encara o sexo.

67% afirmam que sentem medo de algo relacionado ao sexo
 62% temem engravidar
 53% acreditam que os meninos sentem menos medo do que elas

Quem deu as informações: Giovanna Lucchesi, psicóloga especialista em sexualidade do Instituto Paulista de Sexualidade.

* Enquete realizada com 2074 meninas no site www.capricho.com.br.

Aviso: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

ANEXO R – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1068, 2009, p. 71.



Ele disse não!

O garoto sempre fez de tudo para transar, até que...

Karol, repórter
Suzzi, 15 anos
Kah, 16 anos
Carol, 15 anos
Vick, 16 anos
Laah, 15 anos

57% acreditam que o cara só recusa uma transa quando acha a menina feia
31% afirmam que o cara ser virgem é o principal motivo para ele dizer não
53% das meninas fingiriam que nada aconteceu caso passassem por essa situação

O que isso quer dizer?
 Assim como você tem seus dias de chatice e estresse, o garoto também tem direito de não estar bem de vez em quando. Então, não fique encanada nem chateada com ele. Em vez disso, converse e tente sacar o que está ocupando a cabeça dele. Mas, se o "não" vier várias vezes seguidas, pode ser um sinal de que ele está com um problema mais sério. Aí, o melhor é incentivá-lo a procurar alguém mais experiente e em quem ele confie para falar sobre o assunto.

Quem deu as informações: Oswaldo Rodrigues Júnior, terapeuta sexual do Instituto Paulista de Sexologia

Karol: é normal o menino desistir na hora H? **Suzzi:** isso é totalmente estranho. Que homem não gosta de sexo? **Kah:** às vezes, naum eh isso. Vai ver ele está com algum problema. **Laah:** ou eh virgem. **Carol:** verdade! Ele pode perder a vontade porque está inseguro. **Vick:** naum vejo nada demais nisso. Nós, meninas, temos nossas encanações e eles as deles. **Kah:** mas a situação deve ser horrível. **Laah:** nossa... Imagina? Levar um não durante o amasso. **Carol:** certeza que rola uma culpa. A menina deve ficar achando que tem algo errado com ela. **Vick:** claro! Começa a pensar que o garoto naum quis transar porque ela tem o corpo feio ou porque naum beija bem. **Suzzi:** já passei por isso e foi muuuito chato! **Kah:** conta pra gente! **Suzzi:** conto! Estávamos no maior clima e do nada ele pediu pra parar. Fiquei muito constrangida, dava para perceber que eu estava súper a fim. **Karol:** e como agir quando rola uma situação dessas? **Carol:** o melhor a fazer é conversar. **Laah:** acho que ia chorar. **Suzzi:** já eu mandei ele procurar um médico. O cara que faz isso não é normal! rs

Aviso: esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.



Eu só penso naquilo

O que fazer quando o sexo não sai da sua cabeça?

Luise, editora
Loren, 15 anos
Gisa, 18 anos
Giiih, 16 anos
Brunaa, 15 anos
Valeria, 15 anos

Na medida
 É bom pensar em sexo! Pode parecer que não, mas só isso já ajuda a preparar o seu organismo e a sua cabeça para quando a transa rolar. "Mas esse pensamento não pode atrapalhar a vida da menina. Ou seja, ela tem que conseguir estudar e fazer outras coisas", afirma Giovanna Lucchesi, psicóloga do Instituto Paulista de Sexologia. Se pensar no assunto está empatando a sua vida, é hora de falar com um psicólogo. Agora, jamais pensar em sexo não é legal. Nesse caso, também vale pedir ajuda. É importante encontrar o equilíbrio!

Valeria: eu penso mais ou menos em sexo... **Giiih:** aaah, eu penso o suficiente **Valeria:** tipo, quando eu vejo uma cena de SEXO na TV, sabe **Gisa:** não tem como não pensar, mas não é o tempo todo, como os meninos... **Giiih:** se naum eh o tempo todo, eh quase **Brunaa:** depende muito do que acontece no seu dia **Luise:** vcs acham que pensam mais quando estão a fim de um menino? **Loren:** claro, principalmente quando vc conversa ou vê ele **Gisa:** e também quando se tem namorado **Gisa:** e quando rolam AQUELES amassos. Eu penso até na aula – se for de anatomia humana :) **Giiih:** sim, eh uma hora que eu viajo. Fico conversando dessas coisas com as minhas amigas **Brunaa:** eu não costumo falar disso para os outros. Tenho vergonha. Então fico só pensando mesmo **Loren:** eu penso em posições **Valeria:** penso como seria minha primeira vez, no que eu vou sentir, tipo dor ou prazer **Loren:** se dói **Brunaa:** acho que eu penso mais na impressão que vai ficar depois **Gisa:** depois que rola a primeira vez, vc tem ctz que é bom e rola pensar mais **Valeria:** sim, porque vicia. Então uma amiga que naum é mais virgem e ela disse que naum vê a hora de ver o namorado dela pra eles fazerem de novo.

47% das meninas admitem que pensam em sexo todos os dias
52% dizem que, quando pensam, lembram mais dos amassos
61% falam que, depois da primeira transa, é normal pensar ainda mais em sexo

Aviso: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

ANEXO T – SEÇÃO SEXO, CAPRICHO EDIÇÃO 1070, 2009, p. 70.



Perdi a virgindade...

E agora, para quem eu conto?

Karol, repórter
Biih, 15 anos
Gabii, 16 anos
B.Fernandes, 16 anos
Máh, 15 anos
Rafa, 14 anos

Máh: sem dúvida nenhuma, para minha BFF. Morro de medo da reação da minha mãe caso eu dissesse pra ela. **B.Fernandes:** nem fala! Conte pra minha e ela chorou. Fiquei supermal e culpada. **Biih:** eu contaria pro meu amigo. **Rafa:** nossa! Para um menino? **Biih:** garanto que eles julgam menos do que as meninas. **Gabii:** eh verdade. Eu confiei na pessoa errada e me dei mto mal! Conte pra minha amiga, nós brigamos e depois ela espalhou meu segredo para a escola toda!

Máh: que barra. É preciso pensar muito antes de sair por aí falando pra todo mundo. **Biih:** eh uma coisa muito íntima, que só diz respeito a você e ao menino. Por isso, tem que pedir pra ele tomar cuidado também.

Gabii: na real, às vezes é melhor ficar quieta. Claro que é difícil guardar uma coisa dessas, mas pelo menos não existem riscos. **Karol:** para quem não rola contar de jeito nenhum?

Rafa: para a família, principalmente para o pai. **Máh:** nooossa, não gosto nem de pensar. Meu pai nunca entenderia. Ele ia querer me colocar num convento! **B.Fernandes:** pior que isso: ele ia começar a imaginar coisas horríveis cada vez que você saísse com seu namorado.

53% das meninas falam sobre a primeira vez com a melhor amiga
55% acreditam que é impossível guardar segredo ao transar pela primeira vez
85% acham legal quando a amiga fala sobre sexo com ela

E se você contou para a pessoa errada?
É chato, mas isso pode acontecer. Tome cuidado quando for revelar sua intimidade a alguém. Nem sempre é possível controlar o outro e o que era pra ser segredo pode virar fofoca. Se isso acontecer, fique calma e não tome atitudes precipitadas. Quanto menos importância você der ao fato, menos impacto aquilo terá nas pessoas. Deixe claro para quem traiu sua confiança o quanto você está desapontada e não toque mais no assunto. Se ouvir comentários maldosos, seja natural e lembre: não há nada de anormal em perder a virgindade.

Quem deu as informações: Carolina Costa Fernandes, psicóloga especialista em sexualidade.

Aviso: Esta seção pode conter material inadequado para menores de 14 anos.

ANEXO U – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1071, 2009, p. 79.



Preparar, apontar...

Alguns cuidados são fundamentais quando o assunto é primeira vez!

Karol, repórter
Flávia, 15 anos
Tay, 15 anos
Alee, 15 anos
Spinster, 18 anos
Karina, 17 anos

Flávia: é importantíssimo se sentir bonita. Por isso, é legal estar com uma roupa bacana quando for perder a virgindade. **Alee:** um perfume gostoso ajuda. Geralmente, o menino fica até mais empolgado quando sente aquele cheirinho bom. **Spinster:** o problema é quando acontece sem você esperar, como foi no meu caso. **Tay:** mas ser pega de surpresa pode ser legal. Aquela emoção que vem do nada, quando tudo acontece mais naturalmente... **Flávia:** concordo. A gente não tem que forçar a barra. É muito melhor deixar que a coisa simplesmente role. **Spinster:** em qualquer um dos casos, é fundamental já ter tocado no assunto com o garoto pelo menos uma vez. É preciso ter essa intimidade com ele. **Alee:** é ótimo também pesquisar sobre o assunto e conversar com as amigas antes de chegar aos finais. Quanto mais você souber, melhor! **Karina:** o bom disso é que, quando você sabe que está preparada, fica mais segura e aproveita melhor o momento.

Como controlar a ansiedade?
 Uma situação nova, como a primeira vez, deixa qualquer garota tensa. Mas não se engane achando que isso é sinal de que você não está preparada para transar. Sentir aquele friozinho na barriga é supernormal o problema é não saber encarar o momento. Para não ter que passar por isso, pesquise muito e converse com gente que poderá ajudar, como um ginecologista ou amigas que já transaram. Quando chegar a hora, relaxe e lembre: ninguém está 100% pronto para uma novidade. Nesse caso, o único jeito é vivê-la.

66% das meninas acham que é importante estar com uma lingerie fofa na primeira vez
 40% buscam informações sobre virgindade na internet
 57% acham que a maior preocupação é com a dor

Quem deu as informações: Regiane Garcia Rodrigues, psicóloga, sexóloga e professora do Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicossomática.

AVISO: ESTA SEÇÃO PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 14 ANOS.

ANEXO V – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1072, 2009, p. 87.



Então... É isso?!

Para muitas meninas, a sensação de ter um orgasmo ainda é um mistério

Talitinha, 18 anos
Nat, 17 anos
Marcela, 16 anos
Caroline, 15 anos
Isadora, 17 anos

Isadora: não tenho ideia de como eh sentir um orgasmo. Mas, pelo que ouço falar, deve ser maravilhoso. **Talitinha:** não tem muito como explicar, é indescritível. **Caroline:** imagino que deve ser como comer 1 milhão de chocolates ao mesmo tempo! Aquela sensação de ir até a Lua e voltar em três segundos. **Nat:** só senti uma vez, mas dá pra saber que você chegou lá porque é algo diferente de tudo. **Marcela:** mas não rola assim tão fácil. Além de estar muuuito à vontade, é preciso que seja com um cara confiável. **Isadora:** porque daí rola mais segurança também! **Talitinha:** só não pode querer agradar demais o menino e esquecer de você. **Nat:** verdade! Tem muita menina que acha que só o garoto precisa sentir prazer. **Caroline:** quem pensa assim está errada. Claro que é importante saber que ele está curtindo, mas a garota também tem todo o direito! **Marcela:** os dois têm que aproveitar. Nesse caso, os direitos são iguais!

Se ainda não chegou lá...
Calma! Isso não significa que você tem um problema. O prazer durante a transa não é algo que simplesmente acontece. Ele precisa ser conquistado. Como? Com prática! Depois de um tempo, as preocupações que rolam durante o sexo diminuem e você consegue conhecer melhor seu corpo. A partir daí, fica mais fácil sacar o que você gosta e estimular esses pontos durante a relação. Quanto mais relaxada estiver, mais fácil chegará ao orgasmo.

77% das meninas acham que rola chegar ao orgasmo logo na primeira vez
45% não sabem se já sentiram prazer durante a transa
73% acham que, para a transa ser perfeita, os dois têm que sentir prazer

* Enquete realizada com 2 304 meninas no site www.capricho.com.br.

AVISO: ESTA SEÇÃO PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 14 ANOS.

Quem deu as informações: Valéria Mol, psicóloga e sexóloga.

Ela insiste!

Ter uma mãe a fim de falar de sexo com você nem sempre é mico

Luise, editora
Julia, 14 anos
Priscila, 15 anos
Gabriela, 17 anos
Isadora, 16 anos
Mariana, 17 anos

Priscila: tenho vergonha de falar disso com a minha mãe.
Isadora: prefiro conversar mais com amigas. **Mariana:** eu acho supernormal. Às vezes, até acabo exagerando no assunto, haha! **Julia:** eu vou logo mudando de assunto.
Mariana: eu não costumo fugir. Acabo conversando.
Gabriela: eu prefiro ouvir na hora do que ouvir mais tarde!
Isadora: eu sempre dou aquelas fugidas, tipo: "Mãe, eu já sei de tudo". **Priscila:** eu nem fujo. Apesar da vergonha, axo q conversar sobre isso eh uma coisa boa. **Mariana:** eh bom porque acabamos sabendo bastante, mas às vezes eh meio chato. **Julia:** a minha fala comigo soh de prevenção.
Mariana: a minha fala de tudo, das doenças, da gravidez.
Isadora: de como é bom prevenir pra não se arrepender mais tarde. **Gabriela:** elas preferem tocar nesse assunto com a gente, acham melhor do que outras pessoas falarem. **Priscila:** minha mãe me deu um DVD sobre isso.
Isadora: sempre que a minha vê alguma reportagem e coisas assim, já me manda ler, rs! **Gabriela:** minha mãe me deu um livro quando tive que fazer trabalho de escola, rs!
Isadora: ela percebe que lendo a gente já entende e não toca mto no assunto. **Julia:** ai, eu ã gosto muito de falar com ela, ã me sinto à vontade. **Isadora:** às vezes é legal, sabe? Saber o que elas acham e tudo. Mas, pra mim, é melhor e mais fácil falar com amigas. **Mariana:** as mães também podem ter vergonha, como nós!

30% das meninas reclamam que a mãe insiste em falar de sexo com elas
74% morrem de vergonha de falar do assunto com a mãe
47% acham que a mãe faz isso porque pensa que é um papo necessário

Preciso encarar essa?
Tem menina que fala de sexo com a mãe numa boa. Mas há aquelas que simplesmente não curtem. E não há nada de errado nisso. "A mãe não pode obrigar a filha a ser sua fonte de informação", explica Mara Pusch, consultora de comportamento. O importante é ter uma pessoa mais experiente com quem falar. Vale um ginecologista ou uma prima mais velha. Suas amigas podem ser ótimas confidentes, mas têm dúvidas como você. Para sua mãe ficar sossegada, mostre a ela que você busca informações sobre sexo.

AVISO: ESTA SEÇÃO PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 14 ANOS.

ANEXO X – SEÇÃO SEXO, CAPRICHO EDIÇÃO 1074, 2009, p. 64.

AVISO: ESTA SEÇÃO PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 14 ANOS

Acho que não quero, e agora?

Não ter vontade de fazer sexo é algo que pode acontecer com qualquer menina

Karol, repórter
Mel, 16 anos
Julianne, 18 anos
May, 15 anos
Cris, 16 anos
Babi, 16 anos

Julianne: quando rolam dúvidas, eh porque a garota não está verdadeiramente a fim de fazer. **May:** nem sempre. Às vezes, a dúvida acontece por causa de uma encanação. **Cris:** verdade. Pode ser com o corpo que naum está bonito, com o cara que naum é perfeito ou com a dor da primeira vez. **Mel:** acho totalmente normal esse tipo de coisa acontecer. Cara, nem todo mundo precisa ser louco e viciado em sexo. **Babi:** cada menina tem seu momento. Seja ele de desejo ou naum! **Cris:** o que rola comigo e com algumas amigas eh que existe vontade, mas junto dela também existe muito medo. **Julianne:** exatamente. E isso faz com que vc repense se realmente quer correr os riscos. **Mel:** eu acho que a coisa é diferente dependendo da pessoa. Hoje tenho intimidade com meu namo para dizer sim ou naum, mas naum sei como seria com outro. **Karol:** e como vocês acham que o cara se sente quando ouve um não? **Babi:** rejeitado, né? Alguns até ficam bravos e chateados **May:** problema é dele. Nenhuma menina tem que fazer alguma coisa sem estar com vontade, principalmente se essa coisa for sexo!

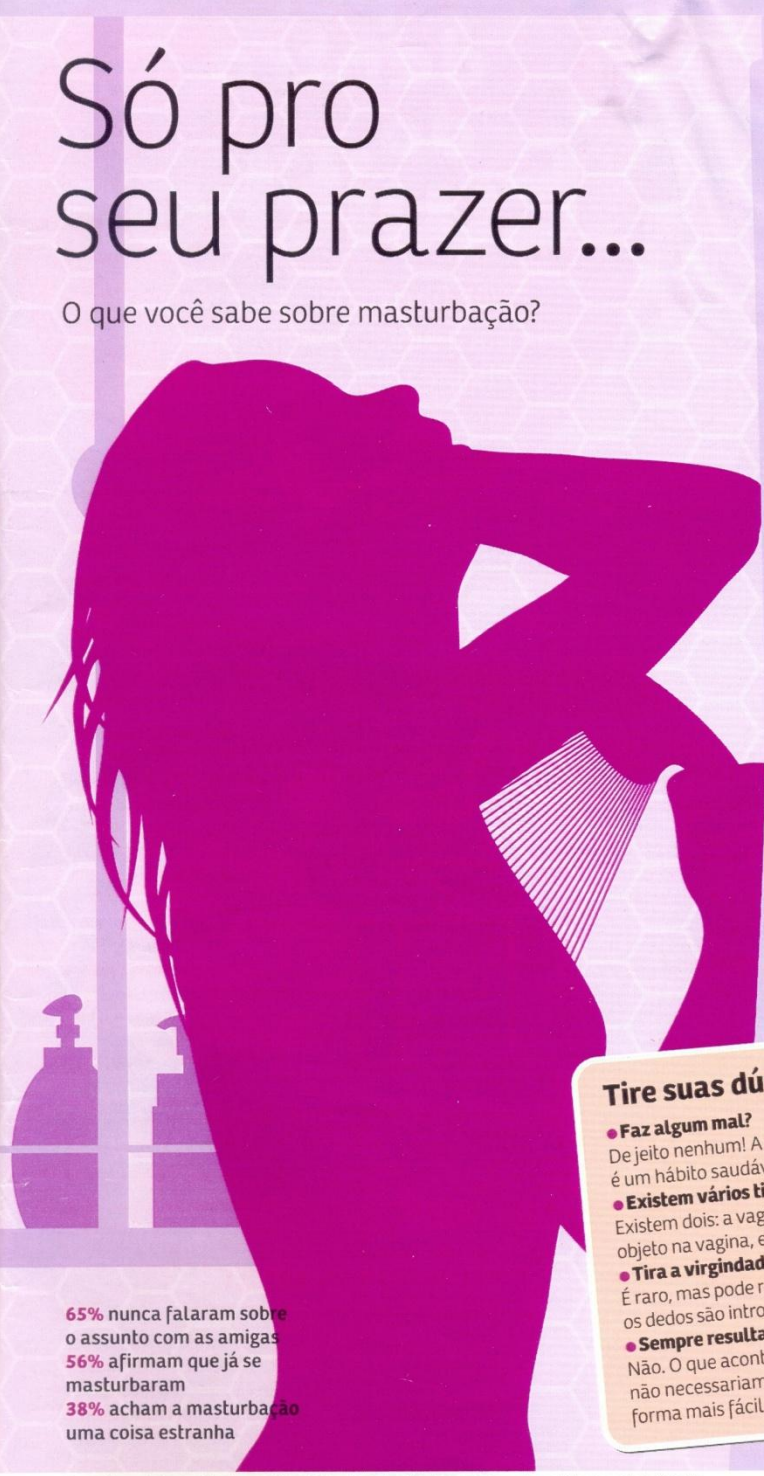
Quando fica sério
 É normal ter medo de encarar a primeira vez e, por isso, ficar sem vontade de transar. Até quem não é mais virgem e tem um namorado fofo pode perder o desejo às vésperas do vestibular, por exemplo. Afinal, sua cabeça está em outra. Agora, estranho mesmo é não ter vontade de beijá-lo nem sentir um frio na barriga quando ele te dá uns amassos. Isso pode ser sinal de que algo está errado. Talvez você não goste tanto assim dele ou esteja encanada com algo. Caso não consiga entender o que está rolando, bata um papo com um psicoterapeuta.

Quem deu as informações: Maria Helena Vitêla, educadora sexual e diretora do Instituto Kaplan.

55% afirmam que não transariam contra sua vontade só para agradar o garoto
40% dizem que ser virgem é o motivo de não querer fazer sexo
58% acreditam que meninos odeiam levar um fora na hora de transar

* Enquete realizada com 586 meninas no site www.capricho.com.br.

ANEXO Y – SEÇÃO SEXO, CAPRICHÓ EDIÇÃO 1075, 2009, p. 75.



Só pro seu prazer...

O que você sabe sobre masturbação?

Karol, repórter
Jê, 17 anos
Th.i, 15 anos
Thatiroots, 15 anos
G.J, 17 anos
Looh, 17 anos

Thatiroots: sinceramente, naum vejo nada demais nesse assunto. Eh só uma forma de conseguir prazer sem precisar do cara. **G.J:** apesar de ser verdade, naum consigo ver desse jeito. Ainda sinto muita vergonha em falar sobre isso. **Jê:** na real, eh uma coisa que quase todo mundo faz, mas naum assume! **Th.i:** naum concordo. Eu naum faço e acho errado alguém fazer! **Looh:** É nojento, neh? **Thatiroots:** ai, que ridículo pensar assim, gente! Ninguém precisa sair desesperada atrás de um menino quando pode se descobrir sozinha. **G.J:** verdade! Isso até ajuda na hora de se envolver com alguém. Vc já conhece seu corpo e fica mais segura. **Jê:** mas não eh o tipo de coisa que você sai contando por ai. Não dá para falar sobre masturbação com a mãe, por exemplo. **Looh:** eu naum consigo falar nem com as amigas. **Looh:** isso acontece por que, quando falamos em masturbação, logo vem na cabeça uma coisa que menina naum faz. **Thatiroots:** justamente. E masturbação só eh um tabu por que pensamos assim!

Tire suas dúvidas sobre masturbação

- **Faz algum mal?**
De jeito nenhum! A masturbação marca o início da vida sexual e é um hábito saudável que ajuda a garota se conhecer melhor.
- **Existem vários tipos?**
Existem dois: a vaginal, quando há introdução do dedo ou de um objeto na vagina, e a clitoriana, quando se estimula o clitóris.
- **Tira a virgindade?**
É raro, mas pode rolar. Dependendo do objeto ou do modo como os dedos são introduzidos na vagina, o hímen pode romper.
- **Sempre resulta em orgasmo?**
Não. O que acontece é uma sensação prazerosa, mas que não necessariamente leva ao orgasmo. Apesar disso, essa é a forma mais fácil de aprender como sentir prazer com o sexo.

65% nunca falaram sobre o assunto com as amigas
56% afirmam que já se masturbaram
38% acham a masturbação uma coisa estranha

AVISO: ESTA SEÇÃO PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 14 ANOS.

Quem deu as informações: Lorena Magalhães, ginecologista, terapeuta sexual e médica do projeto Afrodite.
 * Enquete realizada com 5200 meninas no site www.capricho.com.br.

E se ele me abandonar?

É chato, mas o garoto pode te dar um fora logo depois do sexo

Karol, repórter
Bruubs, 15 anos
Priih, 16 anos
Jess, 17 anos
Mahe, 16 anos
Aniinha, 17 anos

Bruubs: nossa, acho que esse eh um dos maiores medos de todas as meninas.
Mahe: total, principalmente se ela for virgem! **Priih:** eh uma situação chatíssima, mas a garota naum deve se arrepender caso tenha transado com um cara que sumiu depois. Afinal, se ela chegou a fazer isso com o menino, deve ter vivido bons momentos com ele. **Jess:** naum penso assim. Acredito que eh importante escolher alguém legal que transmita toda a confiança necessária para se chegar a esse ponto. **Aniinha:** mas nem sempre eh possível sacar se o cara eh capaz ou naum de te abandonar. Comigo já aconteceu de achar que ele era um príncipe encantado e, depois de uns amassos mais fortes, vê-lo no dia seguinte com outra! **Mahe:** quando estamos apaixonadas, rola uma ingenuidade boba mesmo. **Bruubs:** pior que nem precisa de muito para agradar a garota! Uma simples ligação de bom dia já estaria ótimo. **Aniinha:** mas se ele quiser mandar flores, bombom e pedir em casamento, sem problemas! Rsr!

51% temem que o garoto suma depois da transa
64% acham que, no mínimo, ele deve ligar no dia seguinte
70% afirmam que o maior motivo para ele ir embora é ter conseguido o que queria*

Rolou comigo!
 “Perdi minha virgindade com o cara que amava e foi lindo. Mas depois disso, ele passou a ignorar minhas ligações e apareceu na porta do colégio de mãos dadas com outra. Estou desolada e acho que nunca mais vou transar com ninguém!”
A.J., 16 anos, Rio de Janeiro (RJ)
 Temos que concordar: esse cara pisou feio na bola! Permita-se chorar e ficar triste pelo que aconteceu, mas não deixe que isso te perturbe por muito tempo. O melhor a fazer é pensar que, de qualquer forma, o que rolou foi especial e importante pra você! Não encare o episódio como um erro. Na verdade, isso só a torna mais experiente para encarar um próximo relacionamento!

AVISO: ESTA SEÇÃO PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 16 ANOS.

* Enquete realizada com 1260 meninas no site www.capricho.com.br.
 Quem deu as informações: Sylvia Faria Marzano, terapeuta sexual e diretora do ISEX.

ANEXO AA – SEÇÃO SEXO, CAPRICHOS EDIÇÃO 1077, 2009, p. 73.



Hora certa

Qual o momento ideal para o sexo?

Katie: eu naum concordo com quem acredita no momento certo. Tem muita menina que diz estar pronta e, na hora H, acaba amarelando. **Maah:** já eu acho errado quem se entrega do nada! É preciso muita intimidade com o menino e isso é uma coisa que só vem com a convivência.

Drêssa: na real, a garota tem mesmo eh que estar segura, sem encanações ou medo. E vamos combinar: isso não tem hora pra rolar. Estar preparada para o sexo é algo que não tem nada a ver com idade. **L.M.:** verdade! Naum importa se vc está com o garoto há um ano ou um mês. O mais importante é a confiança que rola entre vocês. **Tah:** acho que esse lance pode até estragar a transa. Comigo rolou meio sem querer e foi lindo. Até fiquei mais a vontade desse jeito.

Maah: naum consigo pensar assim. Tenho certeza de que para muitos meninos qualquer hora é hora de fazer sexo. **Katie:** por isso mesmo, é importante garantir que aquele momento seja especial para vc, sem esperar nada dele!

Karol, repórter
Katie, 16 anos
Drêssa, 16 anos
Maah, 16 anos
Tah, 17 anos
L.M., 15 anos

AVISO: ESTA SEÇÃO PODE CONTER MATERIAL INADEQUADO PARA MENORES DE 14 ANOS.

Se você ainda está em dúvida...

...melhor pensar mais! Não dá para encarar o sexo como algo sem importância. Pra ser bom, é fundamental que você esteja preparada. Não adianta topa transar e ficar com mil encanações. Isso só vai prejudicar o seu prazer! Tente conversar com o cara e dividir com ele todas as suas dúvidas. Se isso não rolar, pesquise com quem entende sobre o assunto. Puxe papo com uma amiga mais experiente e vá a um ginecologista. A melhor forma de se sentir segura é saber o máximo de informações para não ter de medo do desconhecido!

70% acreditam que existe hora certa para transar
56% acham que não há arrependimento maior do que transar no momento errado
66% afirmam que os garotos não se importam com a hora certa

Quem deu as informações: Giovanna Lucchesi, psicóloga especialista em sexualidade do Instituto Paulista de Sexualidade.